



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

RAFAELA MOREIRA DE LIMA

OS ESPAÇOS TANÁTICOS E OS ATOS FUNERÁRIOS EM
LIMOEIRO DO NORTE-CE (1989-2012)

FORTALEZA – CEARÁ
2015

RAFAELA MOREIRA DE LIMA

OS ESPAÇOS TANÁTICOS E OS ATOS FUNERÁRIOS EM LIMOEIRO DO
NORTE-CE (1989-2012)

Dissertação submetida ao Mestrado Acadêmico em História – MAHIS, área de concentração em História e Culturas do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito para obtenção de título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. João Rameres Regis

FORTALEZA – CEARÁ
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Lima, Rafaela Moreira de.

Os espaços tanáticos e os atos funerários em
Limoeiro do Norte - CE (1989 - 2012) [recurso
eletrônico] / Rafaela Moreira de Lima. - 2015.
1 CD-ROM: il; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do
trabalho acadêmico com 144 folhas, acondicionado em
caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade
Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado
Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2015.
Área de concentração: História e Culturas.
Orientação: Prof. Dr. João Rameres Regis.

1. Morte. 2. Comércio. 3. Rituais fúnebres. 4.
Planos funerários. 5. Funerárias. I. Título.

RAFAELA MOREIRA DE LIMA

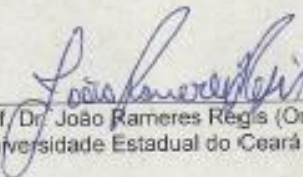
**"OS ESPAÇOS TANÁTICOS E OS ATOS FUNERÁRIOS EM LIMOEIRO DO NORTE-
CE (1989-2012)"**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

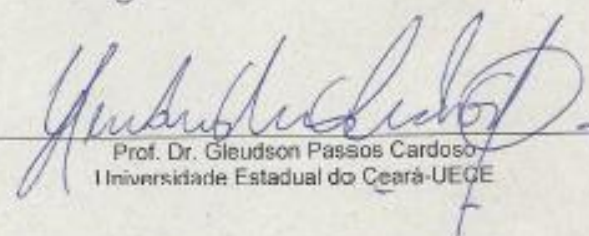
Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 25/06/2015.

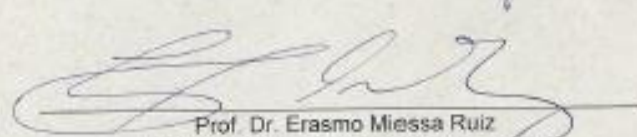
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Rameres Régis (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso
Universidade Estadual do Ceará-UECE



Prof. Dr. Erasmo Miessa Ruiz
Universidade Estadual do Ceará – UECE

À minha mãe, Antônia Alves de Lima, por todo o
apoio e carinho.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa realizada com muita dedicação e zelo, a qual o principal intuito é o de contribuir para a historiografia trazendo reflexões em torno do tema da morte. Tenho a certeza, porém de que este trabalho não teria sido possível sem a contribuição e o apoio de muitas pessoas que estiveram presentes durante esse período. É com muito carinho e respeito que venho agradecer a todos aqueles que se mostraram parceiros ao longo dessa caminhada.

Primeiramente, agradeço a minha família que em todos os momentos esteve ao meu lado dando forças e me encorajando a continuar o trabalho. De forma bem especial, sou grata aos meus irmãos Rejane Maria Moreira de Lima, Raquel Moreira de Lima e Tiago Moreira de Lima. A presença de vocês foi indispensável para que, de forma tranquila, eu continuasse o trabalho de pesquisa.

À minha mãe por nunca ter me deixado desistir, mesmo nos momentos mais difíceis. Com muito carinho e dedicação ela sempre me incentivou a trilhar os caminhos que escolhi seguir, sempre me orientando da melhor forma possível. Serei eternamente grata por ter ao meu lado uma mulher tão especial, exemplo de coragem e perseverança. Todo o meu esforço foi inspirado nela.

Ao meu namorado Samuel Nunes Limeira pela compreensão e paciência durante os períodos de ausência exigidos pela pesquisa. Agradeço por sua parceria e por suas ajudas nos momentos de angústias e incertezas.

Aos meus colegas de Mestrado pela convivência mais que especial, fico feliz em ter tido a oportunidade de conhecer e conviver com todos eles. Sou grata pela força que vocês sempre me deram e pelos momentos de alegrias que compartilhamos juntos, sem dúvidas, nossas trocas de experiências contribuíram de forma significativa para meu crescimento pessoal. Com certeza vocês serão sempre lembrados com muito carinho e admiração: Alex da Silva Farias, Ana Paula Gomes Bezerra, Antônia Natália de Lima, Aryanna da Costa Amorim, Flavio da Conceição, Lucas Pereira de Oliveira, Maria Adaiza Lima Gomes, Maria Claudia Vidal Lima Silva, Maria Elcelane de Oliveira Linhares, Nathan Pereira Barbosa, Rafaela Gomes Lima, Raimundo Nonato Nogueira de Oliveira, Desejo a todos vocês tudo de bom que a vida pode oferecer, espero que nossos caminhos voltem a se cruzar reforçando nossos laços de amizade.

De forma especial agradeço ao Prof. Dr. João Rameres Regis que orientou este trabalho com muita dedicação, paciência e sabedoria. Sem dúvidas, posso dizer que meu amadurecimento intelectual deve-se muito aos trabalhos que desenvolvemos juntos desde a graduação. Agradeço-lhe pela compreensão e apoio durante todos os momentos da pesquisa. Foi com seu trabalho de orientação que pude fazer reflexões sobre o ofício do historiador, buscando elaborar uma pesquisa com todos os cuidados teóricos e metodológicos exigidos pela academia. Além disso, sou grata por cada palavra dita nos momentos de aflições, obrigada por sempre ter me motivado quando pensei que não existiam mais saídas. Acredito que durante esses seis anos de convivências nós estabelecemos uma relação não somente de professor/aluna, mas também uma relação de amizade, carinho e respeito.

A todo o corpo docente do Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará – UECE, pelas leituras e discussões em sala de aula que muito contribuíram para o meu desenvolvimento crítico. Agradeço por todas as reflexões que fizemos durante o período de disciplinas.

À Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda por ter contribuído com a disponibilização dos documentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa, assim como, na troca de informações sobre o funcionamento da empresa. De forma especial, agradeço à gerente e amiga Mirineide Chaves Soares, que sempre se mostrou muito atenciosa buscando facilitar meu trabalho junto à funerária. Sem sua ajuda, o desenvolvimento da dissertação teria sido mais difícil. Aproveito para agradecer a todos os funcionários da Anjo da Guarda, que de forma cordial me cederam entrevistas e permitiram que eu acompanhasse de perto seus trabalhos. Agradeço a equipe de vendas pela forma gentil como me trataram quando precisei acompanhá-los no desenvolvimento das suas funções. Sem dúvidas suas contribuições foram de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa. A vocês, meu muito obrigada.

Quero deixar meus agradecimentos a todos os depoentes (consumidores dos planos funerários) que me receberam em suas residências dividindo comigo experiências que me trouxeram muitas emoções. Foram bastante prazerosas as tardes que passei ouvindo histórias que traziam consigo subjetividades e sentimentos, vivências que somente a fonte oral me permitiria.

Ao meu primo Diego Lima Mendes e a minha amiga Gina Meyre pela ajuda na aquisição de algumas fotografias importantes para a pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização das palavras escritas.

Aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Jr. e Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições para a escrita deste trabalho. Suas observações me permitiram corrigir algumas falhas presentes no texto.

Ao Prof. Dr. Erasmo Miessa Ruiz e ao Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso, pela atenção e gentileza em aceitar participar da banca de defesa.

Gostaria de agradecer a atenção e ajuda de Adauto Neto e Rosilda Martins que sempre se mostraram solícitos na secretaria do mestrado, tentando ajudar a todos os mestrandos sem distinção alguma.

Agradeço ao Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS), pelo suporte e cabedal de conhecimento que ali adquiri. Da mesma forma, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela bolsa concedida, a qual proporcionou tranquilidade para me dedicar à pesquisa, essa ajuda financeira foi de fundamental importância.

“[...] Cada vez que eu me despeço de uma
pessoa
Pode ser que essa pessoa esteja me vendo
pela última vez
A morte, surda, caminha ao meu lado
E eu não sei em que esquina ela vai me
beijar
Com que rosto ela virá?
Será que ela vai deixar eu acabar o que eu
tenho que fazer?
Ou será que ela vai me pegar no meio do
copo de uísque?
Na música que eu deixei para compor
amanhã?
Será que ela vai esperar eu apagar o cigarro
no cinzeiro? [...]
Vou te encontrar vestida de cetim,
Pois em qualquer lugar esperas só por mim
E no teu beijo provar o gosto estranho
Que eu quero e não desejo, mas tenho que
encontrar.
Vem, mas demore a chegar.
Eu te detesto e amo morte, morte, morte
Que talvez seja o segredo desta vida
Morte, morte, morte que talvez seja o
segredo desta vida [...]
Oh morte, tu que és tão forte, que matas o
gato, o rato e o homem.
Vista-se com a tua mais bela roupa quando
vieres me buscar [...]”

Canto para minha morte (Raul Seixas)

RESUMO

Nesta pesquisa objetivamos analisar o processo de atuação das empresas funerárias em Limoeiro do Norte – CE, buscando compreender em que medida essa atuação contribuiu para transformações nos atos fúnebres da referida cidade, de 1989 a 2012. Percebemos que ao longo dos anos o mercado funerário vem se especializando e ampliando sua cartela de serviços como uma forma de manter-se na sociedade de consumo em que vivemos. Pensar estratégias de mercado é umas das preocupações das grandes empresas funerárias, que cada vez mais vêm inserindo uma lógica comercial em torno das cerimônias fúnebres, tornando-as mais especializadas e padronizadas. Pretendemos, ainda, compreender como as empresas funerárias criaram novas formas de estetizar o cenário fúnebre com o objetivo de afastar as dimensões de perda e de horror anteriormente associadas ao tema. Tomamos como objeto de estudo, principalmente, as atividades da Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda e do Plano Funerário Afagu. A pesquisa utiliza a metodologia da história oral que, por conseguinte, recorre à memória de pessoas que aderem aos planos funerários, visando compreender esta adesão. Além disso, é com o auxílio dos entrevistados que podemos compreender como se caracterizavam os velórios das décadas de 1970 a 1980, apontando as permanências e rupturas existentes no cenário fúnebre.

Palavras-chave: Morte, Rituais fúnebres, Comércio.

ABSTRACT

In this research we aim to analyze the process of performance of undertakers in Limoeiro do Norte - CE, seeking to understand to what extent this action contributed to changes in the funeral acts in this city, 1989-2012. We realized that over the years the funeral market has been specializing and expanding its palette of services as a way to keep in consumer society we live in. Think market strategies is one of the major concerns of undertakers who increasingly have been inserting business logic around the funeral ceremonies making them more specialized and standardized. We intend to yet, understand how the funeral companies have created new forms of aestheticizing the funeral scene in order to eliminate loss and horror measures previously associated with the topic. We study mainly as object, the activities of the Funeral Family Assistance Guardian Angel and Funeral Afagu Plan. The research uses the methodology of oral history that therefore uses the memory of people who adhere to the funeral plans trying to understand the accession. Besides, with the help of the respondents we can understand how the wakes characterized the decades from 1970 to 1980, indicating the continuities and ruptures existing in the funeral scene.

Key Words: Death, Funeral Rituals, Trade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Morto vestindo trajes de São Francisco.....	35
Figura 02: “Anjinho”.....	37
Figura 03: Mulher morta vestindo trajes da Virgem Maria.....	38
Figura 04: Mulher sendo velada em um caixão preto.....	39
Figura 05: Cenário fúnebre em que mostra a utilização de novos apetrechos nos velórios (1993).....	62
Figura 06: Comercial Oliveira e Irmão (1960).....	71
Figura 07: Escola Municipal Liceu de Artes e Ofícios sob a presidência do sacerdote Cônego Misael de Sousa(1960).....	78
Figura 08: Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM.....	79
Figura 09: Sede da Rádio Vale do Jaguaribe e do Cine Capri (1964).....	80
Figura 10: Sede da Rádio Educadora Jaguaribana (1960).....	81
Figura 11: Inauguração de um posto de assistência odontológica na própria prefeitura (1960).....	84
Figura 12: Cortejo fúnebre.....	91
Figura 13: Tabelas de preços, serviços e planos.....	102
Figura 14: Executivos de Vendas na casa da cliente que acabara de aderir ao plano Afagu.....	108
Figura 15: Agência da Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 A MORTE E O ATO DE MORRER: ENTRE O VELAR E O SEPULTAR.....	26
1.1 A presença dos mortos no mundo dos vivos: o velar.....	28
1.1.2 As Irmandades Religiosas e a demonstração do medo do fim.....	43
1.2 “Deus me livre de morrer sem que passem em mim o óleo santo”: a extrema unção.....	48
1.3 “Essa cova em que estás, com palmos medida, é a cota menor que tiraste em vida”: o sepultar.....	53
1.4 A “passagem”: dos antigos velórios à padronização das funerárias.....	60
2 O COMÉRCIO FUNERÁRIO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAS EM LIMOEIRO DO NORTE.....	66
2.1 Limoeiro do Norte e seu processo de modernização do espaço urbano.....	67
2.2 O cotidiano: as mudanças no modo de vida dos limoeirenses.....	76
2.3 Para além da “Vida Eterna”: as casas funerárias e a compra dos artigos de velório.....	85
3 O EMPRESARIAR DA MORTE E O CONSUMO MORTUÁRIO.....	97
3.1 O empresariar: o consumo dos serviços funerários em Limoeiro do Norte – CE.....	99
3.2 Estratégias de vendas: “se tem mesmo que pagar para morrer, programe-se ainda em vida”.....	106
3.3 A morte camuflada: “o tema que devemos ocultar e banir”.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
FONTES.....	132
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXOS.....	140

INTRODUÇÃO

“O temor da morte, no entanto, não deve ser visto como o medo sem controle. O grande medo era mesmo morrer sem um plano (...)”

(João José Reis)

O trabalho de pesquisa que ora expomos tem por objetivo apresentar uma análise com relação às concepções sobre a morte, construídas pelos indivíduos ocidentais cristãos, apreendendo como estas pessoas se relacionavam com o fim da vida. A partir de tais análises buscamos compreender qual a relação existente entre as mudanças nos rituais fúnebres em Limoeiro do Norte – CE e o comércio funerário. Almejamos analisar como este evento natural da vida humana se torna um negócio rentável e lucrativo para empresas funerárias particulares, que passam a cuidar de todo o processo que a envolve.

A presente pesquisa aspira contribuir para uma análise historiográfica acerca do consumo mortuário no Ceará, tomando como campo socioespacial o município de Limoeiro do Norte – CE. Pretendemos, ainda, compreender como as empresas funerárias criaram novas formas de estetizar o cenário fúnebre, com o objetivo de tornar os planos funerários um item de consumo indispensável para se viver de forma tranquila com relação à morte. Tais empresas também utilizam como estratégia de venda um discurso que tenta afastar as dimensões da perda e do horror anteriormente associadas ao tema. Percebemos, dessa forma, que o apelo comercial nesse ramo de negócios acaba instituindo a necessidade de adesão aos consórcios funerários.

Nosso recorte temporal compreende o período de 1989 a 2012. A data inicial da pesquisa justifica-se por ser o ano em que a Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda se instalou na cidade de Russas – CE¹, ampliando sua área de atuação para as cidades da Região Jaguaribana. É nesse ano que a prestação dos serviços funerários se inicia, possibilitando, como o passar dos anos, um variado comércio em torno da morte. A data final justifica-se por ter sido a última vez em que os contratos de adesão aos planos foram redefinidos, estabelecendo mudanças no que diz respeito à relação empresa/cliente. Foi neste referido ano que novas regras de mercado foram postas nos contratos evidenciando que a forma como a empresa lida com os cuidados referentes a morte segue

¹A sede (Matriz) da empresa funerária localiza-se na cidade de Russas-CE.

uma lógica comercial. Nesse sentido, almejamos com este estudo compreender em que medida o processo de atuação das empresas funerárias em Limoeiro do Norte – CE influenciou para transformações nos atos fúnebres, neste referido município. Optamos por fazer uma história do tempo presente, buscando analisar um tema que se mostra bastante atual e que requer uma análise historiográfica atinente ao debate sobre o tempo presente na história.

Por muito tempo a história do presente foi desprezada pelos historiadores, sendo esta uma tarefa considerada melhor feita por sociólogos, politólogos e alguns jornalistas. Em decorrência deste desinteresse evitou-se largamente a problemática do presente, fazendo com que houvesse um desequilíbrio entre os estudos dos tempos históricos em geral e o do nosso tempo e das questões que lhe são inerentes (CHAUVEAU & TÉTART, 1999). Compreendemos que durante os anos de 1970 o domínio da história do presente era, sem dúvidas, muito novo ou muito pouco referenciado no campo historiográfico, permitindo que houvesse uma ruptura entre o presente e a escola histórica predominante.

Entretanto os pais dos *Annales* Marc Bloch e Lucien Febvre atribuíram um lugar particular ao imediato, ao presente e mesmo ao político, fazendo surgir um interesse ainda maior por novas possibilidades de pesquisa. Com isso, consideramos importante levantar questões e fazer reflexões sobre temas que estão relacionados ao cotidiano, observando como os atores sociais vêm se relacionando com a morte, principalmente, na contemporaneidade. No que se refere a essas questões, Chauveau & Tétart afirmam que:

Vista como objeto, história do imediato é testemunho. Este é seu valor intrínseco. Esse testemunho pode tomar a forma de uma análise que, hierarquizando uma primeira vez as questões, os fatos, fornece conjuntamente arquivos, depoimentos, pistas de pesquisa e esboço de interpretação. Ainda que mantenha um aspecto científico, a história do imediato permanece principalmente uma matéria para reflexão, como todas as histórias, mas ao preço de uma releitura. (CHAUVEAU & TÉTART, 1999, p. 24-25).

É nesse sentido que encontramos como desafio pesquisar um tema que segue um curso ainda incerto, já que a morte e o comércio funerário estão passando por transformações cada vez mais aceleradas. Além disso, estamos analisando um fenômeno onde somos testemunhas de tudo que está acontecendo, sendo possível observar passo a passo as mudanças ocorridas no próprio objeto de estudo. De acordo com Agnès Chauveau e Philippe Tétart:

Esta análise formulada no calor da hora, que seja a obra de um historiador reputado, de um jornalista experiente, e mesmo se o público pôde referir-se a ela (imediatamente ou mais tarde), deve ser considerada antes tudo como testemunho, como objeto histórico. A qualidade dos autores e a realidade da demanda social não estão em causa, mas não são fatores de cientificidade. Certamente, aquele que escreve história imediata é testemunha e historiador (enquanto (d) escreve a história), ele nunca ignora o rigor científico. Mas ele é igualmente autor, está em relação direta com seu tema. Ele pode ser passivo ou ativo, neutro ou engajado, e sua obra pode se tornar tomada de posição ideológica, moral, benevolente ou combativa. E se seu trabalho adota a forma de uma observação científica rigorosa, de uma dedução dos fatos procurando a maior neutralidade, esta, nós bem o sabemos, não é menos objeto da história do que a leitura dos fatos através de um prisma ideológico, filosófico, moral ou religioso. (CHAUVEAU & TÉTART, 1999, p. 25-26).

Consideramos que a história do imediato ou tempo presente² tem se tornado uma ferramenta de pesquisa bastante importante, uma vez que, ela tenta dar conta de uma demanda de temas atuais. Buscamos, com isso, enriquecer os debates em torno de objetos de estudo que até então foram colocados em segundo plano pelos pesquisadores, e que agora nos servem para compreendermos melhor nossa realidade social e cultural.

Portanto, inicialmente a pesquisa toma como principal objeto de estudo as atividades da casa funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda, percebendo que esta é, no município de Limoeiro do Norte, uma das maiores empresas funerárias, considerando-se os números de clientes e cartela de serviços. Além disso, a Anjo da Guarda foi a pioneira em introduzir um modelo de plano fúnebre associado aos benefícios ainda em vida, fazendo com que as pessoas relacionassem o consórcio funerário não somente à morte. Um dos maiores diferenciais da mesma foi a implantação do plano Afagu no município de Limoeiro do Norte – CE, criando um sistema de parcerias com outras empresas locais, garantindo descontos em diversos serviços³.

O interesse por este tema, considerado por muitos como estranho e exótico, surgiu durante a graduação em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos

²A imediata é o complemento da história do presente. As duas são vetores da legibilidade do presente para um público ampliado e solicitante: a história do imediato como a história do presente a essa demanda. Entretanto, essa constatação não se deve prestar a confusões. Certamente, há unidade cronológica com a história do presente. Certamente, há uma demanda multiforme e uma resposta. Mas é preciso definitivamente distinguir o que se apura de uma verdadeira pesquisa histórica daquilo que não faz parte inteiramente desta: a história do imediato pertence a essa segunda categoria. (CHAUVEAU & TÉTART, 1999, p. 27).

³O plano Afagu disponibiliza aos seus associados uma rede de parcerias que lhes dão descontos em atendimentos médicos, oftalmológicos, odontológico, ginecológicos, psicológicos, e descontos em vários estabelecimentos comerciais como: supermercados, farmácias, laboratórios, etc.

(FAFIDAM), em Limoeiro do Norte, campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), entre os anos de 2008 a 2012. Foi a partir das leituras dos livros: *A morte é uma festa* de João José Reis e *A história da morte no ocidente* de Philippe Àries que o tema da morte começou a despertar a nossa curiosidade, fazendo-nos observar o quanto os rituais fúnebres haviam se modificado, assim como a relação entre vivos e mortos.

Entre as fontes metodológicas empregadas para o desenvolvimento da referida pesquisa utilizamos a memória e a oralidade. Sabemos que as pesquisas que utilizam embasamentos orais já estão bastante consolidadas no meio acadêmico, e não cabe no âmbito desta análise retomar questões para justificar o trabalho com esses documentos.

Com o número cada vez mais crescente de trabalhos que utilizam-se dessa metodologia, acreditamos que estamos realmente avançando e experimentando muitas das possibilidades abertas pelo uso dessa fonte. Sem dúvidas, a maior destas possibilidades refere-se ao fato de podermos estudar e interpretar a história de modo mais complexo, na medida em que incorporamos esse tipo de fonte no processo de investigação.

De modo privilegiado, as fontes orais oferecem um conjunto de evidências subjetivas sobre os processos históricos e, dessa forma, abrem a possibilidade de uma melhor compreensão a respeito das relações sociais que os indivíduos constroem ao longo do tempo. Com isso, podemos trabalhar no campo mais profundo das percepções dos protagonistas e das representações por eles construídas, uma vez que a morte se torna um evento traumático para a comunidade, um momento de crise, que passa a ser dominada mediante a adoção de ritos que transformam o acontecimento biológico num processo social. (HERTZ *apud* GINZBURG, 2001, p. 88).

O trabalho com a subjetividade, a memória e as narrativas pessoais acompanha a prática da história oral, que se desenvolve cada vez mais assumindo seu caráter interdisciplinar. Para Portelli (1997) é a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. Ainda de acordo com este autor, a primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Trabalhar com entrevistas é conhecer aspectos da vida diária de pessoas que, até então, foram silenciadas e esquecidas pelos historiadores. Portelli afirma que:

Embora, possamos ser doutores em qualquer matéria entrevistando analfabetos, na situação de campos são eles que têm as informações e, gentilmente, compartilham-nas conosco. Manter em mente esse fator significa lembrar que estamos falando, não com fontes, nem que estamos por elas sendo ajudados, mas com pessoas. A questão não é que tipo de expressões já consagradas pelo uso empregamos em nossa abordagem; as boas maneiras são meramente a manifestação externa de respeito genuíno, podemos repetir, aprender, em vez de estudar, o quanto quisermos, mas nossos interlocutores com certeza não se deixarão enganar. (PORTELLI, 1997, p. 25).

Portanto, a utilização de fontes orais também tem a pretensão de compreender a ação histórica daquelas pessoas e grupos que não são contempladas nos documentos escritos. As fontes orais podem contribuir para preencher as lacunas deixadas pelos documentos escritos no tocante à história de classes menos privilegiadas. Para Ana Cláudia Aníbal Ribeiro (2013) não podemos deixar de mencionar que a oralidade possibilitou a aproximação do próprio agente/personagem com a pesquisa, dando a oportunidade de expor suas lembranças e visões dos acontecimentos, fazendo parte mais uma vez dos fatos, apesar do novo contexto influenciar em suas memórias e opiniões, é importante ressaltar essa participação social. (JUCÁ, 2011).

Mesmo com todas essas questões temos que compreender que as fontes escritas, por sua vez, não devem ser de forma alguma abolidas, mas, ambos os tipos de fontes, orais e escritas, podem ser confrontadas durante a pesquisa. Esse confronto poderá eventualmente fazer aparecer contradições e descontinuidades do processo histórico, mas também possibilitará uma reflexão mais profunda sobre a realidade que se pretende analisar.

Temos que pensar a história oral como uma metodologia que possibilita ao historiador diversas formas de obter e utilizar suas entrevistas de acordo com seus objetivos. Utilizando como proposta metodológica a história oral acedemos com a ideia de que:

A História Oral, como todas as outras metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática. (FERREIRA & AMADO, 2001, p. 16).

Com relação ao trabalho que desenvolvemos, utilizamos as entrevistas no intuito de extrair dos entrevistados suas relações com as práticas fúnebres anteriores à introdução dos planos funerários em Limoeiro do Norte – CE. É a partir da memória destes depoentes que tentamos compreender quais práticas e rituais faziam parte dos velórios nas décadas de 1970 e 1980, e que, no tempo presente passam por um processo de resignificação, permitindo, inclusive, a inserção de novas práticas mortuárias. Além disso, buscamos compreender quais os motivos que levaram essas pessoas a aderirem aos planos funerários, tornando-se indispensável, para estas, o pagamento de um consórcio fúnebre. Escolhemos como prioridade entrevistar pessoas mais velhas, que tiveram a oportunidade de acompanhar o processo de transformação nos ritos de morte e que na atualidade são consumidores dos planos Afagu. A escolha de pessoas idosas a serem entrevistadas decorreu a partir da leitura da obra de Ecléa Bosi (1994), levando-nos a uma conscientização do valor das informações prestadas por pessoas de idade avançada, no trato de temáticas históricas, pois o enredo obtido ultrapassou o estreito apanhado de dados e informes escritos.

Contudo, percebemos a memória como uma das fontes da produção do conhecimento histórico, podendo assim conhecer a história do cotidiano e distinguir os sentimentos do que muda e do que permanece com relação ao tema; o fim da vida terrena. Preocupar-se com a boa morte e com os rituais fúnebres que garantiriam ao indivíduo uma boa passagem para o mundo espiritual, eram sentimentos que faziam parte do imaginário de uma sociedade religiosa, que via a morte como uma passagem para outra vida, mesmo desconhecida esta poderia ser um lugar de descanso. Velar o corpo na própria casa do falecido, fazer a vigília e orações para afastar os maus espíritos eram práticas que faziam parte do cenário fúnebre das décadas passadas.

Compreendemos que a memória não é apenas um armazenamento de fatos, temos que perceber que tais reminiscências fazem parte de um processo de criação de significados. No decorrer da nossa pesquisa conseguimos perceber que os narradores tentam, a todo momento, dar sentido a um passado vivido por eles, e que hoje são forçados a revivê-los a partir de suas lembranças. Mas, conforme Ecléa Bosi (1994, p. 55) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

De acordo com Durval Muniz, “o ato de lembrar é, sobretudo, o trabalho de localizar lembranças no tempo e no espaço”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 203). É com o auxílio das lembranças de alguns velhos limoeirenses que vivenciaram um período

de transformações nos rituais fúnebres, que consigo fazer uma relação existente entre essas mudanças e o comércio funerário. Conforme Paul Ricoeur:

A lembrança não consiste mais em evocar o passado, mas em efetuar saberes apreendidos, arrumados num espaço mental. Em termos bergsonianos, passamos para o lado da memória-hábito. Mas essa memória-hábito é uma memória exercitada, cultivada, educada, esculpida. (RICOEUR, 2007, p. 77).

Compreendemos que o trabalho com a memória nos permite perceber o processo e a travessia por onde passam os fatos, o depoente descreve situações e acontecimentos com um grande número de detalhes minuciosos, que muitas vezes um documento escrito não nos oferece⁴. Além disso, apresenta-se em linguagem coloquial, carregada de imagens visuais que acaba despertando emoções e sentimentos a quem está sendo entrevistado e ao pesquisador. As pessoas, ao fazerem um relato, acabam ligando o início e o fim, ou seja, o passado e o presente, dando-nos a perceber que a história não é algo linear, que o tempo e a história estão cheios de curvas sinuosas e que cabe ao historiador decifrar certos sinais e signos que o entrevistado acaba por nos fornecer.

Não devemos, porém, falar em memória apenas como algo individual e íntimo, carregado de particularidades do próprio indivíduo, pois para Maurice Halbwachs (1920-30, p. 2) “(...) a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Temos que compreender que a memória é construída por personagens, tempo e lugares que vão se relacionando com a vida cotidiana e privada do indivíduo, construindo marcos que serão guardados nas lembranças. Trabalhar com as memórias dos indivíduos é, além de tudo, perceber suas ações, perspectivas, sonhos e visões de mundo.

Podemos apreender que a dinâmica da contemporaneidade e a noção de tempo acelerado tem forçado o retorno à narrativa, uma vez que, constantes transformações têm despertado no homem o sentimento de perda de identidade e de pertencimento. Quanto mais complexa a sociedade, quanto mais dinâmica e moderna, mais as pessoas buscam um referencial, um *algo* que lhes sustente a identidade, que lhes assegure um conforto, um refúgio.

⁴ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história – Bauru. SP: Edusc, 2007. 256 p: 21 – (Coleção História).

Para Ciro Flamarion (2005, p. 15) “O resultado do consequente desnorteamento é a forte necessidade sentida pelas pessoas de encontrar sentido para um presente que parece imprevisível, estranho, inexplicável: ‘outro’, portanto. Daí um investimento no sentido; ou, mais exatamente, na busca do sentido”. A sensação de um presente contínuo proporcionou a emersão de um sentimento de vazio, de perda de referências. É nesse processo que se enfatiza a ação da memória, pois é por meio de seu(s) uso(s) que os indivíduos conseguem estabelecer relações com o passado, sentimentos de identidade, (res)significando o presente e criando lugares de memória. Segundo Flamarion:

Um dos efeitos da superabundância dos acontecimentos e, mais em geral, do excesso de informação que nos ameaça em nosso presente pode ser o desnorteamento. Para este contribui, também, a noção, insistentemente afirmada nessas últimas décadas, de que o mundo em que vivemos é a tal ponto distinto de tudo que o precedeu, além de transformar-se a um ritmo tão alucinante, que a História se teria tornado irrelevante. Isto traz o risco de uma espécie de amnésia coletiva, voluntária, o que não poderia deixar de assustar os historiadores. Paolo Rossi declarou, referindo-se ao surgimento da memória, entre muitos profissionais da História, como modismo ou como obsessão: “Bem sei que o interesse atual pela memória se deve ao medo que sentimos da amnésia, de nossa incapacidade de conectar de alguma maneira o passado e o presente”. (CARDOSO, 2005, p. 16.).

Nesse sentido, compreendemos a importância do uso da memória como uma forma de analisar eventos considerados relevantes, mas que se apresentam no tempo presente – momento em que os meios de comunicação “democratizam” o acontecimento - como sendo banais. É neste ponto que a memória e a oralidade nos permitem perceber a relação dialética entre presente/passado.

À medida que os depoentes elaboram suas falas, estes, estão construindo e tecendo a própria história, elaborando e reelaborando as suas identidades. A memória que se tem do passado é sempre constituída de fragmentos, nunca de um relato detalhado e acabado. Estes fragmentos de passado são reunidos, ordenados e interligados no momento da narrativa. Do mesmo modo, o não dito, seja por sua aparente insignificância para o contexto, deve ser analisado e interpretado pelo pesquisador, pois é possível extrair do silêncio muitas informações.

Contudo não podemos deixar de ressaltar algumas preocupações inerentes ao trabalho com a memória, principalmente no que concerne às fontes orais. Durval Muniz

(2007) salienta que o discurso testemunhal não deve ser tomado como uma verdade inquestionável, mas como “um ponto de vista sobre o real”, assim como qualquer outra fonte metodológica a oralidade deve passar por um processo rigoroso de análise e interpretação.

Para a utilização dessa metodologia, devemos estar atentos também à adequação entre o tema e as questões orientadoras da pesquisa em função do tipo de fonte que será empregada. Trata-se de um testemunho subjetivo, falado, que expressa as impressões, avaliações, sonhos e opiniões do depoente. As questões devem, de alguma forma, levar em consideração e expressar a preocupação com as versões dos entrevistados sobre os acontecimentos e temas investigados. A pesquisa com história oral caracteriza-se justamente pela construção das fontes, por isso, as entrevistas formam o núcleo da investigação, o que torna muito importante a seleção dos entrevistados e o momento da entrevista.

Foi com o uso das fontes orais que pudemos perceber, ao longo da pesquisa, que o velório e todos os rituais e práticas que os seguem são manifestações sociais vinculadas à fé e à religiosidade dos cristãos, que de alguma forma se preparam para a morte. Percebemos que a preparação para o momento final da existência também está vinculada às atitudes tomadas pelo ser humano em vida, que depositando sua fé no sagrado se sentem mais tranquilos com relação ao seu futuro após a morte. Compreendemos que os rituais praticados pelos indivíduos são manifestações culturais e sociais que variam conforme o tempo histórico, a sociedade e a construção simbólica dos indivíduos.

Além da integração aos princípios religiosos, as formas de conviver com o inevitável e com as incertezas do destino do homem, após o seu fim, se dão através de relações mantidas entre vivos e falecidos. Preparar o velório, vestir o corpo do morto, fazer a sentinela, realizar o cortejo e sepultar o cadáver fazem parte dos rituais fúnebres que carregam em si uma gama de significados. Ter uma boa “vida” após a morte desencadeia nos cristãos a necessidade de manutenção dos ritos de passagem, que tem a função de estabelecer a ordem social perdida com o evento da morte.

Este estudo faz um diálogo com a história cultural, a qual possui fundamental importância na reflexão deste objeto de estudo na compreensão das representações, assim como do imaginário, possibilitando-nos analisar indivíduo e sociedade, suas sensibilidades e subjetividades, assim como as sociabilidades criadas e as apreensões da memória e do sujeito numa construção social e cultural. (PESAVENTO, 2003, p. 25). É

nesse sentido que apreendemos que as práticas e ações sociais de um indivíduo podem repercutir dentro de uma sociedade criando, dessa maneira, ligações entre esse sujeito e a sociedade a qual ele está inserido, a cultura pode ser compreendida por nós a partir das manifestações que existem entre essas relações sociais que o indivíduo produz e nelas se insere.

Carlos Ginzburg (1987) define o conceito de cultura como: o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamentos próprios das classes subalternas em certo período histórico. Concordamos quando Ribeiro (2013) afirma que a morte passa a ser um objeto de estudo, não mais somente como números, tabelas e quantificações, mas como uma prática em si. Conforme afirma Vainfas (2002) “a nova história cultural não nega a aproximação com as outras Ciências Humanas, admite o conceito de longa duração e os temas do cotidiano, tal como as mentalidades”. (VAINFAS, 2002, p. 16).

Portanto, as pessoas constroem ao longo do tempo significados e sentidos para todos os setores da vida social. Com relação à maneira de como vemos a morte e de como nos relacionamos com ela, compete-nos salientar que esta também é uma construção humana e que, por este motivo, deve ser objeto de estudos acadêmicos.

Na contemporaneidade, inúmeras são as transformações ocorridas nos rituais de passagem da vida para a morte, práticas que serviam para possibilitar uma boa morte agora deixam de existir ou simplesmente se transformam.

Sabemos que as fotografias podem ser utilizadas como suporte da memória que revelam, em sua maioria, um conjunto de símbolos e representações, e que muitas vezes essas imagens podem ser consideradas fontes importantíssimas para a produção histórica. Porém, vale ressaltar que o uso das imagens que aparecerão ao longo deste texto servirá de mera ilustração ao leitor, que poderá ter melhor compreensão das transformações ao qual estaremos analisando.

Além da utilização das fontes orais, analisaremos os contratos de adesão aos planos funerários, buscando perceber a relação entre empresa e clientes, bem como os níveis de adesão; o material de divulgação; e por fim a cartela de serviços dos planos “A”, “B”, “C” e “D”.

Compreendemos que a utilização de documentos escritos durante o processo de pesquisa deve ser apreciada e valorizada. As inúmeras informações que deles podemos retirar justificam o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, possibilitando o entendimento de objetos de estudos cuja compreensão carece de uma contextualização histórica. Acordamos com Cellard quando afirma que:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

Além disso, o uso de documentos escritos permite ao pesquisador acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social, sendo possível observarmos o processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. (CELLARD, 2008).

Contudo, para o desenvolvimento da pesquisa histórica consideramos indispensável a utilização de fontes orais e documentais que permitam um maior número de informações sobre o objeto estudado. A riqueza de detalhes por elas fornecida permitirá uma análise mais completa acerca do que se pretende abordar, sem dúvidas a metodologia utilizada em nossos estudos mostra-se como o fio condutor de toda e qualquer pesquisa.

Nesse sentido, utilizamos o material impresso da funerária visando analisar suas estratégias comerciais, tentando perceber como funciona a parte burocrática que envolve este tipo de comércio. Nestes documentos foi possível observar como os tipos de serviços estão estabelecidos pela empresa em forma de contratos e cartelas de serviços, que determinam quais os direitos e deveres do contratante e do contratado. Com o auxílio das informações expostas nos referidos documentos constatamos que a padronização do cenário fúnebre também está fundada neste material. Contudo, apreendemos que os números e letras frias do contrato não nos permitem adentrar ao universo dos sentidos e emoções que envolvem o tema da morte, somente as fontes orais, a bibliografia e a literatura que aborda essas questões nos possibilita tais percepções.

Com a análise do material de divulgação da Anjo da Guarda foi possível compreender como funciona o marketing atrelado ao comércio funerário, fazendo com que cada vez mais aumente o número de adeptos aos planos. Os panfletos, o guia Afagu e os *folders*, que são distribuídos, contém informações referentes às vantagens em ser um cliente da empresa. Analisamos tais benefícios tentando perceber como, entre tantos outros fatores, eles estão relacionados às mudanças nas práticas fúnebres em Limoeiro do Norte – Ce.

Contudo, estruturamos o trabalho em três capítulos para melhor desenvolver as análises sugeridas pela pesquisa, facilitando o entendimento sobre a discussão que faremos sobre a morte e o comércio funerário. Dessa forma, no primeiro capítulo, intitulado “*A morte e o ato de morrer: entre o velar e o sepultar*”, trazemos como questão central a análise das principais mudanças ocorridas nas práticas fúnebres no período de 1970 a 1980, tentando compreender as rupturas e/ou permanências com relação aos rituais funerários. Faremos uma análise com relação ao velar e ao sepultar, assim como as transformações no cenário fúnebre.

No segundo capítulo: “*O comércio funerário e as transformações socioespaciais em Limoeiro do Norte*”, temos como questão central analisar de que forma os limoeirenses encararam a introdução dos serviços funerários em fins da década de 1980. Nosso objetivo é compreender quais foram as principais mudanças sociais e econômicas ocorridas no município que permitiram o desenvolvimento das atividades comerciais em torno das práticas fúnebres.

No terceiro capítulo: “*O empresariar da morte e o consumo mortuário*”, tentaremos compreender como a ideia do ausente é incorporada pelas empresas como uma estratégia comercial, percebendo, por exemplo, a ausência de símbolos e as mudanças no léxico funerário. Neste momento, discutiremos como a morte passa a ser camuflada nas atitudes e nos discursos sociais, uma vez que novas terminologias vão surgindo no vocabulário fúnebre, a fim de ocultar e banir o sentimento de horror e medo causado pela morte.

1 A MORTE E O ATO DE MORRER: ENTRE O VELAR E O SEPULTAR

“Ah! minha filha, muita coisa mudou do meu tempo de menina pra cá, as pessoas mudaram muito. Os velórios mudaram, os enterros, tudo mudou. Parece que as pessoas não têm mais sentimentos quando morre alguém”.

(Dona Maria de Lourdes Maia Pitombeira)

Neste capítulo objetivamos analisar as mudanças ocorridas nas práticas fúnebres em Limoeiro do Norte – CE, assim como as representações que a população limoeirense criou em torno da morte no período de 1970 a 1980, analisando as rupturas e/ou permanências existentes naquilo que se refere ao morrer.

Nesse sentido, compreendemos que ter a consciência da finitude humana gera ao homem o sentimento de angústia e de inquietação. Temos conhecimento que a relação que o homem estabelece com a morte sofre mudanças acerca daquilo que ela representa. Pensar no fim é pensar que o nosso destino é inevitável e incontrolável, que este faz parte da natureza humana e que por isso temos que ver esse fato como algo que segue seu curso natural.

A confrontação do homem com a morte acarreta um sentimento de temor, que só vem a ser estabilizado a partir da atribuição de significações que remetem a uma continuidade, a um prolongamento da existência humana. Tais ordenações e significados se dão, portanto, no plano da cultura, cujos códigos estruturam e organizam a vida social. De acordo com Clifford Geertz:

A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do continente dos significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea. (GEERTZ, 1989, p. 30-31).

Referenciando-nos no imaginário cristão católico percebemos uma gama de significados atribuídos às cerimônias fúnebres que fazem parte de uma construção coletiva, expressas em práticas e representações. Enquanto historiadores, temos que

pensar essas construções analisando a multiplicidade de sentidos atribuídos à morte, que envolve símbolos, rituais e práticas. Sandra Pesavento, ao discutir o imaginário apresenta-o como:

Um “outro real” um real que partindo de representações, construídas pelo homem, vão dando significados às coisas. Ou seja, o mundo que vemos em que acreditamos é o mundo “real”, no sentido em que é transformado, pensado e vivido pela maneira como cada um o interpreta e compreende. O imaginário emerge entre o concreto e o onírico, legitimando a forma como percebemos a realidade. (PESAVENTO, 2002, p. 11).

Entre as muitas possibilidades, consideramos o imaginário como uma forma de abordar os sistemas simbólicos de ideias e imagens de representação coletiva, que conduz os pesquisadores a captar a multiplicidade de sentidos atribuídos ao acontecimento. A morte não significa somente o fim da vida do corpo, ela não é só um acontecimento biológico, mas um ato social que acarreta ritos que separa aqueles que se vão daqueles que ficam. As representações criadas pelos indivíduos com relação à morte, a partir das práticas e dos rituais que cercam este evento, devem ser consideradas um importante elemento de análise, uma vez que estas também passam por um processo de ressignificação. Utilizamos como definição de representação aquele apontado por Carlo Ginzburg:

Por um lado, a representação faz às vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro lado, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar. (GINZBURG, 2001, p. 85).

A nova forma adquirida pelas pessoas de se relacionar com os temas vinculados a morte tem nos mostrado que as representações acerca do fim da vida também se modificaram. Percebemos isso quando analisamos as mudanças ocorridas nos comportamentos dos indivíduos, quando se trata da forma como estes lidam com o morrer, com o corpo morto e tudo aquilo que diz respeito ao falecer.

Contudo, os mistérios que cercam a morte sempre nos instigaram. Mesmo que ela se faça presente em diversos momentos da nossa vida cotidiana, muitas vezes a tratamos com medo. Embora esteja ligada ao nosso dia a dia, a morte gera sentimentos de pânico e de angústia, principalmente porque, conforme a sabedoria popular, a única

certeza que temos na vida é que um dia iremos morrer, daí sermos forçados a criar um conjunto de sentimentos e rituais que nos faça sentir um pouco aliviados.

1.1 A presença dos mortos no mundo dos vivos: o velar

Antes, porém, de vermos a morte como *o fim*, temos que perceber que ela faz parte da construção social humana e que os indivíduos atribuem significados e práticas que mudam de acordo com o tempo e com o espaço. Dessa forma, devemos compreender a morte, as práticas mortuárias, enfim, toda ação humana que a envolve, numa perspectiva do processo histórico.

De acordo com Philippe Ariès (2001, p. 21) “como muitos outros fatos de mentalidade que se situam em um longo período, a atitude diante da morte pode parecer quase imóvel através de períodos muito longos de tempo”. O referido autor faz menção aos momentos de mudanças ocorridas nos rituais fúnebres, assim como no modo que os indivíduos se relacionavam com a morte, destacando como estas aconteciam de maneira lenta.

Podemos compreender que mesmo falando do período do Ocidente católico, e na França em particular, o autor faz reflexões que nos instigam no tempo presente, além de nos fazer refletir sobre as permanências de determinados ritos fúnebres, que embora sofram alterações lentas, não acompanham por total as modificações sociais e econômicas.

Mas, o que nos apresenta como inquietação no presente são as transformações ocorridas nas práticas fúnebres que parecem acontecer em um ritmo mais acelerado, uma vez que as empresas funerárias passam a cuidar de todo o processo que envolve o morrer.⁵ Para este autor foi possível “olhar” para o passado e observar essas transformações que se davam por concluídas até o século XIX. Mas será que hoje podemos concluir que estas mudanças estão acontecendo tão lentamente?

O que se apresenta como desafio em analisar todas essas transformações ocorridas no cenário fúnebre é o fato de tais mudanças ainda estarem em processo de concretização. Estamos falando em um tipo de comércio que a cada ano precisa estar inovando seus serviços com o objetivo de conquistar clientes. Isso permite que sua forma

⁵ Conforme Isabela Andrade o serviço funerário agrega todo o processo do morrer: o antes (com o serviço de prevenção do funeral), o durante (com serviço funeral), e o depois (com os serviços de assistência ao luto). (MORAIS, 2009, p. 96).

de atuação contribua para algumas transformações no que diz respeito às práticas funerárias.

Portanto, estamos diante de um fenômeno que se apresenta em pleno acontecimento, estamos vivenciando um fato que segue um curso ainda incerto. Mesmo que para muitos a morte seja um tema nada agradável, ela se faz presente no cotidiano das pessoas, uma vez que, estas pessoas passam a pagar a mensalidade de um plano funerário. Essa relação existente entre clientes e empresas funerárias deixa em evidência como o tema da morte está inserido em seu cotidiano, uma vez que, o pagamento mensal por um consórcio funerário torna-se prioridade no orçamento de uma família.

Analisar o consumo mortuário em uma cidade localizada no interior do Ceará significa também perceber que a mesma se encontra inserida, em certa medida, em um contexto mais geral. As práticas fúnebres em Limoeiro do Norte – CE não estão deslocadas de práticas que acontecem em outros locais, pois encontramos muitos elementos comuns a esses rituais praticados em um cenário de nível nacional. Apreender o processo histórico das práticas mortuárias nos permite compreender as permanências e rupturas ocorridas ao longo da história, dando-nos a perceber como os indivíduos atribuem sentido à vida e a morte.

A partir da pesquisa realizada encontramos dados que revelam como algumas pessoas associavam o velório à “festa”, principalmente as moças e rapazes que moravam no interior do município de Limoeiro do Norte, no período pretérito ao da nossa pesquisa. Nestes espaços, o velório era, muitas vezes, lugar e momento propício para dar início ou prosseguimento a uma paquera.

Observamos a partir do depoimento de alguns entrevistados, que na zona rural do município de Limoeiro do Norte, em fins da década de 70, raros eram os momentos festivos que pudessem alegrar os moradores das comunidades rurais. Normalmente, as festas religiosas organizadas pela Igreja Católica eram, por excelência, os momentos de maior efervescência, que mais mobilizava a população local. No entanto, os mesmos, aconteciam em um intervalo de tempo relativamente espaçado. Sobre a falta de lazer, uma das depoentes da pesquisa, a senhora Maria de Lourdes Maia Pitombeira, lamentou a vida pouco movimentada que levava, afirmando ao mesmo tempo que um dos seus divertimentos era ir aos velórios e passar as noites na vigília:

Eu me lembro que eu morando no Sapé, quando alguém morria eu gostava muito de ir pro velório só pra paquerar com os rapazes. Nem que fosse muito longe da minha casa, mas eu ia a pé só porque eu via

aquilo como um divertimento. E tinha mais, quando minha mãe não deixava eu ir, eu chorava.⁶

Assim como espaço de paqueras e novas amizades, o velório também se caracterizava como o espaço do bêbado, pois cachaças eram amplamente consumidas, fazendo-se da sentinela ao defunto um ambiente festivo. O senhor José Lopes⁷ em seu depoimento relatou que, muitas vezes as pessoas que levavam o caixão até o cemitério já se encontravam tão alcoolizados que, ao retornar do sepultamento, vinham “cambaleando” pelas estradas.

Dona Maria Augusta, por sua vez, ao lembrar-se dos muitos velórios que participara destacou, sobremaneira, a animação do ambiente, não obstante tratar-se de um velório:

Era bem animado! Ali, o pessoal fazia café, fazia um chá, não tinha bolacha e inventava o cuscuz. Às vezes tinha feijão cozinhado que ficava da tarde, aí nós jogava o arroz dentro e fazia aquele bocado de baião de dois praquele pessoal que passava a noite. Tinha deles que bebia, não era todos não.⁸

Porém, percebemos que associar a morte à festa é algo que vem desde os séculos passados, o qual João José Reis (1991) discute muito bem em seu livro intitulado: *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Segundo Reis, Thomas Lindley confirma o interesse baiano pela morte quando escreve o seguinte: “entre os principais divertimentos dos cidadãos se contavam os “suntuosos funerais” e as festas de semana santa, celebrados com grandes cerimônias, concerto completo e frequentes procissões, para os baianos morte e festa não se excluía” (LINDLEY *apud* REIS, 1991, p. 137).

Mais do que alegria, os passatempos apontavam ainda para outro significado da presença das pessoas no velório: além de cuidarem do destino do morto em sua viagem, a permanência dos participantes no espaço da sentinela parecia algo mais fundamental do que sua postura em relação ao morto.

⁶Maria de Lourdes Maia Pitombeira, 66 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 15 de maio de 2012.

⁷José Lopes Lima, 60 anos. Aposentado. Natural do município de Russas - CE, reside atualmente na cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

⁸Maria Augusta da Silva, 72 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 17 de julho de 2010.

Para Ribeiro (2013), a presença e a permanência das pessoas nos velórios mostravam-se como uma forma de solidariedade, com a qual se buscava meios para amenizar a lentidão do tempo na vigília e manter as pessoas próximas ao morto, como modo de apoio à família e de valorização do significado social do defunto. Desse modo, na passagem do dia ou da noite, entre conversas, orações e cânticos religiosos, o ato de oferecer bebidas e comidas, na medida em que os familiares, amigos e vizinhos se solidarizavam com a morte enunciada, contribuía com a prática dos ritos fúnebres para a benevolência da alma na batalha final.

Não podemos deixar de analisar, neste estudo, o luto assumido pela família, o qual também é um aspecto pertencente às condutas sociais realizadas durante o ato de velar. Nessa dimensão, o luto consistia em um processo que ocorria imediatamente após a morte de alguém. Não é um sentimento único, mas sim um conjunto de sentimentos e emoções que requeria um tempo para serem digeridos e resolvidos, e que não podia ser apressado.

O luto vivido pela perda de um ente querido se revelava de várias formas, as manifestações para expressar a dor da saudade e o dilaceramento da separação, ainda na década de 1980, eram expressas de diversas formas. Na fala de Dona Maria Augusta percebemos alguns elementos de enlutamento:

Naquela época, quando alguém da minha família morria, eu e meus outros parentes se vestia de preto pra mostrar que a gente tava de luto. Nem o rádio, nem a televisão se podia ligar lá em casa, a gente passava dias sem ouvir música ou outra coisa. Quando papai morreu eu passei meses vestindo preto, pra onde ia era de preto, um vestido, ou saia, seja lá o que fosse que eu vestia, tinha que ser preto.⁹

Observamos que o depoimento de Dona Maria reforça que a dor vivida pela família do falecido(a) deveria se manifestar de forma silenciosa, recatada, discreta, fazendo com que os enlutados demonstrassem sua tristeza diante do acontecido. Sobre isso Philippe Ariès, em sua obra intitulada *O homem diante da morte*, afirma que:

Ritualizado e socializado, o luto nem sempre representa completamente – pelo menos nas classes superiores e na cidade – o papel de desabafo que tinha tido. Impessoal e frio, em vez de permitir ao homem expressar

⁹Maria Augusta da Silva, 72 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte – CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 17 de julho de 2010.

o que sente diante da morte, ele o impede e o paralisa. O luto representa o papel de uma tela entre o homem e a morte. (ARIÈS, 2014, p. 431).

Portanto, vemos que o luto vivenciado de forma retraída acaba por reprimir os indivíduos enlutados, fazendo com que eles sejam impelidos a conter seus sentimentos para seguir um padrão de comportamento estabelecido pelos rituais católicos cristãos. Para Ana Cláudia Aníbal Ribeiro:

O luto se apresenta, portanto, como trabalho de perda, um mecanismo que busca elaborar o choque daquilo que foi perdido, retirado e possibilitando ao fim desse processo eleger um outro objeto no lugar daquele que foi perdido. O luto insere a morte na cultura, ele ressignifica o morto, o luto seria o ato de simbolização do morto. (RIBEIRO, 2010, p. 45).

No que se refere à prática do luto, ao qual se entregava às pessoas mais próximas ao falecido, era costume comum vestir-se de preto já no ambiente do velório, demonstrando, assim, respeito pelo amigo ou parente.

Deixar explícito publicamente o sofrimento sentido pela perda de um amigo ou parente fazia parte dos significados do luto, esta era uma manifestação social que se caracterizava pelo uso do preto. Porém, o luto que até então era uma manifestação social e pública passou a ser privativo e limitado a alguns parentes mais próximos, os signos deste acontecimento foram apagados e as expressões de dor foram contidas, suprimidas. Agora o luto passa a ser concebido como “um estado mórbido que deve ser tratado, abreviado e apagado”. (ARIÈS, 2003, p. 95).

O luto, assim, era aprontado para o sétimo dia após da morte. De acordo com José Reis, além de demonstrar a dor sentida pela perda, o enlutamento possuía outras funcionalidades sociais, como “o afastamento da alma do morto do mundo terreno, defendendo a família enlutada de sua volta, além de servir como preceito de prestígio social para as famílias mais abastadas”. (REIS, 1991, p.132).

Inúmeros são os rituais e as práticas que envolvem a morte, o *post mortem* e os cuidados com o morto(a), neles podemos analisar como nossa sociedade lida com as questões referentes ao tema. Durante a pesquisa, nos foi permitido compreender que os cuidados relativos a este acontecimento deveriam ser providenciados pelos familiares do falecido(a).

Os ritos de *post mortem* eram exclusivamente domésticos e de manifestação religiosa, eles iniciavam com a preparação do corpo: cortar o cabelo, lavar o corpo com

um banho de água misturada à cachaça e álcool para depois vestir o cadáver. Segundo Reis:

O cuidado com o cadáver era da maior importância, uma das garantias de que alma não ficaria por aqui penando. Cortavam-se cabelo, barba, unhas. O banho não podia tardar, sob pena de o cadáver enrijecer, dificultando a tarefa. Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia “impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espírito errante, um *isekú*. Tal como os iorubas, o defunto baiano devia estar limpo, bonito, cheiroso para o velório, esse último encontro com parentes e amigos vivos. (REIS, 1991, p. 114-115).

Em seguida, a vela acesa era posta na mão do defunto como uma forma de guiar o espírito do morto aos céus. Os olhos do morto eram fechados com o objetivo de fazer com que o espírito do indivíduo os fechasse para o mundo dos vivos, e os abrisse quando chegasse ao mundo espiritual.

Tomando como análise a dissertação de Cícero Joaquim dos Santos (2009), ao estudar sobre a morte da Rufina no município de Porteiras, destacou-se que naquela cidade o banho e a limpeza do morto eram logo providenciados. Tais modos revelavam experiências sociais intimamente estabelecidas. (SANTOS *apud* RIBEIRO, 2013, p. 39). Havia, assim, um conjunto de comportamentos que correspondiam de algum modo aos limites humanos perante o corpo. Para entrar no mundo celestial, segundo a crença cristã, o cadáver deveria ficar limpo das impurezas do mundo terreno. Portanto, as unhas eram limpas, os cabelos eram cortados e as barbas feitas. Nessa cerimônia, como esclareceu Cascudo (2002):

Nem todos têm o direito de tocar o cadáver. Somente aqueles que sabem vestir defuntos, pessoas de boa vida, especializadas, com a serenidade e compostura de uma exposição do ofício religioso. Trabalham depois para rezar e vão vestindo peça por peça de roupa falando com o morto, chamando-o pelo nome: dobre o braço, fulano, levante a perna, deixa ver o pé. (CASCUDO, 2002, p. 21).

Muitas eram as particularidades diante do trato com o corpo do morto, nem todos poderiam cuidar do ritual da limpeza. Havia, portanto, pessoas apropriadas para o serviço. Com base nas descrições de Câmara Cascudo, a folclorista Cândida Galeno (1977), ao estudar os ritos fúnebres no interior do Ceará, apontou que:

Em Limoeiro do Norte e Tauá, cidades do interior cearense, segundo depoimento das educadoras Carmosina Arraes Freire e Lili Feitosa, depois de morto, fecham-se os olhos do defunto, amarram-se-lhe os pés, cruzam as mãos sobre o peito, penteiam-se os cabelos e faz-se uma

limpeza nas partes do corpo que ficam expostas, descobertas, para dar ao morto boa aparência. (GALENO, 1977, p.17).

Observamos que o corpo do morto(a) deveria ser tratado com todo cuidado para que seu espírito chegasse ao mundo celestial. Para isso, cabia aos vivos providenciar os rituais e práticas que permitiam, segundo a crença cristã, que os espíritos dos que já se foram encontrassem o caminho dos céus. De acordo com Maria de Lourdes:

Eu tinha uma tia, irmã de papai, que morreu de doença de chagas. Quando foi pra ajeitar ela, arrumar tudinho, eu fique só observando o povo limpar o corpo. Eles cortaram as unhas dela, limparam o corpo, cruzaram as mãos dela em cima do peito e eu me lembro que tinha uma senhora que falava bem baixinho quando tava fazendo essas coisas, eu até achei que ela tava falando com a defunta... (risos).¹⁰

Nesta fala a depoente deixa em evidência que esses cuidados com o cadáver também aconteciam no município de Limoeiro do Norte, durante a década de 1970, e que aqueles que providenciaram a limpeza do corpo se preocuparam com o destino da alma da falecida.

Ainda no que se refere às décadas de 1970 e 1980, outro hábito comum em Limoeiro do Norte e, de maneira geral, nas demais regiões interioranas, era o uso de mortalhas.¹¹ Assim, especialmente entre os cristãos católicos, era comum vestir o morto de acordo com o santo de sua devoção em vida, pois desse modo, buscava-se uma garantia de proteção e de boa morte. No imaginário católico, as mortalhas dos santos ajudariam o morto no dia da sua passagem para o mundo celestial e, conseqüentemente, no dia do julgamento, o juízo final.

Preocupar-se com a vestimenta do morto fazia parte, por sua vez, das tarefas atribuídas à família e aos parentes mais próximos. Logo depois da confirmação da morte do ente querido encomendava-se a mortalha, normalmente confeccionada por um parente do falecido ou alguém da comunidade que já tinha o hábito dessa prática. Em Limoeiro do Norte, assim como nos municípios circunvizinhos, os trajes que mais vestiam os mortos eram as vestes de São Francisco, para os homens, e de Nossa Senhora da Conceição, para as mulheres. Segundo João José Reis:

¹⁰Maria de Lourdes Maia Pitombeira, 66 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 15 de maio de 2012.

¹¹No presente, as mortalhas não deixaram de existir. Apenas seguem uma padronização de acordo com tamanhos sugeridos pelas funerárias.

Os trajes de santos sugerem um apelo à proteção dos mesmos, e sublinha a importância do cuidado com o cadáver na passagem para o além. Vestir-se de santo representava desejo de graça, imaginar-se perto de Deus, a roupa mortuária protegia os mortos e promovia uma integração bem aventurada. (REIS, 1991, p. 2).

Como outros costumes funerários brasileiros, o uso da mortalha franciscana era uma herança ibérica. Data da Idade Média o costume de as pessoas em Portugal pedirem em testamento que seus cadáveres fossem amortalhados com o hábito de São Francisco. A iconografia franciscana indica que o santo tinha um lugar destacado na escatologia cristã. Na cidade da Bahia, uma pintura no teto da desaparecida catacumba do convento de São Francisco – um dos locais mais usados para o enterro dos que residiam na freguesia da Sé na primeira metade do século – retrata o santo resgatando almas do Purgatório, que visitava periodicamente com essa finalidade. (REIS, 1991, p. 117).

As pessoas eram vestidas com mortalhas de santo porque possuíam uma grande devoção por ícones católicos, e acreditavam que dessa forma estariam protegidas contra os maus espíritos, assim, faziam uma boa passagem para a outra vida. Vejamos na fotografia abaixo:



Figura 01: Morto vestindo trajes de São Francisco¹²

¹²Arquivo Pessoal de Ana Nunes, com idade de 70 anos, aposentada e residente na comunidade rural Jardim de São José, no município de Russas-CE. A fotografia é datada da década de 1977.

Depois da confirmação da morte, a família logo providenciava a aquisição de um caixão confeccionado, geralmente, de maneira artesanal. Enquanto aguardava-se o caixão, o corpo ficava em uma esteira no chão ou sobre uma cama. Vestir o morto e prepará-lo para o sepultamento era de responsabilidade das pessoas mais próximas do defunto, as quais, também providenciavam a limpeza do corpo. A senhora Maria de Lourdes nos conta que:

Eu mesmo ajudei muito a vestir os defuntos. A minha mãe, fui eu quem vestiu ela, com uma roupinha melhorzinha. O tio de Danilo (Marido da narradora), eu também ajudei. Às vezes, quando a roupa não cabia, a gente rasgava um pouquinho porque ia ficar atrás mesmo, ninguém ia ver. Quando o corpo já tava duro as pessoas levantavam o defunto pra vestir ele.¹³

Do mesmo modo, fazia parte da crença e das práticas religiosas vestir as crianças com os trajes de santos. Segundo a crença popular do Nordeste, quando morriam anjinhos, ainda não acostumados com os acontecimentos da vida e quase sem conhecer as coisas de Deus, era preciso que seus olhos fossem mantidos abertos para que pudessem encontrar com mais facilidade o caminho do céu. (RIBEIRO, 2013). Pois, “com os olhos fechados, os anjinhos vagariam cegamente pelo limbo, sem nunca encontrar a morada do Senhor”. (VAILATE, 2005, p.75).

De acordo com a autora Ana Cláudia Aníbal, “ao trajar as criancinhas com as roupas dos santos os pais imaginavam garantir que seu rebento não ficaria desamparado no outro mundo, estando guardados sob os cuidados dos seus santos”. (RIBEIRO, 2010, p. 31). Vejamos na imagem abaixo:

¹³Maria de Lourdes Maia Pitombeira, 66 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 15 de maio de 2012.



Figura 02: “Anjinho”¹⁴

A respeito dos indumentos infantis, Vailate (2005) observou que as mortalhas brancas eram as mais utilizadas pelas crianças, confirmando a existência de uma crença em que os pequenos eram associados aos tributos de pureza e inocência. Segundo Ana Cláudia a associação feita entre “inocência” infantil seria pelo fato de a criança não ter feito sexo em vida. As moças virgens também estavam inseridas nesse aspecto religioso (RIBEIRO, 2013). Assim, as jovens castas eram enterradas do mesmo modo que as crianças. Usando véu e grinalda de flores brancas a moça virgem tinha suas mãos fechadas como uma adoração à Virgem Maria. Como é possível observar na foto abaixo:

¹⁴ Arquivo Pessoal de Elizabeth Estácio, 53 anos, funcionária da Empresa Dakota Calçados. Residente na zona urbana do município de Russas. Fotografia datada do ano de 1986.



Figura 03: Mulher morta vestindo trajes da Virgem Maria¹⁵

De acordo com as pessoas entrevistadas durante a pesquisa, muitos relatavam que os caixões eram feitos de madeira com formato de grades, cobertos por um pano preto. Quando era solicitada a confecção de um caixão, os próprios carpinteiros de Limoeiro do Norte, especialmente nas comunidades rurais, passavam a noite trabalhando para que ao amanhecer do dia ele ficasse pronto. Devido a pouca resistência do material as pessoas colocavam uma escada de madeira ou uma esteira debaixo do caixão para carregá-lo até o cemitério. Vejamos na foto um exemplo desse modelo de caixão;

¹⁵Acervo cedido pela família Lima de Limoeiro do Norte.



Figura 04: Mulher sendo velada em um caixão preto¹⁶

Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa empírica, ouvimos relatos de pessoas que vivenciaram o período em que, na sua cidade, exista o caixão comunitário¹⁷, doado pela prefeitura ou pela paróquia. Na entrevista realizada com dona Maria José, natural do município de Potiretama¹⁸, hoje residente em Limoeiro do Norte, a depoente relata que no tempo de menina, as pessoas que não podiam comprar um caixão utilizavam-se, justamente, do que ficava disponível na igreja do cemitério. Segundo a mesma: “cansei de ver aquele caixãozão preto. Me lembro que, quando a gente ia arrumar a igreja, aquele caixão... e ainda era guardado dentro da igreja. Lá não tinha capela, no cemitério de lá, e era guardado dentro da igreja esse caixão¹⁹”.

¹⁶Família Nunes, 1964, Russas-CE.

¹⁷O caixão comunitário servia para atender às famílias que não podiam comprar um caixão. Terminado o velório, o cadáver era colocado na sepultura e o caixão retornava à igreja, onde era guardado para ser utilizado novamente por outro defunto, cuja família não possuísse recursos e pudesse pagar por um caixão.

¹⁸Ainda em 1962, Potiretama era uma comunidade subordinada ao município de Iracema-CE e recebia o nome de Vila Potiretama. Somente em 15 de maio de 1987, esta foi emancipada pela Lei Estadual 11.317 e passou à categoria de município. Portanto, Potiretama está circunscrita no espaço regional da pesquisa, evidenciando que muitas práticas mortuárias eram comuns aos municípios da Região Jaguaribana.

¹⁹Maria José Rodrigues Pinto Almeida, 52 anos. Aposentada. Natural da cidade de Potiretama – CE. Atualmente reside na cidade de Limoeiro do Norte – CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

Embora o caixão permanecesse em um espaço social, cotidianamente frequentado por dezenas de pessoas, para muitas, especialmente para as crianças, o *caixãozão preto*, como se referiu dona Maria José, não era algo tão natural, causando estranheza e pavor, transformando, por assim dizer, o espaço da igreja num ambiente tenebroso.

Ainda segundo dona Maria José, em Potiretama também existiam os chamados caixões familiares, ou seja, as famílias com maior poder aquisitivo compravam um caixão e o deixava guardado à espera da morte de algum parente. Findado o velório e chegada a hora do enterro do morto, o corpo era colocado na cova e o caixão era novamente guardado até o dia em que a família fosse chamada a viver outro momento fúnebre. A mesma entrevistada ainda relatou que, no tempo em que era criança, os mortos eram velados e enterrados em redes:

Eu lembro que, quando no tempo de menina, aí, quando morria uma pessoa ia costurar de noite aquela mortalha, tinha que fazer de noite pra enterrar o defunto. Muitos cantos não tinham cama pra botar o defunto, botavam era no chão, no chão limpo, numa esteira, eu me lembro, eu menina me lembro. Outros levavam numa rede.²⁰

Amarrada a um pedaço de madeira, a rede era conduzida por duas pessoas, geralmente homens, que se encarregavam de levar o defunto até o cemitério ou o lugar onde o mesmo seria sepultado. Para dona Maria José, a cena de ver passar um defunto dentro de uma rede, cujo movimento daqueles que a carregavam fazia com que a mesma se balançasse, era horrível, uma *assombração* que causava espanto e medo, principalmente nas crianças.

Conforme aponta Cascudo (2002), em vários locais no interior do Nordeste, era comum transportar defuntos em rede. A rede era colocada numa grade feita de quatro paus, às testas da grade eram amarrados os punhos da rede onde o defunto era colocado, sem que descontinuasse a cantoria durante o percurso.

Chegando à igreja, iniciava-se a encomendação da alma e, em seguida, o corpo era conduzido até o cemitério para o sepultamento. Depois, quatro pessoas

²⁰Maria José Rodrigues Pinto Almeida, 52 anos. Aposentada. Natural da cidade de Potiretama – CE. Atualmente reside na cidade de Limoeiro do Norte – CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

transportavam o morto até o local do enterro. A trajetória a ser percorrida era longa e para tanto era necessário um grande número de pessoas para realizarem o percurso.

Também observamos que o uso de flores para enfeitar os caixões ainda era pouco comum nos velórios desse período. Conforme a fala do funcionário da funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda, Ricardo Alves,²¹ só por volta de 1990 é que as pessoas introduzem esse hábito de colher flores do campo para ornamentar a urna, já que as funerárias ainda não forneciam. Conforme narra dona Maria José²², “quando minha mãe morreu eu fui quem foi atrás de folhas nos jardins dos vizinhos, saía catando por aí, onde tivesse flores eu pedia pra enfeitar o caixão”.

Não podemos deixar de enfatizar que as sentinelas em Limoeiro do Norte contavam com a presença das rezadeiras que sempre se encarregavam das preces, cânticos e ladainhas. Elas amparavam a família e deveriam fazer da reza um momento de união do morto com os vivos. Marco Teixeira (2009) descreveu que as rezas eram entrecortadas por momentos de relativa inatividade por parte das rezadeiras. “Essas ocasiões serviam para restabelecer a calma e o equilíbrio e eram aproveitados para consolar os familiares e se contar gracejos”. (TEIXEIRA, 2009, p. 8).

Também era de responsabilidade das rezadeiras fazer as preces finais, colocando uma vela na mão do moribundo para que a luz eterna pudesse iluminá-lo, e ainda, um crucifixo para que ele estivesse protegido no último combate pela salvação de sua alma. Nesse momento eram evocadas orações que faziam menção à Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo. (RIBEIRO, 2013).

Nesse contexto, os últimos momentos do moribundo eram seguidos de orações e ladainhas. Dona Maria Augusta ressalta que:

Eu mesma cansei de orar pra quem tava perto de morrer (como você chamou aí de moribundo né). Pois é, eu sabia todas as rezas pra aquele momento, eu e comadre Geraldinha sempre era chamadas pra ir pros velórios puxar o terço, fazer as orações. E eu gostava muito, às vezes o povo da família tava tão abalada que era eu que tomava a frente disso, chamava o povo para me acompanhar nas orações.²³

²¹Ricardo Alves, na época, gerente da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

²²Maria José Rodrigues Pinto Almeida, 52 anos. Aposentada. Natural da cidade de Potiretama – CE. Atualmente reside na cidade de Limoeiro do Norte – CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

²³Maria Augusta da Silva, 72 anos. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

Segundo Riedl (2002), a entonação do Ofício das Almas diz respeito ao entendimento de que os moribundos, mesmo engendrados em pecados, ainda que estes não fossem de grande relevância, eram pegos de surpresa perante a morte. Por isso, seria indispensável para alma do morto uma rápida passagem pelo purgatório para que sua entrada no céu fosse garantida. (RIEDL *apud* RIBEIRO, 2013, p 42). A folclorista Cândida Galeno em seus registros descreveu a letra de algumas “inselências²⁴”:

Bendito louvado seja meu Jesus da Piedade vamos rezar aos doze apóstolos e a Santíssima Trindade. É um irmão apóstolo que ganhou o paraíso, adeus, irmão, adeus, Até o dia de juízo. Quando eu falo em Deus, me alegro no meio da Cristandade, me lembro das três pessoas, irmão, da Santíssima Trindade. (GALENO, 1977, p. 35).

As inselências eram, normalmente, orações entoadas aos pés do defunto. Em Araújo também podemos encontrar alguns exemplos, entre elas:

“Hoje, os tempos mudaram, uma incelência ô mãe amorosa, seu filhinho vai morto, na vida saudosa. Duas incelências, etc”. No momento em que as incelências eram catadas, caso passasse alguma pessoa próximo a residência, uma das pessoas que acompanhavam o velório chamava passante: Chegai meu irmão das almas!. Sendo pequeno o número de participantes do velório, as rezas eram cantadas com o objetivo de aumentar o número de guardadores do defunto, tal como: “Chegai pecadô que há de morre, chama por Jesus pra te valê. Chama por Jesus enquanto é tempo, quando a morte vem, mata de repente. Quando a morte vem calada, sozinha, dizendo consigo, esta hora é minha. Chama por Jesus que Ele mandará, um anjo da guarda para te ajuda. Torna a chama, que ele vem também, com o seu ao lado, para sempre. Amém Jesus. (ARAÚJO, 1964, p. 406).

Segundo Ribeiro (2013) nesse processo, cabia aos vivos a entonação da oração para aliviar os pecados do falecido. Tais atitudes ocorriam nos últimos momentos na terra ou mesmo após sua partida.

Segundo João José Reis a morte no século XIX tinha que ser divulgada para que um grande número de pessoas participasse do funeral, evitando que os maus espíritos se aproximassem do defunto. Para isso, eram distribuídas comidas e cachaças para que as pessoas permanecessem no velório até o momento do enterro, ou seja, até o pôr do sol. A prática de velar o defunto, ou “guardar o morto”, era o principal momento da cerimônia

²⁴Versos cantados repetidamente em diversas letras e músicas, puxadas por cantadeiras ou carpideiras, também responsáveis pelas rezas e benditos.

fúnebre. Enquanto o corpo era velado, sua alma era encomendada aos céus através de orações cantadas ou recitadas. Segundo Reis:

Quem chegava para visitar o morto, saudava-o com água benta. Em Portugal acreditava-se que, se fosse possível olhar pelos olhos do finado a quem faltasse água benta, não se viria a luz do dia, tamanha a quantidade de demônio reunidos em sua volta. Lá como cá, as mulheres presentes ao velório rezavam padre-nossos, ave-marias e credos desfiavam rosários e ladainhas. Tristes incelências (orações em versos) e benditos eram recitados aos pés do morto, mais uma referência a movimento, a separação. (REIS, 1991, p. 130).

De acordo com Ribeiro (2013), no interior do Nordeste brasileiro do século XIX eram comuns as inselências durante o velar, elas eram orações cantadas em forma de versos, entoadas, exclusivamente por mulheres durante o velório. Portanto, vemos que essas referidas “canções revelavam o entendimento da morte, as atitudes dos vivos e o desejo de que, do mesmo modo que o morto estava sendo velado e cortejado por muitos, elas também tivessem os rituais mortuários e oravam com o objetivo de conseguir descanso no paraíso”. (CASCUDO, 2002, p. 23-24).

Sem dúvidas, muitos desses rituais estão relacionados à crença que os cristãos católicos têm na vida após a morte. Para muitos a garantia de que os vivos irão providenciar todos os cuidados referentes às práticas funerárias é uma forma de tranquilizarem-se com relação ao fim da vida. É nesse contexto que as Irmandades Religiosas mostram-se presentes no cotidiano das pessoas que viveram entre os séculos XVIII e XIX, demonstrando como a preocupação com os rituais fúnebres é algo que permeia os séculos passados.

1.1.2 As Irmandades Religiosas e a demonstração do medo do fim

Diante dessas observações não podemos deixar de relatar a importância das Irmandades Religiosas quando falamos em morte, rituais e práticas. “As Irmandades Religiosas criadas no Brasil nos períodos colonial e imperial tinham como modelo as organizações fraternais portuguesas, difundidas desde o medievo”. (PONTES, 2008, p. 7). Essas instituições tinham como princípios a solidariedade, caracterizando-se assistencialistas, elas promoviam a assistência aos enfermos, velhos e irmãos, assim como acompanhavam os funerais e cuidavam de suas almas por meio de missas individuais e coletivas. No Brasil, as Irmandades foram responsáveis não só pelo fomento do culto e

práticas católicas, mas também pelas diversas manifestações socioculturais entre os séculos XVIII e XIX.

Era muito comum que as Irmandades religiosas se organizassem sob a égide de um santo padroeiro como uma forma de incentivar a devoção a estes santos. As associações leigas eram grupos que se reuniam em torno de uma crença em que promoviam o culto católico e a proteção de seus integrantes, essas Irmandades eram associações corporativas nas quais se promoviam a solidariedade. Contudo, segundo Reis:

Havia Irmandades poderosíssimas, cujos membros pertenciam à nata da elite branca colonial. No topo estavam as Santas Casas de Misericórdia que, no caso da Bahia e de algumas outras regiões do Brasil, controlavam vasta rede filantrópica de hospitais, recolhimentos, orfanatos e cemitérios. Desenvolviavam uma caridade principalmente para fora, para os destituídos da sociedade, uma vez que seus irmãos eram os socialmente privilegiados, eram, na expressão de Russell-Wood, os “fidalgos” da colônia. (REIS, 1991, p. 51).

Além disso, a propagação do culto católico no Brasil, por meio das organizações fraternais, foi marcada pela presença laica, que através do seu aspecto devocional, expresso pela realização de festas e procissões dedicadas aos santos e ritos fúnebres ministrados aos defuntos procuravam manter a ordem social vigente. Para Larissa Pontes:

As Irmandades religiosas se equilibravam entre o sagrado e o profano, seu ideal era a comunhão fraternal e o crescimento do culto público, onde as necessidades do espírito misturavam-se às do corpo. As Irmandades se constituíram a partir da necessidade de aliar a religiosidade a objetivos beneficentes e de ajuda mútua, não havendo distinção entre interesses religiosos ou sociais. (PONTES, 2008, p. 17).

Percebemos que as associações leigas se constituíam como espaços de sociabilidade, de “construção de uma identidade social, étnica e cultural e, não raras vezes, de contestação da ordem estabelecida, como no caso das irmandades negras que reelaboravam os ritos do catolicismo à luz de suas próprias experiências”. (REIS, 1991, p. 68).

A atuação das associações leigas propunha um trabalho que ultrapassava os espaços sacros. Elas tinham a preocupação de incutir uma prática civilizatória que ditava os códigos de convivência entre seus associados e os demais indivíduos da sociedade. Segundo Larissa Pontes:

Nenhum aspecto da vida social lhe escapava, cabia a ela definir as concepções e as representações da vida da comunidade. Assim, no compromisso proposto pela irmandade, vários artigos deixam claras as condições impostas aos irmãos: se desejassem dela fazer parte, e antes mesmo de obter a aprovação do acesso pela presidência, os postulantes deveriam permitir que toda sua vida fosse investigada. (PONTES, 2008, p. 20).

Percebemos, dessa forma, que as Irmandades Religiosas eram muito bem estruturadas e que dentro da sua dinâmica interna havia uma distribuição de cargos, onde que cada um detinha um poder diferente. O juiz, por exemplo, tinha a responsabilidade de manter a ordem da organização, vigiando e repreendendo aqueles que fugiam de suas obrigações, assim como aqueles que desobedecessem às normas de comportamento estabelecidas pelas Irmandades. Além do cargo de juiz existiam os de escrivão ou secretário, tesoureiros, procuradores, zeladores e irmãos de mesa, deixando claras as relações de poder que existiam dentro da organização.

Também é indispensável falar nas festas em homenagem aos santos, organizadas pelas Irmandades, eventos que estavam prescritos em seus compromissos. De acordo com Larissa Pontes:

O compromisso das Irmandades deixava explícito quais dias da semana e do mês deveriam ser dedicados às práticas devocionais a ser seguida por seus associados: semanalmente ocorriam as práticas cotidianas, tais como missas, rezas, novenas, os cultos celebrados por outras Irmandades. (PONTES, 2008, p.51).

As Irmandades estavam sempre demonstrando sua devoção a santos específicos, que recebiam homenagens em exuberantes festas como uma troca pela proteção que eles ofereciam aos devotos. Para Reis (1991, p. 59) “a atitude em relação aos santos refletia tanto uma preocupação com o destino da alma após a morte quanto uma busca de proteção no dia a dia, particularmente proteção do corpo, estratégia de enganar a morte”. Concomitante a essas festas religiosas aconteciam as festas profanas, que aos olhos das autoridades civis e religiosas comprometiam a continuidade da ordem. Porém, essas celebrações religiosas eram importantes na medida em que elas colocavam a coletividade em movimento, aproximando os indivíduos a fim de torná-los mais íntimos.

Percebemos que durante os séculos XVIII e XIX as Irmandades leigas desempenhavam o papel de evangelizadoras, responsáveis pelo culto aos santos e pela manutenção e construção de templos religiosos. Dessa forma, aqueles que se tornassem

membros das Irmandades tinham seu enterro digno garantido, já que os enterramentos aconteciam no interior das igrejas, entendidas como um lugar santo. “Além disso, associar-se a uma irmandade significava ter a segurança de que todos os rituais fúnebres seriam executados corretamente, o que garantia ao indivíduo a sensação de salvação da alma”. (PONTES, 2008, p. 81).

Logo que a Irmandade era avisada da morte de um irmão, a mesma dava início às devidas providências. Pesquisando as Irmandades Religiosas em São Luís do Maranhão e sua missão salvacionista, Agostinho Júnior Holanda Coe salienta que:

Um empregado da irmandade saía às ruas com uma sineta chamando a todos os associados, já que ninguém poderia deixar de comparecer ao funeral de um irmão. Após o aviso dos irmãos, a irmandade se reunia e o cortejo ia à casa do falecido, sendo seu corpo colocado num “esquife” ou “essa” e carregado até o local do enterro estipulado pelo morto. Toda a organização das cerimônias fúnebres era estabelecida previamente de forma bem detalhada no compromisso destas associações religiosas. (COE, 2007, p. 5).

Havia uma preocupação muito forte dos indivíduos com relação ao sepultamento de seus corpos quando chegou o momento final de suas vidas, essa concepção de sepultar os corpos dava dignidade aos mortos e tranquilidade aos vivos. “O que amedrontava as pessoas não era a ideia de que um dia iria morrer, mas sim, o corpo morto e a possibilidade de seu retorno entre os vivos”. (PONTES, 2008, p. 76).

Apesar da distância temporal, podemos considerar que associar-se a uma Irmandade pode assemelhar-se à adesão a um plano funerário. Claro que os vetores são outros, pois na primeira atitude está uma relação fortíssima com a crença religiosa, enquanto a segunda, além da crença está a ideia de conforto da vida contemporânea. Mas a morte é o fio condutor, para as Irmandades todos esses cuidados estavam relacionados à salvação da alma, já para os clientes das atuais funerárias além da crença religiosa, para muitos, o mais importante é não gastar tempo e esforço para cuidar dos mortos, pois a vida atual não nos permite dedicar tanto tempo com o que já se foi.

Contudo, podemos compreender que as Irmandades se mostravam preocupadas com tudo que estava relacionado ao morrer, ao velar e ao sepultar dos seus associados. As confrarias tinham como principal responsabilidade providenciar os cuidados relativos ao morrer daqueles que se preocupavam com a morte e todos os rituais que seguem este evento. É nesse sentido, que podemos considerar que as casas funerárias, já na contemporaneidade, passam a desenvolver, também, o importante papel de se

responsabilizar por todas as providências que devem ser tomadas quando acontece um falecimento.

Responsáveis pela execução dos ritos fúnebres dos seus associados, as Irmandades dedicavam uma parte relevante de sua vida confrarial aos cuidados com seus mortos, pois este ato representava a solidariedade dos vivos. Contudo, compreendemos que de acordo com a crença cristã católica, a morte é algo inevitável, onde só resta aos vivos preparar rituais que possam facilitar a vida após esse ato tão temido.

Vemos que essas atitudes estão embasadas em discursos disseminados pelo cristianismo católico, o qual incute aos fiéis a ideia de que existe vida após a morte, sem sofrimento nem percalços, e que tudo isso depende das nossas ações aqui na terra. Para Larissa Pontes:

A cega obediência aos preceitos católicos, como uma forma de conseguir a salvação das almas, é colocada como única forma de obtenção da desejada salvação. Homens e mulheres são atraídos, indistintamente, ao cristianismo como lugar ideal para se professar a fé e obter o privilégio da vida eterna, pois aqueles que não estivessem totalmente envolvidos com as práticas cristãs correriam o risco da condenação definitiva, já que a ideia de Juízo Final era amplamente difundida no meio católico e aceita por todos os fiéis sem restrições, e nele o julgamento final seria implacável com os pecadores e Cristo apenas salvaria os que fizessem tal deferência. (PONTES, 2008, p. 84).

Percebemos tais preocupações quando apreendemos o crescimento das Irmandades, nesse período, no Brasil. Filiar-se a essas associações era uma garantia de ascensão ao paraíso e uma forma de “morrer em paz”. Para as pessoas do Brasil oitocentista, a salvação de sua alma estava ligada diretamente a seus atos enquanto vivos, o medo de ser surpreendido pela morte fazia com que providências fossem tomadas antes do encontro com esta. João José Reis, ao analisar as receitas e despesas funerárias das Irmandades na Bahia, do século XIX, implica que:

As contas da Irmandade Rosário das Portas do Carmo, um grande número de especialistas atuava na venda de bens e serviços funerários: coveiros, pedreiros, armadores, campeiros, cirieiros, comerciantes de tecidos, alfaiates, músicos, frades, sacristãos, sineiros. Em maio de 1825, a Irmandade do Rosário das Portas do Carmo, contratou três oficiais de carpina. Comerciantes, alfaiates e coveiros estavam na lista de pagamento do Rosário, conforme o tesoureiro em 1823: 720 réis por “três peças d’alifante para mortalha da irmã Roza”. (REIS, 1991, p. 228).

Compreendemos que antes do surgimento das funerárias especializadas, já existia todo um aparato fúnebre organizado pelas Irmandades Religiosas. Os cuidados referentes às despesas funerárias já faziam parte dos anseios das pessoas que viveram nesses séculos, e prepararem-se para os gastos referentes aos funerais era uma das prioridades destas.

Dentro do imaginário católico muitas vão ser as preocupações com a morte e com todos os rituais de passagem. Nesse sentido, não podemos deixar de fazer referência ao sacramento da extrema unção, que mostrava-se indispensável para aqueles que acreditavam numa vida após a morte.

1.2 “Deus me livre de morrer sem que passem em mim o óleo santo”: a extrema unção

Dentro do conjunto dos sacramentos, a extrema-unção fazia parte do imaginário católico como uma importante ação ministrada por um padre e destinada ao indivíduo que, moribundo, estava prestes a morrer. Nesse contexto de fé, a primeira providência tomada pela família que tinha um de seus entes na iminência da morte era solicitar a presença, junto ao moribundo, do padre da paróquia mais próxima a fim de melhor prepará-lo para a morte. “Com a utilização do óleo que representava a alegria e o perfume do Espírito Santo, o sacramento da extrema-unção representava para os católicos a misericórdia, o amor e a compaixão Divina”. (RIBEIRO, 2010, p. 20).

Todo esse ritual faz parte dos sacramentos usados pela Liturgia da Igreja Católica como uma forma de possibilitar a cura corporal e de restaurar a alma do indivíduo de todo pecado. De acordo com o trabalho de pesquisa de Ana Cláudia Ribeiro:

A extrema-unção é um sacramento que se fundamenta do Evangelho Mateus, que diz: “A ordem do Senhor... os apóstolos expeliam muitos demônios e ungiam com óleo a muitos enfermos, e os curavam” (Mc: 6,13). Para o catolicismo, o sacramento da Extrema-Unção é ministrado para aqueles cristãos que estão em perigo de morte, o propósito do sacramento é restaurar a saúde da pessoa e absorver o indivíduo de qualquer pecado remanescente. (RIBEIRO, 2010, p. 19).²⁵

²⁵No início da citação o texto afirma que o trecho retirado da Bíblia Sagrada é do Evangelho de São Mateus. Porém, houve um engano da autora já que esta passagem é do Evangelho de São Marcos.

Na passagem para o mundo celestial, os ritos fúnebres eram indispensáveis para proteger do mal a alma do morto, assim como também ajudá-la na sua travessia simbólica para a vida eterna. Reis (1991) fez referência à separação estabelecida entre os ritos de passagem que representavam práticas de banimento da alma do morto da terra e os de incorporação, necessários para que se entrasse no mundo celestial. Os cuidados com “o corpo do morto, o luto, a desfeita dos objetos pessoais e todo um conjunto de cerimônias e rituais compunham os ritos de separação, por outro lado, a extrema-unção recobria o significado da incorporação ao paraíso”. (RIBEIRO, 2013, p. 29). A preparação representava que o fim carnal seguiria o que na cultura fúnebre era entendido como necessário para o descanso no outro mundo de quem partiu e o alívio de quem na terra ajudou a seguir cumprindo os ritos, paulatinamente. (SANTOS, 2009, p. 50).

No caso dos ritos fúnebres em Limoeiro do Norte, observamos que também existia a preocupação dos cristãos católicos em administrar o sacramento da extrema-unção, que era oferecido para aqueles que estavam na iminência da morte. A fala da Dona Maria Alves de Lima nos mostra como ela vivenciou essa experiência:

Deus me livre de morrer sem que passem em mim o óleo santo. Eu lembro que mamãe quando tava pra morrer... de barriga d'água...minha tia mandou chamar o padre de Limoeiro para vim dar a extrema-unção a ela. Eu lembro que ela tava deitada na cama quando o padre velho chegou e começou a passar um óleo na boca dela, nos ouvidos, nos pés, nas mãos... eu fiquei só olhando, eu era muito menina mas me lembro quando ela morreu.²⁶

Na narrativa alguns aspectos da “boa morte” emergiram como o simbolismo do sacramento fúnebre católico. A unção servia como preparação para a morte, ou melhor, uma “boa morte”. “Entre os símbolos sacramentais usados pela Liturgia da Igreja Católica, o óleo simbolizava a alegria e o perfume do Espírito Santo nos cristãos, o rito da bênção do óleo dos enfermos é oficiado pelo bispo e por vários sacerdotes que com ele concelebram”. (RIBEIRO, 2013, p. 30). Os doentes eram ungidos na cabeça, no peito, nas mãos e nos pés, dessa forma o óleo seria a imagem da misericórdia, do amor e da compaixão divina, os símbolos da bênção. Em muitos casos, imagens de santos e crucifixos eram colocadas para o enfermo. Além disso, sobre as mãos do morto, deitadas acima do peito, uma sobre a outra, eram enrolados os rosários e colocados crucifixos,

²⁶Maria Alves de Lima, 89 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 10 de dezembro de 2010.

objetos religiosos utilizados nas orações e que também representavam proteção. (RIBEIRO, 2013).

Para seus fiéis, a Igreja Católica recomenda este sacramento aos indivíduos que estejam sofrendo de alguma enfermidade física, pois além de ser possível a cura corporal, a extrema-unção, também restaura com o perdão divino a alma do pecador, já que o rito faz com que haja a confissão dos pecados antes da bênção do enfermo. (RIBEIRO, 2013). De acordo com a autora Elisgardênia Chaves (2009):

De posse dos objetos necessários à realização da extrema-unção: sobrepeliz e estola roxa e os santos óleos, além da “cruz caldeira de água benta e livro do ritual romano”, com muito cuidado e boa postura, o pároco e demais assistentes deixavam a Igreja rumo à casa do enfermo em “procissão do viático, assim chamada por levar a comunhão eucarística”. Ao chegar à casa do enfermo, dava-se início ao ritual. (CHAVES, 2009, p. 163).

Ainda no que se refere à unção dos enfermos, Ribeiro nos aponta que:

O último sacramento era realizado em três momentos consecutivos que envolviam a penitência, a eucaristia e a extrema-unção ou unção dos enfermos. No ato da penitência, na última confissão, o moribundo confessava e pedia perdão de seus pecados. A eucaristia era o momento no qual o moribundo entrava em comunhão com Deus e recebia o alimento necessário para a “última viagem”, pois a extrema-unção visava dar forças ao moribundo para vencer não apenas as tentações da alma, mas também as dores corporais da hora derradeira. (RIBEIRO, 2013, p. 31).

O cumprimento do sacramento da extrema-unção dava aos enfermos certa tranquilidade, pois a partida para o mundo celestial não iria acontecer de forma repentina. Para a entrevistada Maria Alves de Lima era indispensável a presença do Padre, que trazia consigo os óleos santos para abençoar alguns dos seus familiares que estivessem na iminência da morte. Para a depoente:

Lá em casa quando alguém já tava muito doente, parecendo que ia morrer, já chamava logo o padre pra ele fazer a unção dos enfermos, como a gente chama né. Papai tinha muita preocupação pra que ninguém morresse sem isso, morrer de qualquer forma é muito triste né. No dia que tia Maria morreu foi desse jeito: o padre veio, muita gente veio ver ela, meus parentes todos.²⁷

²⁷Maria Alves de Lima, 89 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 10 de dezembro de 2010.

O sacramento da extrema unção era, de certa forma, uma maneira de se preparar para a morte, se livrar dos pecados para ser “recebido no reino do céu”. Portanto, a morte anunciada garantiria que o moribundo se preparasse para o momento final da sua vida no plano terrestre. Com o auxílio da historiografia podemos fazer um percurso pelas permanências e rupturas ocorridas em relação aos rituais fúnebres, e ao próprio ato de morrer, sendo possível compreender como os indivíduos criam uma acepção em torno da morte.

Em seu livro *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, João José Reis²⁸ ressalta que no Brasil, neste período, especificamente na Bahia, a morte não poderia acontecer de forma solitária e privada, era indispensável a participação dos familiares, amigos, vizinhos, padre e até desconhecidos. Quando o moribundo era avisado da sua morte, através dos signos naturais, dava-se início aos preparativos para a cerimônia fúnebre garantindo ao morto uma boa passagem para o outro mundo. “Depois de detectada a morte de um indivíduo, tinham início as cerimônias fúnebres, que compreendiam sequências formais no sentido de marcar, simbolizar ou dramatizar separações, margens ou agregações”. (MORAIS, 2009, p. 46).

Para as pessoas desse período a morte acidental era vista como grande desventura, pois era muito importante para o morto que seu corpo fosse preparado para o momento final da vida, eram indispensáveis os rituais que lhes garantiam uma boa morte. Temia-se que a morte viesse sem aviso, sem preparação, repentina, trágica e, sobretudo, sem um funeral adequado. Em caso de agonias, os moribundos²⁹ recebiam assistência das pessoas e do padre que oravam ao seu redor pedindo pela salvação da sua alma. Para as pessoas daquele período, uma boa morte era sempre acompanhada por solidários espectadores que acompanhavam o moribundo até à hora da sua morte, para eles ela não poderia ser vivida na solidão. De acordo com Reis (1991), “em meio à fumaça de incenso, os homens se reuniam na sala a conversar sobre doença e morte. Havia doente “sem forças para morrer”, que necessitavam de um empurrão dos vivos, como a queima de velas, reza, certas beberagens”. (REIS, 1991, p. 101).

²⁸REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.

²⁹São designados moribundos os pacientes terminais, que na evolução de uma doença são considerados incuráveis ou sem condições de prolongamento da vida. Na atualidade esses indivíduos são retirados dos espaços familiares preservando sua individualidade culminando com a solidão dos moribundos (ELIAS, 2001). Ocorre que as pessoas evitam aproximação com os moribundos pelo fato de esses indivíduos carregarem consigo os signos da morte que estão expressos em seu corpo que está na iminência de falecer. Nesse contexto, o moribundo se tornou um problema social, que, para Elias (2001), só pode ser contornado com o processo de “desmitologização da morte”.

Percebemos que o moribundo, na Bahia, no século XIX, tinha a convicção de sua morte e que, por isso, fazia todos os preparativos para garantir um bom lugar no outro mundo, onde ele mantinha a esperança de que viveria eternamente. Ainda nesse período, a morte representava uma manifestação social, sendo uma desventura ter uma morte solitária, sem a assistência de pessoas que por ele e por sua alma oravam a fim de lhes preparar uma boa viagem para a vida eterna.

De acordo com as entrevistas realizadas com pessoas que puderam acompanhar o processo de mudanças ocorridas nos rituais fúnebres em Limoeiro do Norte, havia uma certa apreensão em morrer de forma inesperada, sem a presença dos mais próximos. Além de Dona Maria Alves, a senhora Maria Augusta também relata e faz referência da importância que era dada à presença de várias pessoas diante do moribundo, para que este não morresse de forma solitária. Segundo a depoente:

Eu sempre me preocupei com esse negócio da pessoa morrer sozinha, num hospital, dá até pena. Porque quando alguém morria naquele tempo, era sempre ardeado de gente, todo mundo perto da pessoa, tinha o padre pra fazer a confissão, era a família toda ali. Hoje não tem mais isso, esse negócio de extrema unção, de ter gente do lado da pessoa. O povo não morre mais em casa.³⁰

Analisando a fala de Dona Augusta podemos perceber elementos que reforçam que em Limoeiro do Norte, ainda na década de 1970, o moribundo padecia na presença dos amigos e familiares que, de alguma forma, preocupavam-se com a alma daquele indivíduo. Com isso, compreendemos que a morte solitária e impessoal era vista com preocupação pelas pessoas que se solidarizavam com a morte do outro, quanto maior o número de presentes, mais protegido estaria o espírito de quem estava à espera da travessia para o outro mundo.

Nesse sentido, compreendemos que as pessoas sempre abominaram a morte, ela sempre foi considerada um acontecimento pavoroso, porém o que mudou foi o modo de conviver e lidar com a mesma, com o morrer e com os moribundos. “O isolamento, o evitamento e a dessocialização dos moribundos faz com que atitudes como acompanhar o agonizante, banhá-lo e higienizá-lo passem a ser cada vez mais repugnadas e esse fato contribuiu para a profissionalização da morte” (MORAIS, 2009, p. 53).

³⁰Maria Augusta da Silva, 72 anos. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

No tempo presente os hospitais se tornaram o lugar destinado aos moribundos que, retirados da presença dos seus familiares, passam a ocupar um outro espaço, onde são cuidados por profissionais da saúde. Já não é mais possível que a morte seja anunciada para que as pessoas mais próximas daquele que está na iminência da morte possam fazer suas orações. Retirados do convívio da família, esses indivíduos são isolados para que, entre outros motivos, os vivos não tenham que conviver com os signos da morte carregados nos seus próprios corpos. Sobre essas questões, analisaremos de forma mais detalhada no terceiro capítulo deste trabalho.

Contudo, vimos que a execução dos ritos sacramentais referentes aos cerimoniais fúnebres era uma forma do indivíduo sentir-se protegido pela ação divina, tanto durante sua estadia na terra, quanto no além-mundo, quando este viesse a morrer. Para isso, todos os rituais deveriam ser fielmente realizados dentro de uma ordem preestabelecida.

Além do velar, o sepultar também mostra-se como um momento importante no que diz respeito ao morrer, já que a cova será o lugar onde o corpo morto ficará eternamente. Portanto, também era de preocupação dos vivos onde seriam enterrados seus entes queridos e amigos, já que os católicos cristãos atribuem um significado importante ao sepultamento.

1.3 “Essa cova em que estás, com palmos medida, é a cota menor que tiraste em vida”: o sepultar

O ato de sepultar também possui significado importante para os católicos cristãos, que veem o cemitério como a última morada. Porém este ato, assim com as demais práticas fúnebres, também passa por um processo de ressignificação, reinterpretação e é adaptado simbolicamente à vida cultural de cada sociedade. Conforme observou Mauss (2003, p. 56) “os atos rituais são capazes de produzir algo mais do que convenções; são eminentemente eficazes; são criadores, eles fazem”. Para Herman Braet e Werner Verbeke:

A morte vivida é muito simplesmente um complexo de gestos e ritos que acompanham o percurso da última doença à agonia, ao túmulo e ao além. Com facilidade poder-se-ia encaixar essa morte sofrida no quadro cômodo e seguro das práticas funerárias, mágicas, religiosas e cívicas que, em todo os tempos, procuraram apropriar-se da morte atribuindo aos ritos da última passagem, dos funerais, da sepultura e do luto uma

estrutura na qual se depreende ou um sistema, ou mais frequentemente uma estratificação de sistemas mesclados. (BRAET & VERBEKE, 1996, p. 14).

Portanto, os ritos de passagem mostram-se indispensáveis para os indivíduos que se preocupam com os a manutenção de práticas mortuárias que possam lhes transmitir alguma tranquilidade com as questões referentes ao morrer. Estes gestos devem transcorrer todo o processo que envolve a morte, ou seja, dos cuidados com o moribundo ao sepultamento.

Nesse sentido, almejamos trazer algumas reflexões acerca do último ato alusivo ao morrer, já que este faz parte dos rituais que acompanham a morte. Compreendemos que o ato de sepultar passou por inúmeras transformações ao longo dos séculos e, portanto, nos é permitido analisar quais as principais mudanças ocorridas nessa prática.

No Brasil, ainda no século XIX os sepultamentos nas igrejas ou em seu entorno eram indispensáveis, cuja finalidade era garantir a salvação eterna. Para Reis (1991) os sepultamentos nos lugares santos sugerem a permanência da necessidade de uma relação contínua com o mundo dos mortos. Conforme afirma Claudia Rodrigues:

Havia até meados dos oitocentos, familiaridade entre vivos e mortos, expressa nos sepultamentos no interior ou em torno das igrejas. Costume este, essencialmente cristão, que possibilitava a vizinhança cotidiana entre os fiéis e seus mortos, pois ao frequentarem, as igrejas, pisavam, caminhavam, sentavam e oravam sobre as sepulturas. (RODRIGUES, 1999, p. 1).

Porém, esse hábito praticado há alguns séculos passou a ser perseguido inicialmente pelos discursos da literatura médica ainda na segunda metade do século XVIII, que divulgavam que os enterros nas igrejas ofereciam riscos de infecções e doenças contagiosas (MORAIS, 2009). Fugir das epidemias e das doenças significava adiar o momento final de nossas vidas, para isso criou-se uma noção de assepsia que não nos permite pensar em tocar no corpo do morto.

Para aqueles que condenavam os sepultamentos dentro das Igrejas essa era uma prática que comprometia a saúde dos vivos, que tinham que respirar um ar poluído. De acordo com João José Reis:

Os médicos viam os enterros nas igrejas por uma ótica radicalmente diferente. Para eles, a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar, contaminavam os vivos, causavam doenças e epidemias. Os mortos representavam um sério problema de saúde pública. Os velórios, os cortejos fúnebres e outros usos funerários seriam focos de doenças, só mantidos pela resistência de uma mentalidade atrasada e supersticiosa, que não combinava com os ideais civilizatórios da nação que se formava. Uma organização civilizada no espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extra-muros. (REIS, 1991, p. 247).

É nesse contexto de tentativas de evitar as doenças e a morte que a teoria dos miasmas³¹ se consolida no século XVIII como mais uma estratégia de higienizar os centros urbanos, mas que frequentemente se esbarrava nos hábitos e condutas da população. O poder público brasileiro estava sempre pensando em maneiras de controlar a população e os espaços urbanos a partir de construções de muros e calçadas, do esgotamento de águas servidas, da eliminação do lixo e outros dejetos, além da implantação de matadouros e de cemitérios públicos.

O acúmulo de mortos no interior das igrejas e em seus arredores se tornou algo intolerável e a nova cultura fúnebre propôs outro local onde deveriam ser enterrados os corpos mortos. De acordo com Moraes:

Nos projetos urbanísticos, nos novos cemitérios deveriam ser localizados fora das cidades e administrada pela municipalidade. Com base nesse pensamento, a municipalidade da França permitiu a destruição do cemitério intramuros. O *Cimetière des Saints-Innocents*, que, localizado no centro de Paris, servia para acumular os cadáveres de pessoas que não tinham condições para ser sepultado em túmulos individuais. O empilhamento dos cadáveres no “cemitério dos inocentes” era tal que os cadáveres muitas vezes se empilhavam em cima do muro, caindo para o lado de fora da necrópole. Quando o “cemitério dos inocentes” foi fechado, os corpos de mais de vinte mil cadáveres com os caixões foram exumados e transferidos durante os anos de 1785 e 1787 para as catacumbas de Paris, que foram criadas com o intuito de servir de depósito (descanso) definitivo para as ossadas retiradas de cemitérios desativados. As catacumbas compreendem paredes formadas por crânios e tíbias empilhadas. Em 1785 os ossos de

³¹A teoria dos miasmas se consolidou durante o século XVIII e baseava-se na noção de que, quando o ar fosse de “má qualidade” (um estado que não era precisamente definido, mas supostamente devido à matéria em decomposição), as pessoas que respirassem este ar ficariam doentes. A infecção miasmática se dava através do meio ambiente quando o ar era infectado por gases ou vapores pútridos. A tese contrária a teoria miasmática é a teoria microbiana, consolidada na segunda metade do século XX, que postulava que as infecções eram causadas por meio de micro-organismos patológicos, os micróbios. (REIS, 1991; ARIÈS, 2003).

quase seis milhões de corpos foram transferidos para as catacumbas. (MORAIS, 2009, 67).

“As descobertas científicas do século XIX influenciaram nas discussões sobre a conveniente localização dos cemitérios, assim como a respeito da influência desses estabelecimentos no aparecimento de doenças”. (RIBEIRO, 2010, p. 53). No Brasil, com as normas ditadas pela medicina, o poder público passou a proibir as sepulturas nos espaços sagrados e recomendaram a construção de cemitérios afastados da cidade. Com a Carta Régia nº.18, de 14 de janeiro de 1801 ficavam proibidos os sepultamentos nos locais santos, orientando a criação de lugares específicos para enterrarem os mortos. De acordo com Reis:

Em 1801, o legislador ouviu com cuidado seus conselheiros higienista e ordenava que se construísse, fora da cidade e em local seco e varrido pelos ventos, um ou mais cemitérios, amplos e o suficiente para “que não seja necessário abrirem-se as sepulturas antes que estejam consumidos os corpos, que nelas se houverem depositados”. Para substituir os jazidos perpétuos, concedia que as famílias possuísem “carneiro sem luxo”. Cada cemitério teria capelão próprio, e capela descente onde se rezassem missas fúnebres, inclusive missa solene no dia de finados. Todas essas medidas deveriam ser coordenadas pelo arcebispo da Bahia. Construídos os cemitérios, seriam proibidos os enterros nas igrejas. (REIS, 1991, p. 274).

Mesmo com todos esses anseios em evitar os sepultamentos dentro das igrejas, a lei de 1801 nunca foi posta em prática. Somente em 28 de outubro de 1828 a lei Imperial de Estruturação dos municípios instituída por Dom Pedro I, no artigo 66 do parágrafo 2º “reafirmava a secular função das câmaras municipais em redigir e fazer respeitar as posturas policiais, ou seja, as leis locais que ordenavam o cotidiano dos habitantes do município”. (REIS, 1991, p. 275).

Porém, o que ocorreu é que essas leis que tinham por objetivo proibir essas práticas foram fortemente rejeitadas pela população, que sentia que seus costumes estavam sendo violados. A Cemiterada, por exemplo, ocorrida em 25 de outubro de 1836, foi uma revolta violenta ocorrida na Bahia no século XIX organizada pelas confrarias religiosas (irmandades ou ordens terceiras) contra o campo santo, “(...) pois este não representava só o declínio material das confrarias, mas o declínio religioso de toda uma mentalidade social”. (REIS, 1991, p. 330).

A Cemiterada se iniciou como uma forma de protesto tendo à frente dessa manifestação as irmandades e ordens terceiras, de Salvador. Conforme Reis “[...] Naquele dia, a cidade acordou com o barulho dos sinos de muitas igrejas. Os mesmos sinos usados

na convocação para missas, procissões, festas religiosas e funerais eram agora dobrados para chamar ao protesto coletivo [...]”. (REIS, 1991, p. 13). Sem dúvidas este evento mostra que não foi tão fácil para o poder público pôr em prática tal determinação.

Não podemos deixar de ressaltar que o contexto político em que se encontrava o Brasil facilitou a intervenção política na vida cotidiana do povo comum. A ideologia liberal colocara o cenário político nacional em outra dimensão, uma vez que os liberais radicais e moderados conceberam a intervenção global na sociedade, com características de um projeto de hegemonia ideológica e cultural. De acordo com o autor citado acima, “nesse nível, o liberalismo se manifestou como uma campanha da civilização contra a barbárie, da cultura de elite contra a cultura popular, de uma nova cultura pretensamente europeia e branca contra uma definida como atrasada, colonial e mestiça”. (REIS, 1991, p. 275).

Para a medicina, a política de salubridade passa a ser vista como um caminho para que se consiga a saúde. Os odores expelidos pelos cadáveres que antes eram facilmente suportados no interior dos templos ou nas suas imediações, em meio às orações, passam a ser considerados insalubres e perigosos à saúde pública, devendo ser afastados das cidades. Segundo Ana Cláudia Aníbal:

Para afastar epidemias é preciso afastar os cemitérios e sepultar os mortos em locais distantes e em covas de grandes profundidades para que os vapores malignos e contagiosos não se comuniquem à população. Caso contrário os cemitérios continuariam considerados como propagadores de doenças. (RIBEIRO, 2010, p. 53).

Portanto, o lugar do sepultamento também era motivo de preocupação entre os indivíduos que temiam morrer sem a garantia de sua sepultura em terra firme. Segundo Reis:

Assim como os cortejos fúnebres se identificavam com as procissões que tematizavam o enterro de Cristo, as sepulturas eram associadas com o local onde Cristo era senhor. As igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e de anjos, deveriam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos. A proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter, lá em cima, entre a alma e as divindades. A igreja era uma das portas de entrada do paraíso. (REIS, 1991, p. 171).

Ser enterrado nesses lugares sagrados era visto como uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos, assim como também, uma forma de se sentir protegido pelos santos. Para as pessoas desse período pouco importava o que seria feito

com seus corpos, desde que eles fossem conservados dentro das igrejas para que suas almas pudessem repousar tranquilamente.

Os cortejos a pé também eram muito marcantes nesse período. Eles eram acompanhados por cânticos e orações até a chegada do caixão no cemitério, chamando a atenção daqueles que presenciavam este ritual. No Brasil do século XIX era muito comum que nessa tradição fúnebre fossem contratadas mulheres conhecidas como carpideiras, para chorar e rezar pelo morto. “A multidão em volta do caixão tinha como objetivo afastar tanto os maus espíritos do morto, como a alma do morto de perto dos vivos”. (REIS, 1991, p. 114).

As carpideiras eram mulheres que ao entoarem seus cantos e orações promoviam um grande exagero perante o morto, aumentando a entonação da voz e demonstrando um agudo sofrimento perante a perda do indivíduo. (RIBEIRO, 2013). Conforme Reis:

Elas ao demonstrarem lágrimas facilmente derramadas e amiúde encenação do corpo, abraçavam compulsivamente os familiares do defunto e clamavam altas expressões trágicas, o que fazia atrair as atenções de quem estivesse compartilhando o momento. Se em um momento agiam naturalmente, posteriormente acabaram se tornando profissionais, sendo recompensadas com dinheiro. (REIS, 1991, p. 114).

A forma como essas mulheres expressavam seus pesares ao morto além de manifestar a dor pela perda de um familiar através da expressão do corpo e da voz, que requeria atenção dos presentes, “possuía também uma profunda tradição marcada pelo anúncio exagerado e pela demonstração social da morte, o que convocava a presença dos vizinhos e demais familiares no recinto do doente”. (RIBEIRO, 2013, p. 45).

Em Limoeiro do Norte, ainda nas décadas de 1970 e 1980 era muito comum o cortejo fúnebre ser acompanhado por uma multidão a pé, que lentamente acompanhava o caixão. Durante o percurso eram entoadas as orações e os cânticos chamando a atenção dos que ali, ao redor, assistiam ao cortejo, a Avenida Dom Aureliano Matos³² era tomada pelos amigos e parentes do falecido. Como narra Dona Maria das Graças:

³²Esta avenida localiza-se no centro da cidade de Limoeiro do Norte. É nessa rua onde está situado o cemitério público Nossa Senhora do Carmo, fazendo com que os cortejos fúnebres sempre passem por ela.

Ah! Naquele tempo³³ todo mundo acompanhava o caixão até o cemitério a pé. Não tinha esse negócio de ir de carro ou de moto não, no máximo de bicicleta. Ia aquela multidão acompanhando o caixão que era empurrado num carinho de ferro que tinha umas rodinhas. Eu mesma acompanhei muito.³⁴

Na fala de Dona Maria nos é permitido observar que quando há uma mudança cultural surgem novos objetos e desaparecem outros. A utilização desse carrinho com rodas era bastante comum no município durante os cortejos fúnebres, enquanto dois ou três o empurravam, os demais acompanhavam o caixão em forma de procissão. Analisando os cortejos fúnebres em Fortaleza, quando estes aconteciam à noite, iluminados pelas tochas, Gustavo Barroso relata sua estranheza com relação às mudanças acontecidas. Para este autor:

Lembro-me vagamente de ter visto, quando muito pequenino, um dos últimos enterros à noite, à luz de tochas e archotes, costume antigo e lúgubre. Se não vi, ouvi descrevê-los tantas vezes em casa que a descrição se mistura lá nos recessos do meu cérebro às cousas reais e acaba feita realidade pelo contato. (BARROSO, 2000, p. 63).

No tempo presente podemos observar que muitas práticas e hábitos funerários desapareceram ou foram ressignificados, tanto a historiografia como os relatos orais dos nossos entrevistados nos ajudam a perceber essas mudanças. “A necessidade de relatar como eram os enterros de antigamente revelava um presente marcado pela supressão de referências à morte: do mesmo modo que o passado, os mortos eram banidos do cotidiano da cidade”. (RIBEIRO, 2013, p. 15). O primeiro desaparecia nas contínuas reformas que depuravam o espaço urbano de seus traços indesejáveis; os últimos eram abolidos das vistas públicas através dos automóveis, que, velozes, os despachavam mais rapidamente para o outro mundo. (NOGUEIRA, 2006, p. 80).

Diante de tudo que foi analisado até o momento, nos é permitido observar que muitas foram as mudanças no que diz respeito às práticas fúnebres em Limoeiro do Norte, algumas deixaram de ser praticadas, outras foram ressignificadas. Compreendemos que a população limoeirense passou a lidar com a morte de outra forma, o velar e o sepultar já não são mais os mesmos. Consideramos importante e indispensável relacionar tais

³³A depoente refere-se à década de 1970.

³⁴Maria das Graças de Lima, 65 anos. Aposentada. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2014.

transformações com a atuação das casas funerárias, já que todo o processo que envolve o morrer passou a ser de responsabilidade dessas empresas.

1.4 A “passagem”: dos antigos velórios à padronização das funerárias

O distanciamento das pessoas referente às providências a serem tomadas diante do falecimento de um familiar, ou seja, limpar o corpo morto, encomendar o caixão, a vestimenta, organizar o velório e o sepultamento já se tornou algo concretizado em nosso município. Estes cuidados já não são mais de responsabilidades dos parentes do morto(a), já que foram introduzidos por parte das empresas particulares ao longo das últimas décadas, serviços funerários especializados. Nesse sentido, objetivamos analisar quais as mudanças acontecidas no cenário fúnebre a partir da atuação das funerárias.

O que percebemos é que a sociedade da assepsia e do individualismo vem se constituindo e se consolidando, ao mesmo tempo em que as pessoas tentam afastar-se daquilo que a morte representa. Portanto, é inegável que as atitudes diante da morte tenham sofrido modificações e que os sentimentos que cercavam este evento ganham novas configurações.

Tais questões nos remetem ao processo de individualização do morto na contemporaneidade. Segundo Certeau (2007), a morte nesse contexto representa uma individualização do sujeito. Ou seja, ela tornou-se algo impensável e inominável. Nesse sentido, a ideia é retirá-la da vida social, tornando-se assim um outro lugar. Ao morto cabe o isolamento em um aparelho hospitalar, sozinho, silenciado. Este não tem, portanto, poder sobre os vivos, não cumpre nenhuma funcionalidade social, tampouco possui os ritos fúnebres tão presentes na cultura de outrora.

Ariès (2003), em seu estudo sobre a morte no Ocidente, destacou esse processo na contemporaneidade. Suas reflexões concordam com as percepções de DaMatta (1997) sobre a morte na sociedade individualista, ocidental e contemporânea. Nesse sentido, é com o auxílio das análises feitas pelos referidos autores, e principalmente com a ajuda das fontes selecionadas, que compreenderemos o porquê das divergências apresentadas entre a compreensão da morte como um fato no cerne familiar e o oposto desta postura: a individualização da morte vinculada aos “tempos modernos”.

Com o passar do tempo os valores sociais ganham novas conjunturas e as representações acerca da morte passam por um processo de transformação, causando mudanças aos rituais e práticas fúnebres. (MORAIS, 2009). De acordo com o trabalho

realizado por Marilza Mestre e Rita de Cássia Pinotti (2004), o indivíduo, ator participante da coletividade, se apropria da produção coletiva acerca de determinados valores sobre os quais a coletividade criou uma ideia comum. Os comportamentos e atitudes que cercam a morte fazem parte de uma construção individual a partir de vivências coletivas.

As pessoas estão sempre construindo significados e sentidos para todos os setores da vida social, a maneira como pensamos e nos relacionamos com a morte também faz parte da construção humana. É dessa forma que os indivíduos tentam dar novos significados à sua existência.

Na nossa sociedade contemporânea, inúmeras serão as transformações ocorridas nos rituais de passagem da vida para a morte, práticas que serviam para possibilitar uma boa morte deixam de existir ou se transformam.

O uso de mortalhas agora passa a ser substituído por vestimentas padronizadas, oferecidas pelas funerárias que não mais ofertam em seus serviços os trajes de santos, estar protegido por estes não faz mais parte das preocupações quando alguém morre.

Como citado anteriormente, em meados dos anos de 1970 o velório e o enterro do morto ainda eram de responsabilidade das próprias famílias, que tinham a preocupação de limpar, vestir (amortalhar), encomendar o caixão (a urna) e tomar as providências para o enterro. De acordo com Dona Maria Alves, as funerárias se encarregam de preparar todo o velório, sem que os familiares do falecido se preocupem com a organização e compra dos materiais que o compõem, isso fica mais claro quando ela diz:

Porque a pessoa quando morre tem direito a tudo: o caixão, mortalha, vela, tudo, ninguém gasta nada, a pessoa em casa não gasta um tostão, é só ir lá na funerária: fulano de tal faleceu? Faleceu. Aonde é que mora? Assim, assim... assim. Aí quando for mais tarde o caixão chega tudo prontinho com corpo dentro.³⁵

Percebemos, dessa forma, que a preparação do corpo deixa de fazer parte de um luto que se iniciava ainda nos primeiros cuidados com o morto, assim como uma gama de signos mortuários que antes agiam para facilitar a felicidade na vida após a morte, os

³⁵Maria Alves de Lima, 85 anos. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

quais vão deixando de acontecer por causa da uniformização³⁶ das práticas e da assepsia do corpo por parte das empresas funerárias.

Com a atuação das casas funerárias já na década de 1990 o cenário fúnebre vai ganhar novos apetrechos, oferecidos por estas empresas, como é o caso dos castiçais, tapetes e coroas de flores. Agora não vemos mais o caixão preto feito em forma de grades, os materiais utilizados pelas funerárias para a confecção deste produto são mais reforçados e firmes. Na fotografia podemos ter uma ideia de como o cenário fúnebre começa a ganhar novas configurações:



Figura 05: Cenário fúnebre em que mostra a utilização de novos apetrechos nos velórios (1993)³⁷

Percebemos que as pessoas passam a se relacionar com a morte de outra forma quando algumas famílias optam por velar seus mortos em suas próprias residências, porém, utilizando-se de apetrechos fornecidos pela funerária como parte de um pacote de serviço associado ao plano.

Em Limoeiro do Norte, o hábito de fazer a vigília se restringe apenas a alguns familiares, tornado o cenário ainda mais triste e silencioso. Dona Maria Augusta nos relata, de forma queixosa, sobre as poucas pessoas que ficaram durante a madrugada no velório de sua vizinha:

³⁶As funerárias uniformizaram certos apetrechos que compõem uma cerimônia fúnebre, entre eles podemos destacar a vestimenta do morto que se classificam por tamanhos P, M, G, como também as flores, castiçais, velas, ou seja, a parte decorativa do velório.

³⁷Acervo cedido pela família Lima de Limoeiro do Norte.

Sabe quantas pessoas passou a noite? Eu, minha cunhada, meu irmão que chegou duas horas da madrugada e quando chegou outro, 3 horas. Pronto, foi esse pessoal. E a nora da finada e uma filha foram dormir e nós de fora passemos a noite. Mudou demais, antigamente era mais animado.³⁸

Os velórios, das décadas de 1970 e 1980, repletos de cânticos e orações agora dão lugar ao silêncio. Muitas vezes as pessoas apenas fazem uma oração ou rezam o terço para abençoar o espírito do morto(a), que agora deixa a vida terrena para viver no mundo espiritual, segundo a crença cristã. Diferentemente da associação entre morte e festa,³⁹ os velórios mostram-se cada vez mais marcados pelo silêncio que, em boa medida, configura-o como sendo o lugar da tristeza manifesta no clima de recolhimento entre os parentes e amigos do morto(a).

Entender as mudanças ocorridas nos comportamentos sociais, no que diz respeito aos rituais de morte, mostra-se também como importante para a compreensão da dinâmica econômica vinculada às funerárias. Analisar as mudanças nas práticas fúnebres nos permite perceber como ocorreu o processo empresarial vinculado ao morrer, apreendendo como a morte passou, entre outras dimensões da vida social, a ser concebida através de uma lógica utilitária.

No decorrer da pesquisa colhemos informações que nos possibilitou observar como o “comércio de artigos ou objetos da morte” é algo lucrativo, e como esse ramo de negócios vem acompanhando as mudanças ocorridas no mercado, assim como a mudança socioespacial que vem acontecendo em nosso município, Limoeiro do Norte. A empresa está sempre tentando se aperfeiçoar e investir em novas técnicas de conservação do corpo, plantões, reparação facial, serviços de assistência de velório⁴⁰, serviço de traslado, etc., a fim de conseguir novos clientes e oferecer um melhor serviço funerário. Dessa forma o funcionário Ricardo descreve sobre esse aprimoramento quando diz o seguinte:

Depois surgiu ainda mais uma evolução na questão do sistema da empresa, quando em vez de tratar um corpo para que pudesse durar um velório mais do que tempo normal de 24hs. Antigamente se utilizava a formolização, o formol, e chamavam de embalsamar o corpo, né, mais era um processo arcaico, um processo que não deixava as características do corpo naturais, elas afetavam drasticamente a característica do corpo, mudava a cor, enrijecia,

³⁸Maria Augusta da Silva, 72 anos. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

³⁹Segundo João José Reis (1991, p. 137), no século XIX, os funerais, principalmente os mais suntuosos, constituía-se em um dos principais divertimentos dos cidadãos, assim como as festas da Semana Santa.

⁴⁰A assistência de velório oferece um profissional da empresa que se propõem a ficar durante todo o velório acompanhando os familiares do morto para atender suas necessidades.

muitas vezes ficava meio esquisito, apenas preservava pela questão do mau cheiro, então evitava-se o mal cheiro usando os produtos. E foi introduzido então, trazido lá da região do Sul, lá de Fortaleza também já a questão da tanatopraxia, é um processo que ela, é um processo bem mais evoluído semelhante ao das múmias até, pra você ter uma ideia.⁴¹

Podemos perceber que as atuais funerárias são instituições que possuem serviços profissionais e que investem em técnicas modernas, como também no próprio treinamento dos profissionais que atuam na área. Percebemos, então, que as funerárias se introduzem na nossa sociedade com uma complementação de serviços que cercam as cerimônias mortuárias. Entendemos que essas instituições, que lidam com a morte, incorporaram aos seus serviços os negócios que fazem delas empresas lucrativas e que a cada dia tentam se ampliar e se dinamizar.

Para tornar seus serviços diferenciados e padronizados a empresa Anjo da Guarda investe em técnicas de conservação do corpo morto como a tanatopraxia. Esta técnica foi introduzida no Brasil em 1994 como uma forma de preparar o cadáver sem deformá-lo, o que ocorria com a técnica de embalsamento. Segundo Isabela Andrade:

A tanatopraxia oferecida pelo mercado fúnebre é conhecida como o silêncio da morte que traduz e reflete a vida, ocultando todos os signos, objetivando preservar a imagem original da pessoa falecida, já que a realização da tanatopraxia tem o objetivo de manter uma aparência mais natural possível do corpo fazendo com o morto não pareça morto. (MORAIS, 2009, p. 136).

A tanatopraxia consiste na técnica de preparação dos cadáveres, visando a desinfecção e retardamento da decomposição do corpo através da aplicação de produtos químicos que possibilitam uma aparência natural, evitando o extravasamento de líquidos e o aparecimento de inchaços.

Os produtos e serviços fúnebres são ofertados de acordo com cada sociedade, vai de encontro à forma como esta lida com a morte e com seus mortos, mostrando a preocupação com as práticas mortuárias. Para isto o sistema empresarial vinculado aos serviços fúnebres se insere na lógica de demanda e oferta, fruto de um sistema comercial que envolve o lucro.

⁴¹Ricardo Alves, 38 anos, na época, gerente da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

Com isso, percebemos que o cenário fúnebre se modifica, assim como os significados acerca dos materiais que compõem o velório, deixando em evidência a participação das empresas funerárias nesse contexto de mudanças, ou melhor, transformações a respeito das práticas funerárias. Nesse sentido, acreditamos que para compreender os significados dos rituais de morte, incluindo a dinâmica do mercado e do consumo fúnebre, é preciso entender a maneira como cada sociedade lida e se relaciona com o morrer.

Essas transformações no que diz respeito à morte não acontecem de forma isolada e nem por acaso, elas fazem parte de um conjunto de mudanças que também estavam ocorrendo no cenário urbano de Limoeiro do Norte. Esta cidade, como forma gerada da materialidade e produto do processo de trabalho, começa a passar por um processo de urbanização ainda na década de 1960, apontando para os primeiros elementos de transformação do espaço e de sociabilidade dos indivíduos. De acordo com Maria Lucenir:

O urbano de Limoeiro do Norte, até a década de 1960, está voltado as atividades que na cidade se realizam, aos papéis urbanos desempenhados, a ida e volta ao comércio para adquirir as mercadorias produzidas em lugares distantes, as escolas de ensino médio, a Faculdade, o encontro nas festas, nas calçadas e nas praças. Desvendar a cidade é penetrar nos seus meandros, reconhecê-la além da sua materialidade porque existe um modo de vida presente na vida de relações estabelecidas no seu espaço urbano. (CHAVES, 2004, p. 25).

Portanto, apreendemos que esse novo cenário urbano que vem sendo construído em Limoeiro veio a modificar muitas práticas sociais, assim como sua dinâmica socioeconômica. É com o desenvolvimento econômico da cidade que muitas atividades comerciais chegam ao município, entre elas, as casas funerárias que trazem consigo uma nova forma de lidar com os serviços relacionados à morte.

2 O COMÉRCIO FUNERÁRIO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAS EM LIMOEIRO DO NORTE

“A empresa foi vendo que Limoeiro tava mudando, crescendo, se transformando. Isso, de certa forma, se refletia até na forma como as pessoas se relacionavam com a morte de um ente querido. E para essas mudanças a Anjo da Guarda foi se aperfeiçoando, melhorando seus serviços”.

(Ricardo Alves)

Percebemos que ao longo dos anos o mercado funerário vem se especializando e ampliando sua cartela de serviços como uma forma de manter-se na sociedade de consumo em que vivemos. Pensar estratégias de mercado é umas das preocupações das grandes empresas funerárias, que cada vez mais vêm inserindo uma lógica comercial em torno das cerimônias fúnebres, tornando-as mais luxuosas e personalizadas. As empresas se profissionalizaram e fez com que a morte fosse percebida como um evento, objeto de operações comerciais como um fato ou um produto qualquer.

Pensar a morte como um negócio lucrativo nos leva a refletir sobre as mudanças ocorridas acerca daquilo que ela representa e significa. Discutir temas como esse é refletir sobre a finitude, o inevitável, sobre o fim da vida, perceber que ao longo do tempo compreendemos a morte de várias maneiras. Para Moraes:

Poder-se-ia pensar que o estudo dos rituais de morte oferece informações para que se possível se entender a maneira como a sociedade se relacionou e se relaciona com a morte e a partir daí compreender como ocorreu o processo da empresariação e comercialização da morte, ou seja, como a morte passou, entre outras dimensões da vida social, a ser também visualizada através de uma lógica utilitária, isto é, objeto de acontecimento mercantil, e, como tal, objeto de exploração comercial e de consumo, quando os serviços fúnebres passaram a ser gestados pelas iniciativas privadas. (MORAIS, 2009, p. 44)

Atingir as cidades do interior do estado é, contudo, criar estratégias de mercado que já estão consolidadas nos grandes centros urbanos. O empresário Raimundo

Cordeiro, com sua visão empresarial, percebe que Limoeiro do Norte e as cidades circunvizinhas estão passando por transformações políticas, sociais e econômicas nas últimas décadas do século XX. Esta cidade começa a perder seu caráter rural, a imagem da “cidade pequena” vai dando espaço ao desenvolvendo das atividades urbanas.

Nesse sentido, temos como objetivo analisar as principais mudanças ocorridas no cenário urbano de Limoeiro do Norte, tentando compreender como foi possível para o comércio funerário o desenvolvimento e consolidação de alguns serviços. Entendemos que o processo de urbanização deste município possibilitou a abertura para a instalação de algumas casas comerciais que tiveram êxito na sua forma de atuação, podemos citar entre elas, a funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda. Em seu estudo sobre a produção do espaço urbano ligado ao comércio e o consumo a autora Silvana Maria Pintaudi afirma que:

[...] A urbanização da sociedade é um processo histórico e que, como tal, se atualiza particularmente na sociedade capitalista, em que as relações sociais se definem e transformações espaciais oriundas de velhas e/ou novas contradições hoje se aceleram, generalizam-se e apontam o sentido tomado pela urbanização da sociedade. (PINTAUDI, 2008, p. 121).

Buscar compreender o processo de urbanização de Limoeiro do Norte nos permite analisar “que o espaço, particularmente sua apropriação, ocupação e produção, é o meio pelo qual o capitalismo se reproduz”. (PINTAUDI, 2008, p. 121). A utilização do espaço para o desenvolvimento do comércio nos traz reflexões acerca de como a sociedade utiliza-se dele para se reproduzir, evidenciando um caráter social vinculado ao seu uso. Portanto, no mesmo momento da produção do espaço, este passa a ser condição de reprodução das relações sociais, instituindo a oportunidade de insurgirem determinadas relações sociais.

2.1 Limoeiro do Norte e seu processo de modernização do espaço urbano

Compreendemos que as transformações sociais-econômicas, ocorridas no município de Limoeiro do Norte, mostram-se como importantes elementos para o desenvolvimento e consolidação das atividades funerárias. Com isso objetivamos nesse momento apontar quais as principais transformações socioeconômicas que ocorreram nesse município, assim como a produção do seu espaço urbano.

O município de Limoeiro do Norte está localizado, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Vale do Jaguaribe, situado ao leste do estado do Ceará. Ele faz parte da microrregião do Baixo Jaguaribe, formada também pelos municípios de Alto Santo, Ibicuitinga, Jaguaruana, Morada Nova, Palhano, Quixeré, Russas, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte. Distante da capital do estado, Fortaleza, 203 km, o município limita-se ao norte com os municípios de Russas e Quixeré, ao sul com São do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte, a oeste com Morada Nova, e a leste com Mossoró, município do estado do Rio Grande do Norte. (SOARES, 1999).

A ocupação do Vale do Jaguaribe se inicia no século XVII com a doação da primeira sesmária do Jaguaribe, em 1681, a Manuel Abreu Soares e seus catorze companheiros, que vieram combater os índios no Ceará. Esses homens receberam quinze datas, cada uma com duas léguas ao longo do rio Jaguaribe, indo de Aracati ao Boqueirão do Cunha, no município de Alto Santo, numa extensão aproximada de 180 km. Era chamada de “sesmária dos homens do Rio Grande do Norte”. (LIMA, 1997).

Sem dúvidas, não podemos desvincular a relação entre a modernização da agricultura na região do Baixo Jaguaribe e a urbanização de Limoeiro do Norte, evidenciando as principais transformações ocorridas na cidade. Para tanto, devemos compreender que a formação do espaço urbano de Limoeiro engendrou-se em torno da capela de Nossa Senhora da Conceição⁴², inaugurada em 1845, a partir do momento em que iam surgindo os primeiros objetos urbanos: as casas comerciais e as residências dos proprietários de terra, do clero, dos comerciantes e de outros. (CHAVES, 2004).

De acordo com Chaves (2004) a vila de Limoeiro nasceu do povoado formado ao redor da capela de Nossa Senhora da Conceição. Ainda segundo a autora, o desenvolvimento econômico da vila estava associado à existência de excedentes do campo, apropriados por um grupo social formado por proprietários, comerciantes, religiosos e administradores, que estava ligado diretamente à sua produção. Esse excedente possibilitou o deslocamento do comércio dos produtos agrícolas, da fazenda para a vila. No caso de Limoeiro, as instituições sociais - Câmara Municipal e os cartórios – contribuíram para que a renda do campo fosse transferida para a cidade.

Limoeiro adquiriu o status de vila pela Lei Provincial nº 1.402 de 22 de julho de 1871. Porém sua instalação oficial só veio acontecer em 30 de julho de 1873, pelo presidente da Câmara Municipal de São Bernardo de Russas⁴³, momento do

⁴²Atual Igreja Matriz e Padroeira de Limoeiro do Norte.

⁴³Atual cidade de Russas - CE.

desmembramento de Limoeiro do Norte, desse município. (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

A partir das condições acedidas diante da existência do aumento da população, do aumento do poder aquisitivo de segmentos sociais urbanos, permitindo sua reprodução, das leis reguladoras do espaço urbano e da convivência social, a vila transformou-se em cidade em 30 de agosto de 1897, pela nº 364 (CHAVES *apud* FREITAS & OLIVEIRA, 1997). Vale ressaltar que *cidade*, para o Instituto Geográfico Brasileiro (IBGE), é uma localidade do mesmo nome do município a que pertence, sede onde se estabelece o controle político. Para Maria Lucenir:

A história da evolução da divisão espacial dos municípios do Baixo Jaguaribe esteve relacionada ao sentimento de independência político-administrativa e econômica, perante a exploração da principal atividade econômica dos distritos pelos municípios aos quais pertenciam. Fazendeiros, comerciantes e lideranças políticas mobilizavam a população e a sensibilizavam para que houvesse a emancipação dos distritos. Estava implícito a defesa dos interesses políticos econômicos do grupo que estava à frente do movimento que objetiva criar novos municípios. Este processo envolveu uma série de conflitos com segmentos políticos e religiosos que eram contra o desmembramento dos seus territórios. (CHAVES, 2004, p. 34).

De acordo com a bibliografia levantada que discute a urbanização de Limoeiro do Norte, revela-se uma dinâmica socioespacial na qual o urbano vai sendo gerado e expandido a partir de atividades relacionadas à agricultura e à pecuária. Porém, a atividade comercial mostrava-se como a principal atividade organizadora do espaço urbano da cidade de Limoeiro, entre 1911 a 1940. Compreendemos que o surgimento do comércio numa cidade e o seu desenvolvimento parte da existência regular de um excedente de produção que engendra a troca. É justamente com a expansão da troca que surge a figura do comerciante, bem como da atividade comercial, aumentando a divisão do trabalho. (CHAVES, 2004).

Nesse sentido, até a década de 1920, Limoeiro ainda se configurava de forma muito retraída devido à precariedade das estradas e dos transportes. As cidades da Região Jaguaribana ainda encontravam-se muito isoladas com as demais cidades do Ceará e do Nordeste. Nesse período o Ceará era governado por Antônio Pinto Nogueira Accioly, que tinha entre seus propósitos abrir novas estradas, aumentar a rapidez nas comunicações, baratear os fretes para proteger a agricultura e a pecuária. (SOUSA, 1997).

Contudo, podemos citar como importante obra desse período a criação da chamada Transnordestina⁴⁴, em 1932, que facilitou o fluxo de mercadorias industrializadas e de pessoas, assim como o escoamento da produção agrícola da região, favorecendo o desenvolvimento do comércio. De acordo com Lucenir:

Num período de escassez técnica, em que a natureza se impunha sobre o homem, essa distância era muito significativa. Por outro lado, a precariedade das estradas que interligavam Limoeiro do Norte a Transnordestina dificultava o acesso, principalmente no período de inverno. As estradas eram de terra e, nos trechos cortados pelo rio Jaguaribe e seus afluentes foram construídos pontes de madeira. (CHAVES, 2004, p. 38).

Além disso, outro elemento que contribuiu para a expansão e o desenvolvimento do comércio foi o aparecimento do transporte de carga, o caminhão, que fazia um percurso entre as principais cidades da região, entre elas: Limoeiro do Norte, Morada nova, Russas e Fortaleza. Para Silvana Maria “[...] a organização territorial devia ser eficaz do ponto de vista da troca, sem barreiras para o que a mobilidade de bens era fundamental, como as técnicas relativas ao transporte, as que permitia à economia funcionar [...]”. (PINTAUDI, 2008, p. 122).

Nesse contexto de transformação urbana da cidade de Limoeiro não podemos deixar de citar a importância que exerceu o extrativismo da carnaúba ainda na década de 1940. “Esse dinamismo econômico fundado no extrativismo vegetal valorizou, fundamentalmente, os espaços cobertos por carnaubais, no caso a chamada mata-ciliar, que tinha e ainda tem sua presença marcante na área”. (SOARES, 1999, p. 64).

Foi, inclusive, com a comercialização da cera de carnaúba que ocorreu a ascensão da família Oliveira e de outros comerciantes da cidade⁴⁵. Sendo considerado um dos estabelecimentos mais expressivos durante a década de 1930, o Comercial Oliveira e Irmão, era um dos responsáveis pelo abastecimento de produtos alimentícios básicos, ferramentas para agricultura, cachaça, fumo, entre outros produtos consumidos por grande parte da população pobre do campo e da cidade. (CHAVES, 2004). Vejamos na foto abaixo:

⁴⁴“Atual BR 116. Neste período foi construída a área que compreende Russas e Limoeiro do Norte”. (CHAVES, 2004, p. 38)

⁴⁵Além do Comercial Oliveira e Irmão, podemos citar como importantes estabelecimentos comerciais da época; Casa Grande, Casa Chave, o Comercial Chaves e Irmãos. Entre as décadas de 1940 e 1950 também podemos citar como importantes estabelecimentos comerciais o São João, Santo Antônio, David Gadelha e Irmão, A. Cassimiro Comercial e Representações. (CHAVES *apud* FREITAS & OLIVEIRA).



Figura 06: Comercial Oliveira e Irmão (1960)⁴⁶

De acordo com Maria Lucenir (2004), os comerciantes da família Oliveira, além de movimentarem o capital comercial, passam a lidar com o capital financeiro ao representarem diversos bancos, criando assim, uma sociedade capaz de emprestar dinheiro para produtores rurais, comerciantes e pequenos industriais⁴⁷.

Contudo, a classe agropecuária beneficiada economicamente com as propriedades de carnaúbal necessitaria de representantes políticos, na esfera estadual, que protegessem seus interesses. Com isso, em 1946 foram eleitos dois limoeirenses para a Câmara Estadual dos Deputados: Franklim Gondim Chaves⁴⁸, pelo Partido Social Democrático (PSD), ligado à família Chaves que vinha à frente do poder municipal de Limoeiro, assumindo a liderança desde a instalação da vila em 1873. O outro deputado,

⁴⁶Imagem retirada do livro: "Limoeiro em fotos e fatos". A imagem retrata a enchente que houve na cidade, causada pelo açude do Orós. (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

⁴⁷A função bancária nesse período servia exclusivamente ao comércio e às fábricas de beneficiamento de algodão, óleo da oiticica e cera de carnaúba. Somente em 1955 foi instalado o Escritório Rural do Nordeste S/A. (CHAVES, 2004, p. 41).

⁴⁸Comerciante, agropecuarista, vereador da Câmara Municipal de Limoeiro do Norte (1935-1937), idealizador e fundador da Escola Normal Rural, esteve a frente da comissão de Finanças e Orçamento e Indústria, participou de vários órgãos estaduais. (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

Manoel de Castro Filho⁴⁹, filiado a União Democrática Nacional (UDR) e aliado à família Oliveira, apoiou a disputa pelo poder municipal, chegando a ser vitorioso na eleição de 1955, quando Sabino Roberto de Freitas assume a prefeitura entre os anos de 1955 a 1959. (CHAVES, 2004). Nesse sentido, os comerciantes que defendiam a modernização da cidade quebraram o monopólio da família Chaves, sendo estes representantes dos cartórios que se beneficiavam com a manipulação burocrática há quase um século. Em seu livro, Lauro de Oliveira Lima ressalta a evidente disputa pelo poder político em Limoeiro, entre os Chaves e os Oliveira, desde meados da década de 1920. Tudo isso, nos mostra o quanto a cera da carnaúba foi importante nesse contexto de crescimento econômico para os comerciantes, que dessa forma puderam ocupar cargos políticos em busca do poder político municipal.

Ainda no que se refere ao extrativismo da cera de carnaúba podemos dizer que a presença ou não da mata-ciliar de carnaubal, definia o uso da terra naquele período. Nas propriedades sem carnaubais a exploração agrícola dominava, nesses outros espaços eram produzidas, principalmente, banana, laranja, limão, assim como, eram cultivados o feijão, o milho e a mandioca. Estes, por sua vez, abasteciam o comércio local. (CHAVES, 2004).

Com isso, a partir da década de 1950 expandiu-se a área cultivada de frutas para as médias propriedades rurais, tendo como principal motivo de desenvolvimento o crescimento econômico-populacional das cidades de Fortaleza, Natal e Recife, cidades que comercializavam com Limoeiro do Norte. Também podemos citar outros elementos, os quais contribuíram para o aumento da produção da área dos pomares, segundo Lucenir:

O crescimento do uso de máquinas (motores), equipamentos agrícolas e alguns inseticidas criaram uma demanda a ser respondida pela cidade. Esses produtos industriais para a agricultura passaram a ser encontrados nos estabelecimentos comerciais de Limoeiro do Norte, sendo vendidos para o município e municípios circunvizinhos. (CHAVES, 2004, p. 42).

Diante de todas essas observações fica evidente que o comércio foi a principal atividade econômica responsável pela organização e expansão do núcleo urbano inicial de Limoeiro do Norte. Foi com o desenvolvimento das casas comerciais que o fluxo de pessoas e mercadorias aumentou.

⁴⁹Filho de comerciante e proprietário de terra. Formou-se em advocacia, foi Juiz eleitoral, assumiu várias Comissões de governo e em 1982 elegeu-se a vice-Governador do Ceará. (CHAVES, 2004).

Podemos citar, também, como principal agente transformador do espaço urbano de Limoeiro do Norte a centralização dos serviços de comunicação, de saúde e de educação, que acabou por atrair pessoas para se fixarem na cidade. De acordo com Maria Lucenir “O fluxo de pessoas, mercadorias e informações que chega a cidade foi facilitado com a construção da ponte asfaltada Dr. Fernando Távora sobre o rio Jaguaribe em 1965, melhorando o acesso à rodovia nacional, Br 116”. (CHAVES, 2004, p. 54).

Não podemos deixar de citar a construção do açude de Orós como um marco desse processo de reorganização do Baixo Jaguaribe. Com suas obras concluídas em 1961, este açude era considerado um dos maiores do Nordeste com sua capacidade de acumulação estimada em 4 bilhões de m³ de água. O Orós barrava o maior rio do Ceará, o Jaguaribe, cuja bacia hidrográfica abrange mais de 50% do espaço cearense. Segundo Soares:

Concomitante a construção do açude de Orós, foi criado, em 1961, pela SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), com a cooperação do DNOSC (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) e do governo Francês, o Grupo de Estudos do vale do Jaguaribe (GEVJ). Seus objetivos básicos eram estabelecer uma metodologia a ser aplicada no desenvolvimento das demais bacias hidrográficas da zona semi-árida do Nordeste, como também, adotar as providências capazes de permitir o rápido aproveitamento das grandes quantidades de água represada no Jaguaribe e seus principais afluentes. Dentre essas providências, a indicação de áreas nas quais se pudessem implantar projetos de desenvolvimento agropecuários específicos apoiados na irrigação. Provavelmente, pela sua amplitude e por suas indicações, os estudos do GEVJ tornam-se a grande referência para as ações que viriam ocorrer no Vale do Jaguaribe a partir de então. (SOARES, 1999, p. 20).

Percebemos que as transformações urbanas ocorridas em Limoeiro do Norte estão vinculadas, de forma direta, às mudanças ocorridas no campo a partir do interesse do Estado pela modernização⁵⁰ da agricultura no meio rural. Vários foram os investimentos feitos para que tal objetivo fosse alcançado, entre eles podemos citar o Perímetro de Irrigação de Morada Nova (PIMN), instalado em 1970. Este perímetro contava com uma área desapropriada de 12.500 ha, sendo 7.444 ha com potencial irrigável e uma previsão de irrigar 3.600 ha. Este localizava-se no baixo Jaguaribe, abrangia os municípios de Morada Nova (aproximadamente 70% de suas terras) e Limoeiro do Norte (cerca de 30% de suas terras). De acordo com Hidelbrando Soares “o

⁵⁰O geógrafo Hidelbrando dos Santos Soares toma como conceito de modernização agrícola a expressão e transformação do sistema produtivo mediante à incorporação de inovações técnicas.

PIMN foi a primeira grande referência para o baixo Jaguaribe da prática de uma agricultura moderna, baseada na técnica de irrigação com utilização de insumos modernos”. (SOARES, 1999, p. 21).

O desenvolvimento de uma agricultura moderna na planície fluvial correspondeu ao primeiro período de modernização agrícola no Baixo Jaguaribe que teve como marco importante os perímetros públicos irrigados. Na década de 1970 os municípios de Morada Nova e Jaguaruana beneficiados com esses perímetros, tendo continuidade na década seguinte com o projeto público Jaguaribe-Apodi (1889), em Limoeiro do Norte. (SOARES, 1999).

Devemos compreender que Limoeiro do Norte, em fins da década de 1980, estava passando por transformações sócioespaciais, permitindo que a cidade ganhasse um caráter mais urbano a partir, principalmente, do desenvolvimento do agronegócio. Contudo, a urbanização de Limoeiro do Norte se intensificou e ganhou novas peculiaridades com o processo de modernização agrícola da região do baixo Jaguaribe, que teve como principal agente dinamizador, o próprio Estado. De acordo com Maria Lucenir Jerônimo Chaves “Este processo não resultado de estratégias isoladas na escala local/regional, mas deriva de uma reestruturação produtiva da atividade agropecuária associada a uma lógica de globalização da produção e do consumo”. (CHAVES, 2004, p. 22). De acordo com o geógrafo Hidelbrando dos Santos Soares, este processo de reorganização espacial do Vale do Jaguaribe, no setor agrícola, estava fundamentado basicamente nas políticas governamentais de irrigação para o Nordeste que tinham como características serem, também, consideradas como políticas de combate às secas. (SOARES, 1999).

Em 1980, era instalado o Programa de Valorização Rural do Baixo e Médio Jaguaribe (PROMOVALE) que representava uma nova orientação, a qual o Governo Federal estava começando a dar às políticas de irrigação. Este programa priorizava a pequena irrigação privada e estava sob a responsabilidade dos governos estaduais. Sem dúvidas o PROMOVALE teve uma contribuição importante nesse processo de transformação urbana uma vez que, prevendo a sua instalação, o estado do Ceará iniciou um trabalho de eletrificação na área a ser abrangida pelo programa. Segundo Hidelbrando dos Santos “a várzea do município de Limoeiro do Norte foi uma das que mais se beneficiaram dessa ação estatal. Entre os anos de 1979 e 1980, um grande número de propriedades ao longo do rio foi eletrificada”. (SOARES, 1999, p. 23). Ainda de acordo com este autor, a instalação do PROMOVALE insere-se dentro das estratégias do Estado

de criar espaços racionais que se articulem à economia nacional favorecendo o desenvolvimento do capitalismo no país, e em especial, no campo. (SOARES, 1999).

Torna-se evidente a importância do desenvolvimento agrícola como o principal agente transformador do espaço urbano em Limoeiro do Norte. Para Maria Lucenir:

A modernização agrícola no Brasil, como também, na região do Baixo Jaguaribe teve o Estado como principal vetor de seu desenvolvimento. Nessa região, o Estado inicialmente, a partir da segunda metade dos anos de 1960 quando começou a planejar sua intervenção no campo e, principalmente a partir dos anos de 1970 assumiu uma política desenvolvimentista financiada por ele próprio, através da articulação de capitais nacional, estatal e estrangeiro, mas nas últimas décadas, particularmente a partir da segunda metade dos anos 1990, vem assumindo um novo perfil, uma nova configuração, para ajustar-se a uma nova ordem do capital global que se afirma hegemonicamente nos processos de globalização. Para justificar-se, foi necessária a abertura da economia, liberalização comercial, desregulamentações, desestatizações, liberalização do setor financeiro, privatizações, atração de investimentos estrangeiros, reforma do Estado. Este tem assumido um papel de executor de políticas de regulamentação, decididas transnacionalmente, privilegiando a lógica de mercado em detrimento da lógica social, da cidadania. (CHAVES, 2004, p. 64).

Não podemos deixar de ressaltar que essas transformações ocorridas no espaço urbano e rural do município, principalmente entre as décadas de 70 e 80, têm como proposta atender às exigências do capital a partir do desenvolvimento do comércio. De acordo com Silvana Maria:

O questionamento do padrão locacional do comércio varejista a partir dos anos 1970 resultou na constatação de que o lugar do comércio deve ser entendido como o resultado da articulação entre as categorias espaço e tempo para o entendimento da verdadeira dimensão material de um lugar numa sociedade, cujo movimento é comandado por um objetivo fundamental – o lucro. O capital coloniza tudo e a tudo comanda na sociedade capitalista; portanto, todos os espaços estão a ele submetidos. (PINTAUDI, 2008, p. 123).

Também consideramos que este espaço geográfico, ao qual estamos discutindo, é, sobretudo, de natureza social, cuja todas essas transformações são norteadas por leis que regem o movimento da sociedade, tendo como principal objetivo a acumulação do capital.

Todo esse processo de modificações sócioespaciais estimulado pelo modelo capitalista, pelo qual passou Limoeiro do Norte, nos leva a refletir sobre as mudanças

ocorridas no próprio cotidiano dos indivíduos que presenciaram e conviveram com as transformações que estavam acontecendo neste município. Dessa forma, consideramos importante analisar, também, o cotidiano dessas pessoas, que mostram-se como principais agentes para que esse modelo de modernização se concretizasse.

2.2 O cotidiano: as mudanças no modo de vida dos limoeirenses

As atividades econômicas analisadas e citadas anteriormente não explicam por si só a especificidade do processo de urbanização de Limoeiro do Norte. Devemos levar em consideração as práticas sociais e o modo de vida dos limoeirenses nesse contexto de transformação urbana, objetivando analisar o cotidiano desses indivíduos na busca de compreender as principais mudanças ocorridas.

Dessa forma, torna-se indispensável falar do papel da Igreja, e em especial, da Diocese, que aliada ao crescimento das atividades comerciais passa a investir nos serviços sociais básicos particulares e públicos. O quadro de precariedade desses serviços, bastante expressivo até a década de 1930, começa a ser alterado em 1938, quando Limoeiro do Norte passou a ser a terceira cidade do Ceará sede de diocese⁵¹. (LIMA, 1997; FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

Para isso, a Igreja buscou detectar a realidade socioeconômica da área que corresponde aos municípios da Região Jaguaribana, sendo verificada a ineficiência dos serviços sociais referentes à educação, saúde e comunicação. Existia um interesse por parte dos comerciantes, aliados à igreja católica, de que seus filhos tivessem acesso às escolas de ensino primário e secundário, assim como à universidade. Pois, até então, os jovens filhos desses comerciantes tinham que se deslocar para a capital, Fortaleza, em busca de escolas e universidades. (CHAVES, 2004). Vale ressaltar que toda essa preocupação da Igreja Católica, através da diocese, com a educação e saúde tinha como principal interesse atender às exigências de uma elite formada pelos comerciantes. Não podemos analisar esse projeto de educação sem antes observar quem de fato iria se beneficiar, de imediato, com esses investimentos.

⁵¹ Porém, somente em 1940 o Bispo Dom Aureliano Matos vai tomar posse. (LIMA, 1997; FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

Segundo Lucenir, “para viabilizar o seu projeto social, especificamente no tocando à educação, a Igreja buscou apoio entre os governos municipais e estadual e a classe dominante local que acumulava riquezas com o comércio de cera de carnaúba”. (CHAVES, 2004, p. 47).

A partir desse projeto de educação foram inaugurados em Limoeiro do Norte o Ginásio Diocesano Padre Anchieta (1942); o Patronato Santo Antônio dos Pobres (1947); Seminário Diocesano (1947); Liceu de Artes e Ofícios (1953); Movimento de Educação Popular (1961) e a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (1968). Sem dúvidas estas instituições de ensino vão expressar, de forma significativa, mudanças no que diz respeito às relações sociais existentes em Limoeiro, assim como, no cotidiano da cidade, visto que:

[...] as escolas de ensino fundamental e médio foram criadas para atender as classes sociais distintas e ao mesmo tempo contribuir com a divisão social do trabalho interno à cidade ou externa a ela. Havia a escola de formação de mão obra para atender as atividades que surgiam ligadas ao setor industrial e ao de serviços em geral e, a escola que instruía o aluno para desempenhar atividades especializadas e de comando político e econômico na cidade. (CHAVES, 2004, p. 50).

Podemos citar como exemplo o Liceu de Artes e Ofícios, que se caracterizava como uma escola de ensino profissionalizante oferecendo os cursos de: soldagem, eletricidade, operador de máquinas agrícolas e industriais, marcenaria e artes gráficas. Para muitos jovens que buscavam o ingresso nesses cursos, essa era uma oportunidade de conseguir emprego e garantir o seu sustento e o da sua família. Na imagem abaixo podemos ver que a referida escola estava sob os cuidados da Igreja:



Figura 07: Escola Municipal Liceu de Artes e Ofícios sob a presidência do culto dinâmico sacerdote Cônego Misael de Sousa (1960)⁵²

Nesse contexto não podemos deixar de falar no Movimento de Educação de Base (MEB)⁵³, que tinha por objetivo alfabetizar jovens e adultos em todo município de Limoeiro do Norte e dos que estavam na abrangência da Diocese, sendo este outro projeto educacional idealizado pela Igreja. No MEB eram discutidos e coordenados os “programas de alfabetização de jovens e adultos, sindicalismo, comunicação popular e mobilização popular existente na comunidade onde os trabalhadores pobres associados”. (CHAVES, 1997, p. 67).

A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM⁵⁴ também desenvolveu um importante papel no que diz respeito às mudanças na dinâmica social da cidade, uma vez que o fluxo de pessoas para Limoeiro do Norte cresceu

⁵²Imagem retira do livro: “Limoeiro em fotos e fatos”. (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

⁵³O departamento do MEB funcionava na rua Francisco Remígio, no Palácio Episcopal, que também era a residência do bispo e sede administrativa da diocese.

⁵⁴Criada em 1968, a Unidade da Universidade Estadual do Ceará foi construída na avenida Dom Aureliano Matos, antiga Santos Dumont. A criação da Faculdade em Limoeiro do Norte pelo governador do Estado Virgílio Távora foi uma resposta ao pedido do Bispo Dom Aureliano Matos, por ocasião da festa do Jubileu de Ouro de sua ordenação sacerdotal. (CHAVES, 1997).

significativamente. Os jovens deste município e das cidades do Baixo Jaguaribe que concluíam o segundo grau deslocavam-se diariamente para fazer seus cursos universitários⁵⁵. Além do deslocamento dos alunos também havia o “vai e vem” dos professores de Fortaleza para ministrar suas aulas. Vejamos a imagem abaixo:



Figura 08: Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM⁵⁶

Também consideramos importante mencionar o serviço de comunicação criado pela Igreja com a finalidade de divulgar seu trabalho pastoral e de evangelização. No ano de 1955 o padre Mons. Sr. Otávio de Alencar Santiago instala uma estação de rádio amador com alcance apenas na área urbana. Sete anos depois era a vez da emissora Rádio Educadora Jaguaribana (1962) se instalar em Limoeiro do Norte com um alcance regional. Vela ressaltar que já existia na cidade a Rádio Vale do Jaguaribe, fundada em

⁵⁵Os primeiros cursos de licenciatura implantados na FAFIDAM foram: História, Geografia, Pedagogia, Letras e Ciências Físicas e Biológicas. Porém, hoje, está disponível na FAFIDAM o curso de Educação no Campo. Ainda na atualidade a faculdade só disponibiliza cursos de licenciatura. (CHAVES, 1997).

⁵⁶Acervo: Mílvia Duarte, 2004.

1956, até então as informações chegavam até os cidadãos por intermédio do rádio receptor instalado em 1930. Como podemos ver na fotografia:



Figura 09: Sede da Rádio Vale do Jaguaribe e do Cine Capri (1964)⁵⁷

⁵⁷Imagem retirada do livro: “Limoeiro em fotos e fatos”. (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).



Figura 10: Sede da Rádio Educadora Jaguaribana (1960)⁵⁸

Compreendemos que até o início da década de 1960, o rádio foi um dos principais instrumentos de comunicação dos que moravam na zona urbana e rural. Era através desse meio de comunicação que as pessoas ficavam informadas das notícias de natureza econômica, política e cultural, estas estavam ao alcance, principalmente, dos iletrados. Sem dúvidas essa novidade vai interferir na forma como as pessoas se relacionavam com as informações, com as notícias e com tudo que estava acontecendo na cidade e na Região Jaguaribana. (CHAVES, 2004).

De acordo com (CHAVES, 2004) a igreja perdeu o monopólio da informação que se dava através do rádio com a extensão da rede telefônica e da televisão em meados da década 1960. A primeira linha telégrafo da cidade instalada em 1927 possibilitou a comunicação com apenas dois municípios (Morada Nova e Jaguaribe), sendo ampliada para outros lugares em 1939, até então somente os moradores da zona urbana se beneficiavam com a modernização do serviço telefônico. Somente em 1963 este serviço

⁵⁸Imagem retirada do livro: "Limoeiro em fotos e fatos". (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

expandiu-se para as comunidades rurais de: São Raimundo, Arraial, Sapé, Córrego do Bom Fim, Córrego de Areia e Maria dias. (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

Com todas essas observações conseguimos perceber que a pequena cidade de Limoeiro do Norte começa a mudar seu cenário físico. Com crescimento e desenvolvimento do comércio, assim como o assentamento de pessoas no centro, as ruas começam a se expandir e outras tantas surgem permitindo um maior fluxo de artigos comerciais e pessoas. É no centro de uma cidade onde se concentra a amarração da circulação, é onde acontece a troca de mercadorias e do dinheiro de forma mais rápida. (SANTOS, 1999).

Não podemos ignorar a necessidade de sociabilidade do homem nesse processo de produção do espaço urbano. A vida dos limoeirenses, até a década de 1960, era marcada pela prática socioespacial de ir ao mercado⁵⁹, às escolas, às praças, à missa, à feira, enfim, nos principais pontos de encontro na cidade.

Frequentar as praças, entre elas a da Catedral, também era um hábito bastante comum entre os limoeirenses que saíam em busca de reencontrar os amigos, passear, conversar e muitas vezes dar início a uma paquera ou dar continuidade ao namoro que já existia. A presença dos bancos entre os jardins de árvores com copas exuberantes, de uma boa iluminação, tornava o lugar convidativo para os encontros noturnos. Segundo Lucenir:

Aos domingos, as moças e os rapazes, filho de fazendeiros residentes nas cidades do Baixo Jaguaribe, que moravam em regime de internato nas escolas Normal Rural e Padre Anchieta, e, outros jovens da cidade, encontravam-se para namorar ou para conversar assuntos corriqueiros sob os cuidados da irmã mais nova. Na mencionada praça as festas da igreja, organizadas pelo vigário, momento em que os pais amenizavam a vigilância exacerbada sobre filhas, ficando-as um pouco mais livre para a conquista. (CHAVES, 2004, p. 57).

O hábito muito comum desse período era o de sentar nas calçadas, “estas eram tidas como uma extensão da casa onde reuniam-se amigos e familiares para “papear” sobre os mais diversos assuntos” (CHAVES, 2004, p. 57). Muitas vezes as reuniões nas

⁵⁹Aos sábados, dias de feira todos os homens de negócio, e outras pessoas afluíam à cidade, a maioria para realizar compras de utilidade domésticas. Além disso, outros compareciam ao centro da cidade apenas para conversar com os amigos. Ir à feira e fazer as compras era de responsabilidade específica dos homens, era comum que as mulheres ficassem em casa à espera dos maridos que vinham com as compras. De acordo com Antônio Nunes Malveira era na bodega de Paulino Fidelis Maia situado no mercado velho que os fazendeiros do município se reuniam para discutir o preço do feijão, do milho, do algodão, do boi gordo, dos bezerros zebus, das vacas leiteiras, enfim, tudo que se referia ao campo. (MALVEIRA *apud* CHAVES, 2004, p.55).

calçadas evidenciavam uma certa distinção entre as classes sociais existentes. A exemplo da calçada da farmácia de João Eduardo Neto, à rua Santos Dumont, reuniam-se os letrados: líderes políticos, médicos, advogados, professores, para debater assuntos sobre política, economia, religião, educação, etc. Nesses locais circulavam notícias de jornais da cidade e revistas e jornais que vinham de outros lugares (CHAVES, 2004).

O cinema da cidade também se configurava como sendo um dos espaços de sociabilidade destinado ao entretenimento com a apresentação de filmes, eventos socioculturais, palestras sobre educação e também peças teatrais com artistas da cidade. O Cine Capri foi inaugurado no dia 24 de outubro de 1964, este situava-se na rua coronel Serafim Chaves com a Coronel Malveira. O cinema foi idealizado por Dr. José Nilson Osterne de Oliveira que, juntamente com o professor Olavo Mendes, o Sr. Antônio Chagas de Brito e outros sócios tornaram essa ideia em realidade. (FREITAS & OLIVEIRA).

Em 1966 chegava à cidade a primeira torre receptora do canal 2 da Rede Tupi de televisão, imagem transmitida pela TV Ceará. Sem dúvidas, a televisão trouxe gradativamente impactos para o cotidiano das pessoas em Limoeiro do Norte. A praça, enquanto lugar de maior sociabilidade entre as pessoas no período de festas religiosas, geralmente nos fins de semana, passou a ser também um lugar de encontro para assistir os programas televisivos. Quando estas chegam aos estabelecimentos comerciais e aos poucos às residências das famílias, compreendemos que novos valores, comportamentos e consumos de mercadorias projetados pelo capital industrial vão sendo incorporados,

Dando continuidade aos registros de costumes predominantes do município de Limoeiro do Norte podemos destacar o uso da bicicleta como o principal meio de transporte utilizado, ainda na década de 1970. Uma grande parte dos limoeirenses utilizavam a bicicleta para ir trabalhar, para ir à escola, ao mercado, à missa, ao cinema, já que a topografia da cidade sendo plana facilitava o uso das mesmas. Como podemos observar na imagem a seguir:

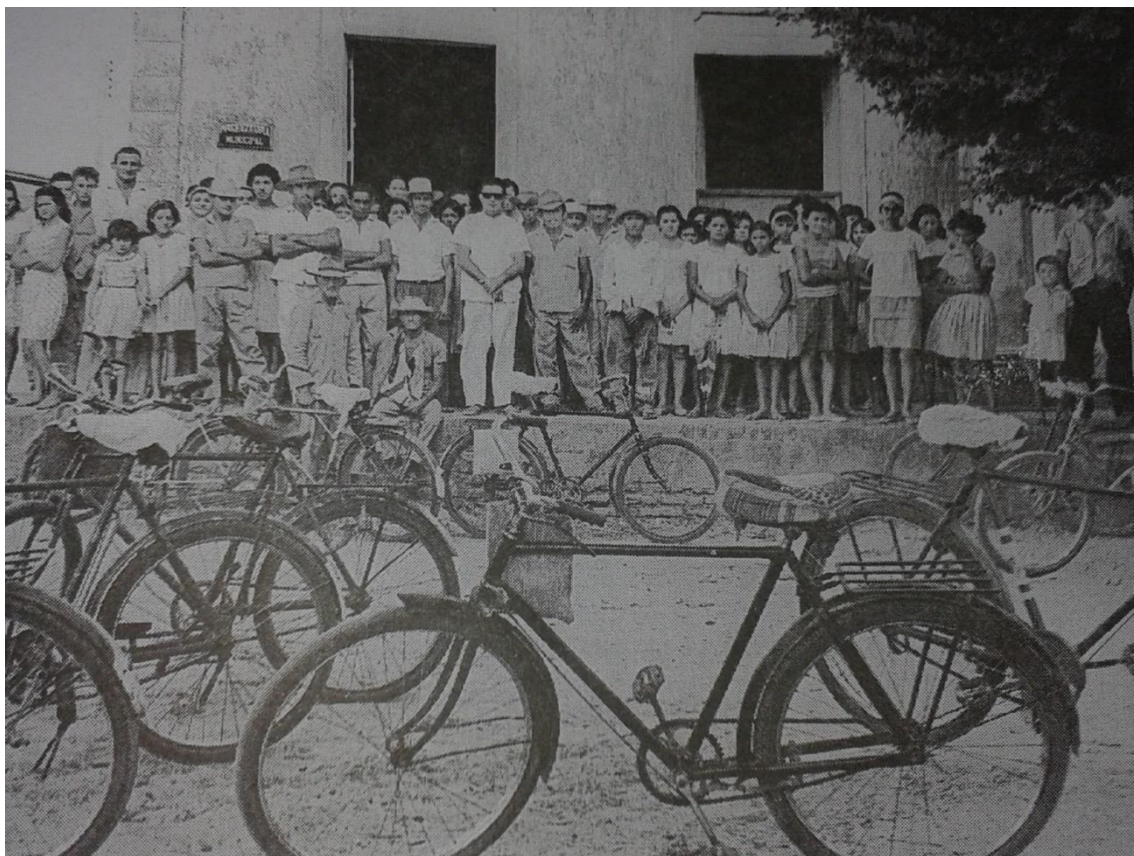


Figura 11: Inauguração de um posto de assistência odontológica na própria prefeitura (1960)⁶⁰

É dessa forma que vemos a cidade passar pelas transformações importantes, nos fazendo perceber que esta, de forma lenta, começa a perder seu caráter rural adquirindo novos hábitos e costumes mais urbanizados. Nesse sentido, em 12 de março de 1983⁶¹, era inaugurada pelo governador Manuel de Castro Filho a agência de ônibus Vale do Jaguaribe. A referida agência funcionava na sala do hotel do “seu Manoel Ângelo”, situado na rua Cel. Serafim Chaves, local onde se concentravam as pessoas que iam viajar, quer seja nos ônibus municipais ou intermunicipais.

Contudo, pudemos acompanhar de forma resumida o processo de urbanização, ao qual passou Limoeiro, levando em consideração as atividades econômicas e sociais como agentes responsáveis por tais transformações. Dentro desta discursão, não podemos deixar de ressaltar que as atividades funerárias também estão incluídas nesse processo. Todo esse desenvolvimento e modernização do espaço urbano

⁶⁰Imagem retirada do livro: “Limoeiro em fotos e fatos”. (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

⁶¹Eram inaugurados nesta mesma data pelo governador Manoel de Castro filho, sob a custódia do prefeito José de Oliveira Bandeira: O mercado do produtor; a Biblioteca Pública Municipal Dr. João Eduardo Neto; o Centro Social Urbano Osmira de Castro (construído com o apoio financeiro do Fundo de Desenvolvimento do Ceará – FDC/SEPLAN) e por fim, a sede do PROMOVALE (Programa de Valorização Rural do Baixo e médio Jaguaribe). (FREITAS & OLIVEIRA, 1997).

permitiu que as atividades funerárias também ampliassem suas áreas de atuação aumentando o consumo de artefatos fúnebres. Nesse momento a simples venda de caixões e velas passa a ser substituída por um serviço especializado e padronizado, seguindo as novas regras do novo mercado consumidor instaurado no município. Portanto, acordamos com Maria Lucenir quando a autora afirma que:

A produção industrial tem sofrido alterações para atender aos anseios do consumo, ao mesmo tempo, em que reforçada a normatização de uma sociedade de consumo dirigido. As grandes empresas ditam as regras e estipulam quais as necessidades que devem ser satisfeitas pelo consumo e produção globalizada (CHAVES, 2004, p. 89).

Consideramos importante analisar como se dava a comercialização dos apetrechos relacionados à morte, visando perceber quais transformações, entre outros ramos de negócios, o comércio funerário sofreu. Isto também diz respeito à forma como os limoeirenses passaram a lidar com a morte e o morrer a partir da prestação de serviços funerários oferecidos pelas empresas particulares, que passam a se responsabilizar por todos os cuidados referentes ao velar e ao sepultar, assim como as questões burocráticas referentes à morte.

2.3 Para além da “Vida Eterna”: as casas funerárias e a compra dos artigos de velório

Como vimos, em fins da década de 1980 a dinâmica econômica de Limoeiro do Norte passa por um processo de consolidação das transformações em curso desde as décadas precedentes, principalmente no campo onde houve um forte investimento por parte do Estado a fim de garantir a modernização agrícola como expansão do sistema produtivo mediante a incorporação de inovações técnicas.

As mudanças no cenário rural e urbano do município ficam em evidência quando compreendemos que o comércio, de um modo geral, também está passando por transformações que permitem o desenvolvimento de outros investimentos econômicos. Para Silvana Maria “as formas comerciais são parte de uma metamorfose da forma urbana, que torna fluida, atendendo às necessidades de reprodução do capital nesse novo momento histórico”. (PINTAUDI, 2008, p. 124).

Nesse sentido, buscamos perceber como as casas funerárias também encontram possibilidades de mercado ao ponto de oferecer serviços como os que são

ofertados na atualidade. Objetivamos analisar de que forma isso acontece, assim como buscamos apreender como os limoeirenses se relacionam com a morte já que os cuidados com o morto, que até então eram de responsabilidades da própria família, passam a fazer parte dos serviços funerários.

Diante da pesquisa realizada percebemos que a empresa do ramo funerário que mais cresceu e inovou em seus serviços foi a Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda. Porém, antes de falar nela é necessário compreender que seu dono, o senhor Raimundo Cordeiro de Freitas, já possuía casas funerárias que recebiam o nome de Vida Eterna, e que já atuavam na Região Jaguaribana desde 1989. Com sua visão empresarial Raimundo Cordeiro resolve comprar, em 1997, na cidade de Juazeiro do Norte – CE a empresa que hoje é denominada Anjo da Guarda.

Dessa forma, ele resolve substituir a marca da empresa por Anjo da Guarda. No ano de 2001, através da empresa, foi criado o plano Afagu, que trazia dos grandes centros urbanos um modelo de plano funerário, no qual seriam implementados serviços que beneficiassem o cliente ainda em vida, na lógica da empresa. Dessa forma, a funerária cria um sistema de parcerias⁶² com outras empresas locais garantindo descontos em diversos serviços.

Com isso, percebemos que antes do plano Afagu já existiam outros planos funerários na região⁶³, e que algumas casas funerárias já atuavam em Limoeiro do Norte – CE. O diferencial da Anjo da Guarda foi introduzir um modelo de plano fúnebre associado aos benefícios ainda em vida, fazendo com que as pessoas associassem o consórcio funerário não à morte e sim à vida. Vale ressaltar que essas ideias não são exclusivas desta funerária, visto já existirem nos grandes centros urbanos esse modelo de plano.

Conforme a pesquisa, percebemos que nas últimas décadas do século XX o comércio funerário em Limoeiro do Norte – CE funcionava apenas com a venda do caixão

⁶²A funerária encaminha seus clientes para os profissionais que fazem parceria com a empresa e em troca eles oferecem descontos diferenciados em seus serviços. (Informações retiradas do Guia Afagu, material de divulgação da empresa).

⁶³Em Limoeiro do Norte a empresa Assistência Familiar Funerária Eternidade já atuava antes da chegada da Anjo da Guarda. Também compreendemos que nos grandes centros urbanos as casas funerárias já atuavam de forma expressiva. Isso pode nos levar a crer que a Anjo da Guarda, em especial o senhor Raimundo Cordeiro, toma como referência destas, algumas das ideias de serviços diferenciados, como por exemplo, o plano Afagu. Dentre as empresas mais antigas que atuam na capital, Fortaleza, podemos citar a Funerária Paz Eterna que atua desde 1973 e o Grupo Nobre, que funciona desde 1979. (Informações retiradas dos sites www.pazeternaweb.com.br e www.gruponobre.com/site. Acessados em: 02 de fevereiro de 2015.

e velas, ainda não existia um serviço especializado. Isso fica mais claro quando o senhor Ricardo Alves, funcionário da funerária Anjo da Guarda, diz o seguinte:

Até então, as empresas ficavam com o trabalho simplesmente localizado na sua lojinha, não tinha trabalho de campo, não tinha venda de estoque, então era uma espécie de concorrência pesada pra ver quem ficaria com direito do serviço daquele corpo. Então, aí muitas empresas chegavam na frente, muitas vezes o parente ainda vivo a pessoa já chegava oferecendo a questão do serviço, isso era constrangedor demais.⁶⁴

Com isso não podemos deixar de perceber que o comércio funerário já existia nesta cidade em fins da década de 1970 e meados da década de 1980. As pessoas já tinham acesso às casas comerciais que fabricavam e vendiam caixões, deixando claro que as mudanças na maneira como as pessoas tratavam a morte começa a ganhar novas formas.

Segundo Isabela Andrade, no Brasil, o empresariar da morte e do morrer ocorreu a partir da modernização dos espaços tanáticos que possibilitaram o surgimento dos “Grupos” no final da década de 1980, o que significa que todo o processo do morrer ficou centralizado em empresas. “Os “Grupos” são, portanto, empresas completas que agregam vários empreendimentos fúnebres com o objetivo de dar conta de todo o processo do morrer: o antes (com o serviço de prevenção do funeral), o durante (com serviço funeral), e o depois (com os serviços de assistência ao luto)”. (MORAIS, 2009, p, 96).

Acompanhando as modificações ocorridas em uma sociedade capitalista, as empresas funerárias criam estratégias para combater a concorrência garantindo um número ainda maior de clientes adeptos aos novos serviços fúnebres. Especializar-se, modernizar-se e oferecer serviços diferenciados é uma das formas que as funerárias encontraram para se manterem no mercado. Toda a preocupação em torno da modernização das empresas funerárias insere a morte em uma lógica comercial quando apreendemos que atrelado aos seus aparelhos de atendimento estão a publicidade, as vantagens e as concorrências em relação à oferta de serviços funerários.

Pensando nisso, compreendemos que a funerária Anjo da Guarda foi a pioneira em criar uma estratégia que garantisse o crescimento da sua cartela de clientes em Limoeiro do Norte, com os planos funerários que beneficiassem o cliente ainda em

⁶⁴Ricardo Alves, 38 anos, na época, gerente da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

vida. Conforme Ricardo Alves, a grande ideia que a empresa teve foi a de conseguir clientes antes do falecimento dos mesmos:

E qual foi a ideia que tivemos? Vamos conseguir o cliente antes dele morrer. Como é que a gente consegue um cliente antes dele morrer? Se ele tiver algum vínculo com a gente, a gente tendo um vínculo com ele e ele tendo um vínculo com a gente, quando acontecia alguma coisa não precisa mais eu correr atrás daquele cliente porque ele já está vinculado a mim, então partir dessa ideia, criar um vínculo com o cliente antes de haver o falecimento.⁶⁵

Fazer com que as pessoas criassem vínculos com a empresa fez com que elas associassem os planos funerários não somente à morte, mas aos benefícios ainda em vida. Além disso, essa era uma estratégia de tranquilizar os vivos, que não se preocupariam em organizar os velórios dos familiares, visto vivermos em uma sociedade onde as pessoas não dispõem de tempo para preparar os rituais fúnebres de seus entes queridos. Pensando nisso, a empresa criou estratégias de parcerias com várias outras empresas, sendo oferecidas aos clientes que possuem o plano Afagu⁶⁶. Segundo Ricardo Alves:

Muita gente que faz o plano hoje, ela não pensa primeiramente na questão falecimento, ela pensa primeiramente no benefício que eu posso ter, um desconto num mercantil, um desconto numa ótica, um desconto em algum lugar com os parceiros da gente. Isso aí foi criado a Afagu.⁶⁷

Analisando a fala do funcionário podemos observar que apesar dele ressaltar os descontos oferecidos pelo plano, não significa que este seja o motivo de força maior pelo qual os clientes aderem ao consórcio funerário. Acreditamos que esta é mais uma forma que a empresa cria de atenuar o tema da morte no cotidiano das pessoas, sendo esta uma estratégia de venda. Isso fica em evidência quando a senhora Maria Alves de Lima, que tem 85 anos, cliente da funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda, expõe seus

⁶⁵Ricardo Alves, 38 anos, na época gerente da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

⁶⁶O plano Afagu disponibiliza aos seus associados uma rede de parcerias que lhes dão descontos em atendimentos médicos, oftalmológicos, odontológico, ginecológicos, psicológicos, e descontos em vários estabelecimentos comerciais como supermercados, farmácias, laboratórios, etc. Podemos citar como exemplo a Clínica Nova situada no centro de Fortaleza - CE que garante ao sócio Afagu descontos em vinte e cinco especialidades, entre elas: cardiologia, clínica médica, cirurgia geral, dermatologia, endocrinologia, gastroenterologia, ginecologia, neurologia, cirurgia cabeça e pescoço, neurocirurgia, ortopedia, otorrinolaringologia, urologia, geriatria, pneumologia, cirurgia plástica, fonoaudiologia, nutrição, cirurgia vascular, cirurgia cardíaca, reumatologia, psiquiatria, arritmologia, medicina do trabalho, hematologia, nefrologia, infectologia, proctologia. (Fonte: encarte de divulgação da empresa).

⁶⁷Idem Nota 65.

principais motivos em adquirir um plano funerário para ela e toda sua família, tendo como prioridade no seu orçamento o pagamento mensal do mesmo. Quando pergunto seu principal motivo de adesão ao plano ela afirma o seguinte:

É bom, você se lembra que quando morrer tem... vai pro cemitério já todo prontinho com a mortalha que no instante faz, tudo bem organizado, muito organizado. Tem desconto no botijão de gás, a pessoa chega e pede desconto com o cartão da funerária, por que o dinheiro é pouco. Eu com toda minha família: Gracinha, Iraci, Nega, Lorinha, mas quem sabe de tudo isso é Gracinha.⁶⁸

Na fala de Dona Maria percebemos que o discurso da empresa funerária já foi incorporado pelos clientes, que disseminam esta ideia como algo fundamental para se ter uma boa morte. Quando perguntados sobre o real motivo por terem aderido ao plano funerário, todos os depoentes responderam que foi pelas facilidades que a funerária oferecia no momento em que morria um ente querido. Esse discurso do “bem morrer” já está bastante difundido e é por esse motivo que a cada dia os planos são mais bem aceitos.

Compreendemos que a funerária cria a necessidade de as pessoas aderirem aos seus planos como se esse fosse um imperativo básico para que consigam viver tranquilos quanto às questões que envolvem a morte. De acordo com informações colhidas na funerária Anjo da Guarda, no ano de 2014, a empresa contava com mais ou menos 6.000 titulares de planos⁶⁹. Considerando que em Limoeiro do Norte nesse mesmo ano a população era de 57.782⁷⁰ habitantes, podemos dizer que as estratégias de adesão aos planos da empresa estavam tendo êxito.

Para uma cidade que passou e que ainda está passando por transformações socioeconômicas, esse número é bastante expressivo e indica que o município mudou não somente seu espaço físico, mas também a forma de se relacionar com os novos tipos de comércios. Limoeiro do Norte, que até então possuía características bastante interioranas de costumes rurais, começa a se adequar às novas regras estabelecidas pelo mercado econômico, permitindo algumas mudanças na forma como os limoeirenses lidam com os serviços funerários.

⁶⁸Maria Alves de Lima, 89 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 10 de dezembro de 2010.

⁶⁹Vale ressaltar que cada titular tem o direito de colocar o nome de dez pessoas como beneficiários do plano. (Fonte: ficha de adesão aos planos).

⁷⁰Dados retirados do site do IBGE (<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230760>).

Nesse sentido, compreendemos que com o crescimento populacional e a expansão urbana do município em fins do século XX não foi possível que algumas práticas fúnebres continuassem a acontecer. Como citamos anteriormente, fazia parte das propostas do Estado o desenvolvimento das cidades do baixo Jaguaribe, mas para isso foram necessárias várias medidas econômicas e sociais. As mudanças ocorridas em Limoeiro do Norte, assim como no cotidiano das pessoas, demonstram que muitas foram as transformações, inclusive na forma de lidar com os mortos e com a morte.

Podemos citar como exemplo a retirada dos caixões coletivos expostos, geralmente nas igrejas. Esta se configura como uma medida para tirar da cena pública algo que representasse um atentado ao progresso que tanto almejavam as autoridades locais.

Além disso, os cortejos fúnebres, em que o defunto era carregado em uma rede, também passou a ser uma afronta ao desenvolvimento pelo qual Limoeiro do Norte estava passando. Esta prática deixou de existir evidenciando, entre outros elementos, o crescimento econômico e social do município.

Com um município desse tamanho já não é mais possível que os cortejos sejam acompanhados por uma multidão a pé, sua extensão geográfica não permite que esse hábito ainda aconteça no tempo presente. O que vemos atualmente são cortejos sendo acompanhados por pessoas motorizadas que, seguindo o carro da funerária onde o caixão é levado, utilizam as motocicletas, carros e até ônibus para chegar até o cemitério. Como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 12: Cortejo fúnebre⁷¹

Também consideramos importante observar que a mudança do sepultamento em rede para o caixão, mesmo comunitário, mantinha certa relação com a humanização do ato. Levar em rede era um testemunho da condição social em que vivia o morto. Era um processo de distinção entre os de posse e os de não posse. Consideramos que o caixão, mesmo comunitário, é um primeiro momento de uniformização do ato funerário. Portanto, podemos localizar, nesse momento, um elemento da urbanização e das pré-condições para o surgimento das funerárias. As próprias autoridades políticas e religiosas não poderiam admitir ações que expressassem desumanidade e descaso do poder público, como os sepultamentos em rede.

Essas transformações, as quais estamos analisando ao longo deste capítulo, nos fazem observar que os antigos hábitos de sepultar em redes não condiziam com esse novo espaço urbano que estava sendo gestado, este era um signo do atraso e expunha a pobreza dos seus munícipes. Acompanhando o processo ao qual vem passando as práticas de velar e sepultar, podemos dizer que primeiramente veio o caixão coletivo, depois a

⁷¹Acervo: Rafaela Moreira de Lima. Fotografia tirada durante o trabalho de campo no dia 24 de novembro de 2014.

venda de artigos que compunha o cenário do velório, em seguida vieram os serviços, até a chegada da implementação dos planos funerários, etapa mais desenvolvida desse processo ainda em curso. É possível que no futuro haja o surgimento de formas mais adaptadas aos moldes das sociedades vindouras, o que não podemos prever. Daqui a alguns anos os historiadores poderão “olhar” para os consórcios funerários de hoje e considerá-los uma forma incipiente de lidar com a morte e o sepultar. Outros produtos e outras mercadorias surgirão, mas concordamos que a lógica empresarial vinculada ao comércio fúnebre já está estabelecida. Porém, as prováveis transformações deverão ocorrer no marco empresarial, visto se tratar de um negócio lucrativo.

Analisando as fontes, em especial os contratos de adesão aos planos, observamos que os serviços vinculados ao traslado dos corpos também se adequaram a essas transformações ocorridas no espaço urbano de Limoeiro do Norte. De acordo com a CLÁUSULA 5º - DOS SERVIÇOS FUNERAIS:

5.5 – A CONTRATADA prestará os serviços funerários assegurados neste contrato somente na área correspondente à quilometragem estabelecida em cada anexo do contrato.

5.6 – Ocorrendo o óbito com necessidade de traslado superior ao crédito de quilometragem concedido, conforme anexo escolhido, arcará o (a) CONTRANTE ou quaisquer de seus substitutos contratuais e legais, com o valor excedente a ser cobrado de acordo com a tabela vigente da contratada ou da empresa encarregada do traslado, no caso de terceirização.

5.7 – A contagem da quilometragem do traslado será iniciada tomando como base a filial de origem do contrato, ou a filial mais próxima que possua veículo apropriado para a prestação de serviço.

5.8 – A franquía do traslado equivalente a cada anexo só poderá ser utilizada para fins de sepultamento.

De acordo com as especificidades expostas nas referidas cláusulas, observamos os cuidados que a empresa apresenta em relação às distâncias a serem percorridas na realização do serviço de sepultamento, assim como os gastos propostos por este tipo de serviço. Isso evidencia que a funerária adequou a sua cartela de prestabilidades às mudanças ocorridas no espaço geográfico da região do Baixo Jaguaribe. Dessa forma, os cortejos fúnebres também passaram por um processo de transformação, já que não é mais possível que este seja acompanhado a pé.

Portanto, apreendemos que as atuais empresas funerárias, além de acompanhar as transformações ocorridas nas práticas fúnebres, também sugerem uma nova forma de lidar com as providências a serem tomadas em relação ao velar e o sepultar. As mudanças ocorridas no seu espaço de atuação implicam que os serviços atendam às novas exigências sugeridas por uma sociedade que não se preocupa com os cuidados referentes à morte.

As empresas funerárias passam a oferecer serviços que dão ao consumidor a sensação de independência, quando se trata das providências do seu próprio funeral ou do funeral de algum familiar. Compreendemos que pagar um caixão e todos os artigos fúnebres⁷² que compõem um velório não é algo muito barato, a morte se tornou dispendiosa. Para isso as funerárias criaram uma maneira do cliente pagar em longo prazo por todas essas despesas, dando a garantia de que ele não passará por constrangimentos financeiros relacionados a sua futura cerimônia fúnebre.

Portanto, de um modo geral, as atuais funerárias são instituições que possuem serviços profissionais que investem em técnicas modernas, como também no próprio treinamento dos profissionais que atuam na área. Percebemos, então, que estas empresas se introduzem na nossa sociedade com a complementação de serviços que cercam as cerimônias mortuárias. Entendemos que essas instituições que lidam com a morte incorporaram aos seus serviços os negócios que fazem delas empresas lucrativas e que a cada dia tentam se ampliar e dinamizar.

Porém, não podemos afirmar que o investimento em novos serviços funerários são os únicos elementos responsáveis pelo crescimento do consumo mortuário na cidade de Limoeiro do Norte. Temos que compreender os vários motivos que levam os indivíduos a aderirem aos planos fúnebres. Em seu estudo sobre o empresariar da morte e do morrer no grupo Parque das Flores, em Alagoas, Isabela Andrade cita alguns motivos que levam as pessoas a adquirirem os produtos e serviços funerários preventivamente. Entre eles, a autora destaca: “a praticidade e comodidade atrelada aos atuais serviços funerários, o receio de ser sepultado em uma vala comum, a ineficiência da gestão da morte pelo serviço público e o desejo de oferecer as últimas cerimônias à pessoa como uma forma de retribuição por todas as suas realizações em vida”. (MORAIS, 2009, p.

⁷²Os artigos fúnebres consistem em: caixão, vestimentas, velas, mantos, véus, castiçais, suporte para o caixão, coroas de flores, etc. A comercialização desses artigos está relacionada à atividade funerária e empresas que desenvolvem produtos para responder às necessidades do mercado fúnebre.

256). Portanto, vemos que em certa medida existe um vínculo e uma correlação que envolve os vivos e mortos nesse contexto de consumo e oferta de serviços fúnebres.

Com a pesquisa que fizemos junto ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Limoeiro do Norte, pudemos perceber a existência de uma série de critérios que restringe o acesso ao auxílio funeral garantido a todo cidadão limoeirense pelo Decreto de nº 453, de 30 de julho de 2010, da Lei Municipal de Benefícios Eventuais, de nº 1.524, de 14 de julho de 2010, e o art.22 da Lei Federal 8.742, de dezembro de 1993. Para ter acesso ao custeio do funeral o falecido deve ter renda per cápita familiar igual ou inferior a ¼ do salário mínimo; deve possuir o cartão do programa bolsa família; deverá ser emitido um parecer técnico pelo técnico de serviço social vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social; além de conter todos os documentos pessoais do responsável (RG e CPF), assim como do beneficiário, ou seja, do morto⁷³.

Toda essa burocracia exigida pelo CRAS acaba por fazer com que as pessoas evitem buscar esse direito assegurado pelo poder público. Muitas delas consideram que esta é uma humilhação pela qual a família enlutada teria de passar. Recorrer a este recurso, se assemelha, do ponto de vista da posição social, ao caixão coletivo de outrora. É uma espécie de rebaixamento social, confessável, num momento de dor. Saiu o caixão comunitário e entrou em cena esse tipo de auxílio em que o indivíduo tem que demonstrar publicamente sua pobreza ou indigência. Como afirma Dona Maria das Graças:

Deus me livre de precisar da prefeitura para enterrar uma pessoa da minha família ou até eu mesma. Eu espero nunca passar por essa humilhação de ter que pedir um caixão a prefeito algum. Por isso pago meu plano pra nunca passar por uma situação dessa. E também não é assim não, tem que ter um monte de coisa pra conseguir isso, dá uma dor de cabeça danada. A gente, no momento que morre alguém da família já não tem cabeça pra nada e ainda ter que se preocupar com essas coisas, Deus me livre, é muita humilhação.⁷⁴

A fala da depoente reforça a ideia de que muitas das preocupações das pessoas estão relacionadas a prepararem-se para o momento final de suas vidas, não deixando para os parentes ou amigos os cuidados exigidos pela morte. Além disso, também

⁷³A Funerária Vida Master é a empresa responsável por prestar serviço ao município de Limoeiro do Norte através de um processo de licitação.

⁷⁴Maria das Graças de Lima, 65 anos. Aposentada. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2014.

podemos retirar da fala da Dona Maria a preocupação com a exposição a qual os vivos serão submetidos, ao demonstrar que a família enlutada não requer de condições financeiras para arcar com as despesas do funeral. Portanto, muitas vezes os titulares dos planos colocam como dependentes os membros da família considerados menos favorecidos, evitando que eles recorram ao poder público.

Também acreditamos que a prática de pagar um plano funerário vincula-se à sensação de independência sentida pelos indivíduos, uma vez que, não precisarão depender da “caridade” do poder público, nem da arrecadação de dinheiro para a compra da urna mortuária, como declara Dona Maria das Graças ao dizer que, “na minha época de mocinha, quando alguém morria a família saía pedindo dinheiro pra comprar um caixão, era muito triste uma situação dessas, humilhante”.⁷⁵

Em muitos casos a família enlutada que não detém as condições financeiras para contratar os serviços das funerárias opta por pedir ajuda a própria funerária, ao invés de acionar a Secretaria de Assistência social. Segundo a gerente da Anjo da Guarda, Mirineide Chaves, isso acontece porque:

As pessoas se recusam a pedir ao poder público pelas questões políticas. Se eu votei no prefeito que está na situação eu não me inibo, eu percebi muito isso, as pessoas não se inibem em pedir se ele votou naquele prefeito que está na situação. Mas se ele não votou muitas vezes ele não vai com medo de receber um não. Também tem a questão da dignidade.

As dificuldades que a gente encontra é ainda encontrar pessoas muito carentes e que vem requerer um serviço que eles não têm como pagar um plano funerário. Quando há o falecimento, muitas famílias já vêm até a mim e me pedem e assim, eu já cheguei, nesse decorrer desses dezoito anos de empresa, já cheguei a doar alguns serviços, porque a Anjo da Guarda não doa simplesmente uma urna, ela doa o serviço completo. Então assim, um dos meus maiores dissabores é ver as pessoas nesse sentido, porque é muito triste a gente ver alguém com um ente querido morto e não ter com que pagar né.⁷⁶

Portanto, observamos que mesmo com o crescente número de adeptos aos planos funerários ainda é comum encontrarmos pessoas que não podem custear um serviço fúnebre por conta do seu custo elevado. Morrer tem se tornado cada vez mais

⁷⁵Maria das Graças de Lima, 65 anos. Aposentada. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2014.

⁷⁶Mirineide Chaves Soares, 37 anos. Gerente Administrativa da agência de Limoeiro do Norte – CE. Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM. Entrevista realizada em 18 de setembro de 2014.

dispendioso para a família dos que morrem. Se programar para o momento final da vida tem sido alvo de preocupação entre aqueles que não querem deixar para os parentes e amigos os cuidados exigidos pelo morrer.

Vemos que hoje a maior preocupação das pessoas não está apenas em velar o morto e seguir os rituais fúnebres que garantem, segundo a crença cristã, uma boa morte. “Morrer em paz” agora significa não deixar para os familiares o trabalho de preparar o velório e o sepultamento, rituais que antes faziam parte do luto dão lugar a padronização e a assepsia. Adirir ao plano funerário significa passar todos esses cuidados para as mãos de especialistas que se responsabilizam pelo tratamento do corpo e de todas as questões burocráticas. Consideramos essa questão importante, pois o que se percebe é que o significado que as pessoas atribuem ao “morrer em paz” muda, dando-nos a perceber as ressignificações, as modalidades que os termos adquirem historicamente.

Percebemos, dessa forma, que a preparação do corpo deixa de fazer parte do luto, onde uma gama de signos mortuários que antes agiam para facilitar a felicidade na vida após a morte vai deixando de acontecer por causa da uniformização⁷⁷ das práticas e da assepsia do corpo por parte da empresa, e pelas facilidades do funeral por parte da família. Porém, não podemos afirmar que as pessoas se distanciaram da morte somente por causa dos serviços funerários, pois isso já vinha acontecendo antes mesmo das facilidades propostas por estas empresas. Trata-se da nossa dificuldade em tocar o corpo, tanto pela nossa pudicícia moderna e higiênica como pelo nosso medo em relação àquilo que o corpo representa, ou seja, a própria morte.

O consumo mortuário está vinculado à forma como se caracteriza a relação empresa/cliente, assim como, a maneira que o morrer é pensado na contemporaneidade. Fazer reflexões acerca do empresariar da morte nos permite compreender como a lógica utilitária dos produtos e mercadorias dialoga com as transformações ocorridas nas práticas mortuárias.

Na relação comercial entre a empresa fúnebre, com a venda de artefatos e serviços mortuários, e seus consumidores há uma tentativa, por parte destas agências, de se sobressair num mercado competitivo. Conseguir se manter em um mercado competitivo como o mercado fúnebre, faz com que as empresas criem produtos e serviços diferenciados para se destacar e obter uma maior parcela do mercado possível. É inegável

⁷⁷Percebemos que as funerárias uniformizaram certos apetrechos que compõem uma cerimônia fúnebre, entre eles podemos destacar as mortalhas que se classificam em tamanhos padronizados, como também as flores, castiçais, velas, ou seja, a parte decorativa do velório.

que o consumo funerário tenha aumentado nas últimas décadas, tornando este ramo de negócios bastante promissor para os empresários, permitindo que tais produtos e serviços oferecidos pelas funerárias sejam cada vez mais especializados e padronizados.

3 O EMPRESARIAR DA MORTE E O CONSUMO MORTUÁRIO

“Esse negócio de plano funerário foi a melhor coisa que já inventaram. Só em você saber que quando alguém morrer não precisa a gente se preocupar com nada, já é muito bom. Até porque é um momento muito difícil, a gente não tem cabeça pra nada, pra resolver nada”.

(Maria Augusta da Silva)

Observamos que o consumo de bens e serviços é algo presente nas mais variadas culturas. Isabela Moraes afirma que “os indivíduos consomem para se reproduzirem socialmente, para se diferenciarem atribuindo status ou pertencimento a determinado grupo social”. (MORAIS, 2011, p. 01). De acordo com McCracken, o ato de consumir não flutua em um vácuo cultural, eles servem como pontes para o significado deslocado, tanto para os indivíduos quanto para os grupos⁷⁸. (McCRACKEN *apud* MORAIS 2003). Para Canclini, o consumo se define como sendo “o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (CANCLINI, 1995, p. 31). O consumir e, por conseguinte, a produção de bens e serviços são intenções culturais, pois são os arranjos culturais que apresentam significados para a produção e o consumo de determinados tipos de produtos. (SAHLINS, 2003). Segundo McCracken o consumo possui um caráter completamente cultural:

A cultura é profundamente ligada ao e dependente do consumo. Sem os bens de consumo, as sociedades modernas desenvolvidas perderiam instrumentos-chave para a reprodução, representação e manipulação de suas culturas. [...] O significado dos bens de consumo e a criação de significado levada a efeito pelos processos de consumo são partes

⁷⁸De acordo com Isabela este autor define significado deslocado todo segmento cultural que foi removido da vida cotidiana e recolocado em domínio cultural distante no tempo e no espaço, passando a ser visto como realidades impraticáveis. (MORAIS, 2011, p. 01).

importantes da estruturação de nossa realidade atual. Sem os bens de consumo, certos atos de definição do *self* e de definição coletiva seriam impossíveis nessa cultura. (McCRACKEN *apud* MORAIS 2011, p. 11).

Ao distinguir consumismo na modernidade e na pós-modernidade, Canclini afirma que em uma época onde a globalização dos produtos, de divisão em segmentos das nacionalidades, de comunicações dimanadas e de comunidades transnacionais, os códigos comuns aos grupos já não são demarcados pelas noções de nação, de territorialidade ou de histórias políticas, “o consumo funciona como um código que nos unifica ou que ao menos permite que nos entendamos”. (CANCLINI, 1995, p. 61). De acordo com Zygmunt Bauman:

Por toda a história humana, as atividades de consumo ou correlatas (produção, armazenamento, distribuição, e remoção de objetos de consumo) têm oferecido um suprimento constante de “matéria-prima” a partir da qual a variedade de formas de vidas e padrões de relações inter-humanas pôde ser moldada, e de fato o foi, com a ajuda da inventividade cultural conduzida pela imaginação. (BAUMAN, 2008, p. 38).

Podemos cometer o erro de acreditar que o consumo é algo banal, já que esta é uma atividade presente no nosso dia a dia, ao qual fazemos com bastante facilidade. Porém, devemos observar que a prática de adquirir bens de consumo e produtos está relacionada aos nossos anseios e vontades enquanto consumidores. Segundo Bauman:

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como nas relações e execuções de políticas de vida individuais. (BAUMAN, 2008, p. 41).

Podemos dizer que o consumo também está relacionado a uma necessidade de compra, criada pelas próprias empresas que vedem os produtos e bens de consumo. Um exemplo disto é a crescente adesão aos serviços funerários e, em especial aos planos, que têm se tornado uma aquisição indispensável para aqueles que querem viver de forma tranquila com relação aos cuidados referentes ao velar e ao sepultar.

Diante dessas observações percebemos que se estabelece uma relação comercial entre as famílias e/ou indivíduos e a indústria de serviços fúnebres, onde existe de um lado o ofertante dos serviços (a empresa funerária) e do outro lado os consumidores. É nesse sentido que objetivamos neste capítulo compreender esta relação, analisando o sistema empresarial vinculado ao morrer e como a introdução deste tipo de comércio acaba por, em certa medida, transformar algumas práticas mortuárias. Pensar a morte na atualidade, assim como os rituais que cercam este evento, nos trazem reflexões acerca da atuação das funerárias e dos serviços por elas ofertados, já que são estas empresas que se responsabilizam por todo o processo que envolve o morrer.

Para isto, consideramos importante fazer ponderações a respeito do consumo mortuário, buscando compreender como o empresariar da morte tem se tornado, entre outros aspectos da vida, um negócio rentável e lucrativo. Com isso, se torna indispensável analisar os impactos que tais atividades comerciais trouxeram para as práticas e rituais fúnebres.

3.1 O empresariar: o consumo dos serviços funerários em Limoeiro do Norte – CE

Os serviços funerários vêm, a cada dia, se profissionalizando, fazendo com que a morte seja percebida como um evento que possui intencionalidades comerciais, sendo assim um fato econômico qualquer. É nesse sentido que buscamos analisar, de forma mais detalhada, como se dá a venda e a aquisição dos produtos e serviços funerários, observando a dinâmica de funcionamento interna e externa da Funerária Anjo da Guarda.

Como toda e qualquer empresa que vende um produto ou serviço, a Funerária Anjo da Guarda estabelece uma relação comercial entre seus clientes assegurada por um contrato que garante os direitos e deveres de ambas as partes. Este contrato é a garantia judicial de que o indivíduo que aderiu ao plano funerário terá acesso a todos os serviços ofertados pela empresa. Dessa forma, também se comercializa a ideia de estar garantida a tranquilidade dos vivos, que não terão a preocupação de lidar com as burocracias relacionadas ao morrer. Devemos compreender que esta tranquilidade induzida pela empresa se encontra em um terreno fértil para sua consolidação, já que ela lida com um momento extremo na vida do indivíduo. Isto está bem definido na CLÁUSULA 3º - DO OBJETO - onde diz que:

A contratada se compromete a organizar e prestar serviços de funerais e homenagens póstumas, assegurando e assistindo os beneficiários em todas as providências administrativas e legais pertinentes ao evento – óbito.⁷⁹

Esta tranquilidade desejada pelo cliente se reflete na fala de Dona Maria das Graças:

É muito bom isso. Só em não ter que se preocupar com nada na hora que algum familiar morrer, já é muita coisa, é muito bom. No dia que meu irmão morreu eu só tive que ir lá na funerária com o carnezinho e a certidão de óbito e dizer que meu irmão tinha morrido, pronto, aí tudo ficou por conta deles. Se fosse antigamente... Deus me livre, ia ser uma dor de cabeça danada porque a gente ia ter que correr atrás de tudo, caixão, mortalha, tudo.⁸⁰

Essa facilidade proposta pelas atuais funerárias particulares garante a ampliação dos negócios⁸¹, assim como um consumo massificado dos serviços fúnebres. Vivemos um momento em que a falta de tempo, como consequência de um tempo acelerado, não permite que paremos para cuidar dos velórios do outro. Stephen Bertman utilizou os termos “cultura do agorista” e “cultura apressada” para definir a forma como vivemos em nosso tipo de sociedade. (BERTMAN *apud* BAUMAN, 2008, p. 45). Para Zugmunt na vida “agorista” dos indivíduos da era do consumo o motivo da pressa é, em certa medida, o impulso do adquirir e juntar.

Vemos que cada vez mais a rotina das pessoas mostra-se agitada, mais preenchida com atividades exigidas pelo capital que não admitem que a produção seja comprometida pelo tempo que se dedicava ao velório e ao luto, em especial. Sobre este aspecto Zugmunt afirma que:

A apropriação e a posse de bens que garantam (ou pelo menos prometam garantir) o conforto e o respeito podem de fato ser as principais motivações dos desejos e anseios na sociedade de produtores, um tipo de sociedade comprometida com a causa da segurança estável e da estabilidade segura, que baseia seus padrões de reprodução a longo prazo em comportamentos individuais criados para seguir essas motivações. (BRAUMAN, 2008, p. 42).

⁷⁹Trecho retirado do Contrato do Associado referente ao Plano Afagu.

⁸⁰Maria das Graças de Lima, 65 anos. Aposentada. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2014.

⁸¹A Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda está presente em mais de setenta cidades do Ceará e nos estados de Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia.

Esse conforto e segurança são as principais propostas das atuais agências funerárias, que garantem aos consumidores certa tranquilidade com relação à morte. O serviço de prevenção vem tendo um rápido crescimento, uma vez que o próprio cliente assume todas as incumbências de seu funeral, optando pelo tipo de serviços e produtos que mais se adequam às suas necessidades financeiras, culturais e religiosas, possibilitando certa comodidade aos familiares quando ele vier a falecer.

O plano funerário Afagu vai variar de acordo com o preço e o serviço, eles se definem como sendo do “A” ao “D”, cada um contendo suas especificidades. Com isso, percebemos que diante dessa variedade de planos houve uma divisão de classes dentro dos serviços oferecidos pela empresa, ou seja, separando os níveis de serviço a partir das classes sociais dos clientes. De acordo com o entrevistado Ricardo Alves:

Só existia um tipo de plano, só atendia um padrão de serviço, era contratado um serviço e aquela família tinha um padrão. E antes das categorias de faixa etária por faixa sociais... temos pessoas classe A, classe B, classe C a empresa foi também dividindo seus planos foi estendendo mais planos dentro do seu serviço. Ela hoje tem o plano A, tem o plano B, o plano C e o plano D onde o plano A corresponde àquele tipo de serviço popular apesar de ser muito completo para aquele nível de serviço, ele é bem completo. E temos o padrão plano D onde ele atinge a camada mais alta da sociedade ele tem como atendimento mais... podemos dizer assim, mais luxuoso para as pessoas que tem esse tipo de gosto.⁸²

Para garantir a prosperidade do negócio, a funerária passa a atender as exigências do mercado consumidor, que varia muito, vai de acordo ao desejo de como os clientes querem e pensam seu próprio funeral. Para isso a empresa oferece cada vez mais produtos e serviços diferenciados para se destacar e obter um número maior de compradores de planos.

Todos os tipos de planos, de serviços e seus respectivos preços estão definidos na cartela de serviço anexado ao contrato de adesão aos planos. Nesse material podemos observar melhor como estão definidos cada plano:

⁸²Ricardo Alves, 38 anos, na época, gerente da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

TABELA DE PREÇOS, SERVIÇOS E PLANOS	
Plano A *Valores do crédito do serviço R\$ 1.590,00 *Adesão R\$ 45,00 *Mensalidade R\$ 39,50 Descrição do serviço: • Urna Mortuária conforme plano (modelo trevo 00 - com visor); • Vestuário simples (opcional); • Ornamentação de flores no interior da urna; • Kit café simples; • Paramentos (câmara ardente, castiçais, velas, cortinas, tapete e pedestal); • Livro de presença (cor prata); • 300Km para caso de traslado (terrestre); • Assepsia (higienização); • Assistência ao velório; • Orientação a respeito da certidão de óbito; • Desconto de 25% em tanatopraxia, centro de velório e cerimonial externo.	Plano B *Valores do crédito do serviço R\$ 2.660,00 *Adesão R\$ 70,00 *Mensalidade R\$ 66,00 Descrição do serviço: • Urna Mortuária conforme plano (modelo Santa Rita 118); • Vestuário simples (opcional); • Ornamentação de flores no interior da urna; • 01 (uma) coroa de flores naturais (Ref.01); • Kit café simples; • Paramentos (câmara ardente, castiçais, velas, cortinas, tapete e pedestal); • Livro de presença (cor prata); • 500Km para caso de traslado (terrestre); • Assepsia (higienização); • Assistência ao velório; • Orientação a respeito da certidão de óbito; • Desconto de 50% em tanatopraxia, centro de velório e cerimonial externo; • Material para convallescente 01 (um) mês gratuito; • Cartões de condolências - 50 unidades.
Plano C *Valores do crédito do serviço R\$ 3.990,00 *Adesão R\$ 100,00 *Mensalidade R\$ 99,50 Descrição do serviço: • Urna Mortuária conforme plano (modelo Santa Rita 123); • Vestuário vip (opcional); • Ornamentação de flores no interior da urna; • 01 (uma) coroa de flores naturais (Ref.02); • 01 (um) ramalhete de flores naturais (Ref. 01); • Kit café vip; • Paramentos (câmara ardente, castiçais, velas, cortinas, tapete e pedestal); • Livro de presença (cor ouro); • 700Km para caso de traslado (terrestre); • Assepsia (higienização); • Assistência ao velório; • Orientação a respeito da certidão de óbito; • Desconto de 75% em tanatopraxia, centro de velório e cerimonial externo; • Material para convallescente 02 (dois) meses gratuitos; • Cartões de condolências - 75 unidades.	Plano D *Valores do crédito do serviço R\$ 5.320,00 *Adesão R\$ 140,00 *Mensalidade R\$ 132,00 Descrição do serviço: • Urna Mortuária conforme plano (modelo Monte Fiori); • Vestuário vip (opcional); • Ornamentação de flores no interior da urna; • 01 (uma) coroa de flores naturais (Ref.03); • 01 (um) ramalhete de flores naturais (Ref. 03); • Kit café vip; • Paramentos (câmara ardente, castiçais, velas, cortinas, tapete e pedestal); • Livro de presença (cor ouro); • 1000Km para caso de traslado (terrestre); • Assepsia (higienização); • Assistência ao velório; • Orientação a respeito da certidão de óbito; • Desconto de 100% em tanatopraxia, centro de velório e cerimonial externo; • Material para convallescente 03 (três) meses gratuitos; • Cartões de condolências - 100 unidades.
* Valores sujeitos a alterações a partir de janeiro de 2015.	

Figura 13: Tabela de preços, serviços e planos

Por mais que estejam explicitadas acima as diferenças entre alguns produtos e serviços, o que se percebe também é o caráter padronizado das cerimônias estabelecidas

pela funerária. Esta padronização está sugerida no próprio contrato da empresa quando ela destaca na CLÁUSULA 4º - DOS SERVIÇOS E DIREITOS:

ARTIGO 4.1 - Os serviços funerais e afins, ora Contratados, encontram-se descritos no presente contrato e em seus respectivos Anexos, sob forma padronizada.

ARTIGO 4.3 - A padronização dos serviços funerais, aderidos pelo (a) Contratante, é extensivo a todos os BENEFICIÁRIOS.

É a partir dessas observações que podemos compreender que o cenário fúnebre passou por um processo de transformação com a introdução de novos apetrechos e novos serviços. Com isso, não podemos negar a participação das agências funerárias particulares em relação a essas mudanças, já que elas passam a estabelecer em sua cartela de serviço um padrão a ser seguido.

Como em Limoeiro do Norte a grande maioria dos velórios ainda acontece nas residências dos falecidos, já que não existe um centro de velório, o espaço do velar, geralmente na sala, se configura sempre da mesma forma, com os mesmos paramentos: a urna, a câmara ardente⁸³, os castiçais, as velas, a cortina com a imagem de Cristo para os católicos e para os evangélicos uma cortina com uma mensagem bíblica, tapete, o pedestal e o livro de presença. Portanto, o cenário mostra-se padronizado, por mais que as cerimônias mudem “dependendo de quem morre (crianças, bebês, suicidas, pessoas públicas, idoso, mulheres, homens, etc), da situação econômica do morto, da circunstância da morte (morte natural, morte trágica, acidente, assassinato, etc) e do aspecto religioso”. (MORAIS, 2009, p. 129).

Analisando o cenário fúnebre descrito acima podemos verificar as principais diferenças entre os velórios das décadas de 1970 e 1980, onde era muito comum o uso do caixão preto, suspenso por dois tamboretas, o uso da mortalha de santo, enfim os elementos que compunham os velórios, com os atuais espaços tanáticos. Podemos dizer que essas transformações também estão relacionadas com a forma de como lidamos com a morte e com o morrer na atualidade. O comportamento dos indivíduos perante as práticas de morte tem se tornado mais individualizada, uma vez que na contemporaneidade os familiares não participam dos cuidados que envolvem a preparação do corpo morto; o vestir, o limpar, cortar a barba, o cabelo, limpar as unhas.

⁸³A câmara ardente é o suporte em que o caixão é posto em cima.

Como citado anteriormente, essas práticas eram exclusivamente familiares e domésticas, as quais demonstravam uma relação bastante próxima entre vivos e mortos, já que toda a preparação do velório também era de responsabilidade da família.

Contudo, não podemos afirmar que a procura pelos serviços e produtos funerários padronizados ocorram de forma generalizada. Segundo a gerente da Anjo da Guarda, Mirineide Chaves⁸⁴, a procura por artigos personalizados existe por parte de alguns clientes que almejam um velório diferenciado fugindo um pouco dos padrões. Caixões com símbolos do time ou a mudança no tipo de vestimenta é um exemplo dessa personalização. Porém essas propostas de mudanças estão devidamente explicitadas no contrato, evidenciando os cuidados que a empresa possui com relação às fugas da padronização. Na CLAUSULA 6º - DOS LIMITES E EXCLUSÕES:

ARTIGO 6.1- Todo serviço, material, mercadorias, ou produtos solicitados, que não atendam às especificações deste Contrato, inclusive os serviços de sepultamento, obtenção de licenças e direitos sobre campas, construções de jazidos, bem como todo serviço contratado junto a terceiros ou empresas congêneres, sem a devida autorização por escrito de CONTRATADA será de inteira responsabilidade do CONTRATANTE/TITULAR cabendo-lhe somente o descrito no item 5.2, 5.3 e 5.4.

Analisar o contrato de adesão aos planos é, antes de tudo, perceber a relação empresa/cliente existente nesse ramo de negócios fazendo com que percebamos como a morte passa a ser negociada. O mais curioso é que o objeto que materializa essa transação comercial é um corpo morto e os serviços de sepultamento, isto tem permitido que o segmento da morte seja considerado uma fatia empresarial em expansão e, portanto, um negócio bastante lucrativo. (MORAIS, 2009).

Assim como os lucros, os prejuízos também fazem parte da preocupação de toda e qualquer empresa, todos os cuidados são tomados pela Anjo da Guarda com relação às inadimplências de seus clientes. Verificamos isso CLAUSULA 11º - DA INADIMPLÊNCIA:

ARTIGO 11.1 - A inadimplência do (a) CONTRATANTE, a partir de 03(três) faturas, implicará na interrupção da prestação dos serviços por parte da CONTRATADA, bem como, todos os direitos contratuais são suspensos.

⁸⁴Mirineide Chaves Soares, 37 anos. Gerente Administrativa da agência de Limoeiro do Norte – CE. Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM. Entrevista realizada em 18 de setembro de 2014.

ARTIGO 11.2 - A suspensão seguida de cancelamento do Contrato por inadimplência do (a) CONTRATANTE não revoga a cobrança dos valores devidos. Para os efeitos de mora, suspensão e interrupção dos serviços, bem como rescisão contractual servirão as notificações por cartas – instrumentos hábeis e suficientes à esta finalidade contractual.

ARTIGO 11.3 - Quando houver inadimplência, descrita no item 11.1, e o (a) CONTRATANTE tiver utilizado o serviço funerário em favor de si ou de qualquer um de seus BENEFICIÁRIOS, arcará com uma multa equivalente a 80%(oitenta por cento) do valor das parcelas vencidas e vindas no período de 24(vinte e quatro) meses da vigência contratual, acrescidos de juros legais.

ARTIGO 11.4 - Quando houver inadimplência, descrita no item 11.1, e o(a) CONTRATANTE não tiver utilizado o serviço funerário em favor de si ou de qualquer um de seus BENEFICIÁRIOS, arcará com uma multa equivalente a 100% (cem por cento) do valor das parcelas vencidas, acrescidos de juros legais.

ARTIGO 11.5 - Em qualquer dos casos, a cobrança será via extrajudicial e/ou judicial e a CONTRATADA remeterá o registro de tal inadimplência junto aos Serviços de Proteção ao Crédito (SPC) e demais, por tratar-se de valor líquido, certo e já consolidado o prejuízo ou dano. Resta à CONTRATADA buscar este ressarcimento em prol de sua viabilidade econômico-financeira.

Além dessas cláusulas que especificam todos os cuidados referentes ao não pagamento da mensalidade do plano, a empresa também disponibiliza dois consultores de cobrança que fazem o trabalho de visita às residências dos clientes. Como podemos observar, a empresa funerária também está preocupada com os possíveis prejuízos, por mais que o momento da morte seja delicado, por mais que ele revele vários sentimentos e sensações, o negócio a ele atrelado é bastante incisivo nos que diz respeito aos danos. Porém, sabemos que essas questões também ficam sujeitas às variações da economia nacional ou à situação financeira do titular do plano, visto que pessoas sem muitas posses também adquirem planos.

Uma empresa com vinte e cinco anos de existência nos faz refletir sobre o que permitiu e possibilitou sua permanência no mercado, já que a competição faz parte do comércio em geral. Criar novas estratégias de vendas, novos produtos e novos serviços se relaciona à estabilidade dos negócios da Funerária Anjo da Guarda, que a cada ano tende a se sobressair diante das demais empresas que atuam no mesmo mercado em Limoeiro do Norte. Não podemos deixar de observar que por ser um produto não procurado pelas pessoas, o trabalho de vendas mostra-se importantíssimo para a manutenção dos lucros da empresa.

3.2 Estratégias de vendas: “se tem mesmo que pagar para morrer, programe-se ainda em vida”

Objetivamos nesse momento analisar as estratégias de venda da Funerária Anjo da Guarda, procurando compreender como o discurso da empresa é levado aos consumidores, e como o marketing é trabalhado a fim de conquistar novos clientes. Consideramos importante, nesse contexto, o trabalho dos executivos de vendas, uma vez que são esses funcionários que fazem o intermédio entre a funerária e os possíveis compradores de planos.

Para falarmos em estratégias de vendas torna-se indispensável fazermos referência principalmente aos executivos de venda, ou seja, os funcionários de campo que fazem o trabalho “porta a porta” com o intuito de oferecer os planos funerários. A prevenção com relação à morte é oferecida aos consumidores através de uma abordagem orientada, que parte da venda pessoal e se configura como “um processo de comunicação interativo que permite a flexibilização das mensagens do vendedor de acordo com as necessidades, desejos, crenças e valores dos clientes ou consumidores”. (DIAS *apud* MORAIS, 2009, p. 141).

Acompanhando o trabalho da equipe de vendas composta pelo supervisor e quatro vendedores, pudemos perceber como se dá o momento de abordagem e quais as estratégias usadas para garantir a meta de venda a ser cumprida. De forma unânime o discurso mais utilizado por todos era o de que a aquisição ao plano funerário “assegurava a família no momento da morte de algum ente querido, é a garantia de que a família enlutada não vai ter que se preocupar com nada na hora em que acontecer o pior”⁸⁵. Por mais que os vendedores ressaltassem os benefícios de descontos no comércio local, vimos que o mais reforçado por eles era a prevenção com relação ao funeral. Dona Raimunda Geralda, executiva de venda, reforça que sua principal estratégia é deixar claro que o que ela está vendendo é um serviço para a morte:

Minha estratégia é essa, eu bato nessa tecla, eu deixo bem claro que eu vendo plano de funerária. É claro que eu falo dos descontos de saúde e tudo, mas eu deixo o cliente bem consciente que o que ele tá comprando é um plano funerário. Eu falo tudo, tudo que está dentro do serviço, tudo que ele tem direito, meu forte é esse e eu vendo bastante plano viu. Eu

⁸⁵Trecho retirado das falas dos executivos de venda durante o trabalho de campo.

também uso como estratégia o ponto fraco, eu toco muito no ponto fraco, falo de como é difícil não ter nenhuma assistência nessa hora (ela se refere ao momento da morte). Cito muito exemplo de pessoas que passaram por constrangimentos no momento em que algum parente morreu.⁸⁶

Analisando a fala da funcionária podemos observar que mesmo com os descontos que são oferecidos pela empresa no comércio local, e que fazem parte dos benefícios referente aos planos, o que mais se reforça é a praticidade e a comodidade associada aos serviços funerários. Essa preocupação com a organização e os cuidados relativos ao velório e ao sepultamento tem feito com que uma grande parcela da população opte pelos planos.

Em outro trecho da fala de Dona Raimunda ela utiliza o termo constrangimento para fazer referência aos transtornos que eventualmente podem acontecer quando não se paga um consórcio funerário. Tocar no que se refere à dignidade do outro é umas das estratégias usadas, já que sem um plano as famílias mais carentes teriam que recorrer ao serviço de Assistência Social do município. Como já foi citado acima, depender dessa ajuda é considerado uma “humilhação” para muitos. Além disso, os executivos de vendas estão sempre reforçando o alto custo dos funerais, pois sem a prevenção as famílias enlutadas teriam que arcar com as despesas do velório, que custa em média 1.590,00 o serviço mais simples, de forma repentina.

Por mais que a aquisição ao plano funerário já esteja acontecendo de forma bastante expressiva em Limoeiro do Norte, a funerária ainda se depara com certas resistências de pessoas que se recusam a pensar no morrer. Portanto, o trabalho de convencimento não é fácil e para isso o funcionário requer de certa habilidade para conquistar os clientes, que em alguns casos resistem às visitas desse tipo de vendedor. Como afirma o funcionário Luciano de Freitas, ex-vendedor e atualmente atendente funerário: “o plano funerário não se vende na porta. Você tem que entrar, sentar, conversar, explicar, dialogar, esperar o marido chegar, marcar uma visita, remarcar, então é suado o serviço”.⁸⁷

Tive a oportunidade de observar esse trabalho quando fui a campo acompanhar a equipe de vendas, tentando analisar e compreender o trabalho daqueles

⁸⁶Raimunda Geralda Dias de Paiva, 47 anos, natural do Rio Grande do Norte – RN. Mora em Limoeiro do Norte. Trabalha na empresa há doze anos. Representante de vendas. Entrevista realizada em 20 de setembro de 2014.

⁸⁷Luciano de Freitas. 29 anos. Natural de Russas – CE. Atendente funerário, trabalha na empresa a seis anos. Entrevista realizada em 20 de setembro de 2014.

que levam o discurso da empresa até o cliente. Vejamos na fotografia abaixo:



Figura 14: Executivos de Vendas na casa da cliente que acabara de aderir ao plano Afagu⁸⁸

Dentre as observações feitas percebemos que a decisão em aderir ao plano funerário não é tomada individualmente, sempre que o indivíduo afirmava que ia conversar com seu parceiro ou outro familiar para decidir a compra ou não. E isso está muito relacionado à forma como as pessoas lidam com a ideia de se preparar para a sua própria morte ou a dos familiares. Por mais que elas reconheçam as facilidades relacionadas à organização do funeral, ainda assim encontramos aquelas pessoas que acreditam que de alguma forma a compra de um plano estaria atraindo a morte. Na fala de Dona Maria Augusta foi possível ter uma maior clareza desse medo:

Quando o vendedor foi lá em casa me oferecer um plano, dizendo tudinho o que a gente tinha direito quando alguém morria, eu fiquei muito interessada porque é uma tranquilidade né. Aí meu filho vinha chegando e disse logo: “compre não mãe, isso vai trazer é agouro pra nós.” Mas eu fiz, sabe porquê? Porque quem ia ter que gastar era eu, ia

⁸⁸Acervo: Rafaela Moreira de Lima. Fotografia tirada durante o trabalho de campo no dia 21 de outubro de 2014.

sair do meu bolso o dinheiro para pagar a funerária de uma vez só. E eu não tenho condições.⁸⁹

Segundo o funcionário Luciano de Freitas, “antigamente era muito difícil vender plano porque ainda existia muito a questão do preconceito. Hoje ainda tem, mas tá bem menos. Ainda tem gente que acha que isso vai agourar a pessoa, ou que elas estariam comprando a morte”.⁹⁰ Não podemos afirmar que esse pensamento encontra-se generalizado entre os limoeirenses, mas este ainda é um obstáculo a ser vencido pelos vendedores, que tentam a todo instante desconstruir essa ideia que perdura no imaginário de alguns indivíduos. Pelo número de titulares de planos no município percebemos que os vendedores estão tendo êxito com relação à conquista de novos clientes, por mais que o tema da morte seja evitado por muitos, a comodidade atrelada aos serviços funerários tem sido a grande motivação daqueles que aderem aos planos.

Ainda no que se refere ao trabalho e as estratégias utilizadas pelos vendedores Luciano ressalta que:

Primeiro a apresentação em si, a questão da confiança do cliente em ver você fardado e saber que você representa aquela empresa. Nisso aí você já passa uma confiança para as pessoas. E a forma de falar, seu jeito agradável de ser, tudo conta. Eu costumo dizer que existe o vendedor e o caçador de planos. O vendedor é aquele que chega, faz com que o cliente entre na sua conversa e que consiga convencer ele de que realmente ele precisa de um plano como esse daqui. E o caçador de plano é aquele que chega na porta e pergunta: a senhora tem plano? Não, tem não. Quer fazer um? Não, quero não. Aí sai e vai para outra casa. O grande argumento para vender um plano funerário é você saber conversar com o cliente, saber transmitir a necessidade que existe dele ter um plano desse, dele tá assistido com um plano desse, explicar o que plano dá direito e quando ele for precisar daquilo ali tudo seja cumprido para que ele veja que o que fato tudo que foi dito ali foi cumprido.⁹¹

Compreendemos que a abordagem é uma etapa importante para o processo de venda pessoal, uma vez que o vendedor tem por objetivo conquistar o cliente. A forma como eles se apresentam (sempre fardados), as palavras utilizadas e a postura diante do cliente são elementos que podem contribuir para que o funcionário inicie um diálogo mais demorado podendo, assim, mostrar todos os produtos e serviços oferecidos. Para Kotler

⁸⁹Maria Augusta da Silva, 72 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte – CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 17 de julho de 2010.

⁹⁰Luciano de Freitas. 29 anos. Natural de Russas – CE. Atendente funerário, trabalha na empresa a seis anos. Entrevista realizada em 20 de setembro de 2014.

⁹¹Idem Nota 90.

e Armstrong “durante a fase de abordagem, o vendedor deve saber como se dirigir ao comprador e dar um bom início ao relacionamento. Essa etapa abrange a aparência pessoal do vendedor, as fases de abertura e as observações subsequentes”. (KOTLER e ARMSTRONG *apud* MORAIS, 2009, p. 153).

Além disso, na fala do funcionário é revelada que a necessidade em adquirir um plano é reforçada como uma das estratégias mais importantes para o vendedor. Para Isabela Moraes “adquirir um plano ou serviço fúnebre não é o mesmo que adquirir um carro ou casa, por exemplo, pois esses são produtos desejáveis por proporcionarem uma alta satisfação imediata e grandes benefícios a longo prazo”. (MORAIS, 2009, p. 154). Portanto, os funcionários transformam os planos em algo imperativo para se viver de forma tranquila com relação à morte, levando até o cliente a proposta de compra de um produto que lhes garantam certa comodidade.

A lógica do conforto e comodidade atrelada aos serviços funerários está presente em todas as falas dos quatro vendedores que acompanhamos, eles utilizam a retórica de que o cliente, na hora do falecimento de algum parente, terá o trabalho apenas de ligar para a agência e anunciar o óbito. Dessa forma, toda uma equipe fará o trabalho de higienizar o corpo, providenciar a urna, ornamentar a casa do falecido e cuidar do sepultamento.

Uma das preocupações dos executivos de vendas é fazer o trabalho de conscientização com os clientes, sempre deixando explícito que o que está sendo adquirido é um produto e um serviço para a morte. Por mais que o modelo de plano traga como proposta algumas vantagens para os vivos, os vendedores sempre reforçam que o consórcio funerário tem como objetivo atender às exigências de um funeral.

Para garantir a qualidade dos serviços dos seus funcionários a Anjo da Guarda investe na capacitação e treinamento, para que eles possam desenvolver melhor suas habilidades. Com relação à função do agente funerário, o auxiliar e a técnica de enfermagem, a empresa toma todos os cuidados desde a seleção destes trabalhadores, já que eles são responsáveis pelo trabalho mais delicado no que se refere à morte.

São os agentes e os auxiliares que tocam o corpo morto, limpam, vestem e entregam o defunto na residência. O trabalho da enfermeira está voltado a atender os familiares que encontram-se abalados com a perda do ente querido e, para tanto, esta funcionária deve estar presente durante todo o velório, assistindo àqueles que precisam ser medicados. Nesse sentido, a capacitação dos profissionais é uma preocupação da funerária, que investe em treinamento com psicólogos no intuito de preparar o emocional

desses trabalhadores. De acordo com Mirineide Chaves:

O candidato que se propicia a trabalhar no ramo, em trabalhar conosco, ele primeiramente passa pelo treinamento teórico onde a gente vai conhecer ele em si. Quais são os pontos fortes dele, quais são os pontos fracos dele, como é que tá o sono dele, a alimentação, como é que tá a saúde dele. [...]

[...] Porque nós trabalhamos com vários tipos de corpos e com vários tipos de morte: desde o velhinho que morreu por problemas de saúde, que já vinha debilitado, que a família já tá bastante desgastada de tantas idas e vindas aos hospitais. Que nesse caso o emocional delas já está mais calmo, por incrível que pareça, porque é como se elas já viessem se preparando para aquele momento de perda. E tem aquelas mortes trágicas, um assassinato, por exemplo. Esse é o momento em que nossos funcionários devem ter um controle emocional muito grande, principalmente quando é a mãe que perde um filho.

[...] Então nossos funcionários passam por encontros. A gente tem o NAFE (Núcleo de Apoio as Famílias Enlutadas) e o nosso departamento de RH é bastante atuante. O RH trabalha muito a questão do emocional dos nossos colaboradores. Porque, assim, a gente pode se compadecer da dor, mas a gente não pode vivenciar a dor dos nossos clientes. Então eles precisam ter um emocional bastante equilibrado para não entrar no sofrimento da família.⁹²

Vemos, portanto, que trabalhar em uma empresa que lida com a morte exige do funcionário um grande controle emocional para que seu empenho nas atividades não seja comprometido. Não é por acaso que ainda exista certa dificuldade em contratar pessoas que queiram trabalhar diretamente com o corpo morto, por mais que a remuneração seja satisfatória. Podemos dizer que isto também está relacionado a essa nossa pudicícia moderna que não permite que toquemos o corpo morto.

Bons profissionais, uma cartela de serviços variada, novos produtos e uma boa equipe de vendas podem ser elementos que permitam que as funerárias continuem garantindo o aumento da clientela. Mas não podemos deixar de falar no trabalho do marketing e da publicidade nesse contexto, uma vez que os meios de comunicação de massa transformam alguns serviços e produtos em necessidades, fazendo com que eles se tornem úteis permitindo o acesso ao consumo.

⁹²Mirineide Chaves Soares, 37 anos. Gerente Administrativa da agência de Limoeiro do Norte – CE. Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM. Entrevista realizada em 18 de setembro de 2014.

Sem dúvidas os meios de comunicação de massa e o mundo de anúncio em que vivemos, além de transformarem tais serviços fúnebres necessários e indispensáveis, têm contribuído muito para o aumento da adesão aos planos no município. As pessoas acabam sentindo o desejo de consumir os produtos a partir de um discurso disseminado pela publicidade e criado pela própria funerária, o de que para viver de forma tranquila com relação à morte temos que pagar planos fúnebres.

Anúncios em jornais, revistas e internet “são estratégias de marketing que tem como principal função a transmissão de informações para determinados públicos, comunicando à sociedade os códigos culturais que estão presentes nos bens de consumo”. (MORAIS, 2009, p.140). Podemos perceber que dentre as estratégias propagandistas utilizadas pelas empresas funerárias para divulgar os produtos e serviços nos meios de comunicação, é muito comum a utilização de imagens de paisagens (céus, nuvens, floresta), esta é uma forma de fazer com que a morte não pareça tão terrível e tenebrosa.

A Funerária Anjo da Guarda anuncia seu trabalho nas duas emissoras de rádio locais, além de distribuir encartes com informações sobre as parcerias que ela possui com os profissionais liberais. Porém, a divulgação é feita de forma mais eficaz com o trabalho da equipe de vendas, ou seja, o “porta a porta”, onde os funcionários esclarecem o que é o plano e quais os direitos assegurados por ele.

A gerente Mirineide Chaves ainda ressalta a questão da farda dos funcionários como uma marca registrada da empresa. “Todo mundo que vê uma pessoa com a calça preta, a blusa e a gravata já sabe aquele homem trabalha na Afagu. E nós mulheres também, que usamos a blusa e a calça preta”⁹³. De certa forma, a vestimenta dos funcionários também é compreendida como um modo de divulgar a atuação da funerária. No trabalho de campo percebemos que o caráter da indumentária dos executivos de vendas era reconhecido pelas pessoas antes mesmo da apresentação formal destes, isso nos faz perceber a importância na padronização nas fardas da empresa.

Podemos dizer que os cartões de condolências (um dos produtos oferecidos aos associados ao plano Afagu) também servem como meio de divulgação, já que a família enlutada distribui esses cartões entre os parentes e amigos, neles contendo a marca da empresa. Se considerarmos que o cliente do plano B, por exemplo, tem direito a 50

⁹³Mirineide Chaves Soares, 37 anos. Gerente Administrativa da agência de Limoeiro do Norte – CE. Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM. Entrevista realizada em 18 de setembro de 2014.

unidades⁹⁴ veremos que a propagação do trabalho da funerária atingirá um número expressivo de possíveis clientes.

Dessa forma, observamos que o trabalho de divulgação possui várias frentes de atuação. Uma delas é o site⁹⁵ da empresa, que contém informações sobre os planos, os produtos, os serviços e até mesmo o histórico da funerária. Consideramos esse recurso indispensável, uma vez que esse meio de comunicação atende a um público muito maior. Esta ferramenta permite um longo alcance, facilita a interação entre cliente e empresa e não oferece nenhum custo para mantê-la ativada.

Portanto, sabemos que as estratégias de marketing e de mercado são as grandes alavancas das empresas quando falamos em concorrências comerciais. Investir em novas técnicas e oferecer serviços diferenciados com maior número de benefícios faz parte das estratégias das empresas funerárias. Ricardo Alves descreve questões bastante pertinentes no que diz respeito à introdução dos planos funerários e a expansão de filiais em todo o Nordeste, mostrando a preocupação do dono da empresa, Raimundo Cordeiro, em aumentar seu comércio por toda a região Nordeste. Isso fica mais claro quando o depoente faz o seguinte comentário:

Quando surgiu os planos funerários... hoje a grande concorrência é para ver quem consegue oferecer o melhor serviço por um preço mais barato, é a grande diferença. Em vez de querer oferecer o mais caro, em vez de colocar a faca no pescoço e oferecer o mais caro, eles fazem o contrário, eles querem oferecer o melhor serviço por um valor mais barato. Isso fez com que as empresas pensassem o seguinte: vamos se antecipar, vamos chegar no nosso cliente logo, vamos agradar ele logo, ganhar o respeito dele, ganhar a confiança dele e merecer o crédito de confiança do cliente e ele continuar associado com o nosso plano, isso em tese é a questão.⁹⁶

Oferecer um serviço direcionado a morte não é uma tarefa fácil como podemos observar na fala do Senhor Ricardo Alves, quanto maior a concorrência, maiores devem ser os investimentos nos serviços e produtos. A morte é vista como uma mercadoria que pode ser negociada, agenciada pelas empresas funerárias que visam o lucro e, por consequência a ampliação dos negócios.

Nas últimas décadas, os meios de comunicação têm permitido que as pessoas

⁹⁴Informações retiradas da tabela de preços, serviços e planos.

⁹⁵www.afagu.com.br

⁹⁶Ricardo Alves, 38 anos, na época, gerente da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

se tornem mais informadas, resultando numa mudança significativa nas relações de consumo. Para Isabela Morais “o consumo agora passa a ser utilizado como uma forma de exercício da cidadania, pois é a partir do consumo que pensamos, que escolhemos e que reelaboramos o sentido social”. (MORAIS, 2011, p. 02).

Todos nós sabemos que a morte é certa, não sabemos quando ela chegará nem de qual forma ela nos aparecerá, mas temos a certeza de que o fim da vida virá para todos. Portanto, não devemos tratá-la com tanta indiferença e medo, devemos discuti-la como outro tema qualquer, já que ela faz parte da vida. Mas o que percebemos é que esse tema cada vez mais vem sendo retirado do cotidiano das pessoas, seguindo uma lógica de ocultação proposta pelas atuais funerárias, por mais que as pessoas mensalmente tenham que ir pagar o carnê do plano.

Como vimos anteriormente, o vocabulário fúnebre é comumente substituído por outras palavras e terminologias a fim de amenizar a temática da morte para os clientes. O banimento dos símbolos referente ao morrer (o caixão, por exemplo), do cotidiano dos indivíduos tem feito com que essas pessoas se relacionem de outra forma com o corpo morto, com o morrer e com o moribundo. As próprias agências ganham uma nova estética com o objetivo de afastar as dimensões de perda e horror associadas à morte. Podemos dizer que essa também é uma estratégia comercial, a modernização dos espaços tanáticos tem servido ao interesse da Anjo da Guarda de conquistar mais consumidores para os serviços fúnebres.

3.3 A morte camuflada: “o tema que devemos ocultar e banir”

Ao entrarmos na agência da Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda de Limoeiro do Norte, era comum nos depararmos com uma fila de pessoas que ali estavam para pagar as contas de água, energia, assim como para retirar dinheiro e fazer depósitos. Na funerária era possível realizar várias transações bancárias, já que funciona naquele local um caixa de uma agência bancária.⁹⁷ De acordo com a gerente Mirineide esta seria uma forma de trazer para dentro da empresa o público (possíveis clientes) que poderiam estar aderindo aos planos, já que havia certo contato entre a empresa e aqueles usuários do banco.

⁹⁷Após a sequência de três assaltos em um único mês a funerária retirou o caixa do banco Bradesco de sua agência.

Porém, o que nos chama a atenção é que no *hall* de entrada da agência funerária não encontramos mais os modelos de caixões⁹⁸, como era de costume nas décadas passadas, pois esse apetrecho fazia parte do cenário das funerárias, já que era o principal produto a ser comercializado. Tentar entender essa nova forma de lidar com a morte a partir da ocultação do tema, assim como analisar esse novo cenário nos é colocado como objetivo nesse momento. Buscamos apreender como a ideia do ausente é incorporada por muitas das atuais funerárias, utilizando essa lógica com uma estratégia de venda. Vejamos nas imagens abaixo:



Figura 15: Agência da Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda⁹⁹

Retirar dos espaços públicos objetos e símbolos que representam a morte faz parte das estratégias comerciais da Anja da Guarda, que tem como proposta suavizar temas referentes ao morrer. De acordo com Mirineide Chaves “seu Raimundinho percebeu a inquietação dos clientes ao entrar na agência funerária e se deparar com o

⁹⁸O mostruário de caixões encontra-se no interior da agência funerária Anjo da Guarda, tendo acesso somente os clientes que precisam escolher a urna. Já o estoque fica localizado em um depósito distante da agência, mais especificamente, na Rua Coronel José Nunes.

⁹⁹Acervo: Rafaela Moreira de Lima. Fotografia tirada durante o trabalho de campo no dia 28 de outubro de 2014.

caixão logo na entrada”.¹⁰⁰ Compreendemos que esse incômodo está relacionado à forma como as pessoas, na contemporaneidade, vêm tratando a morte, já que ela se tornou impensável para muitos. De acordo com Michel de Certeau “Tudo aquilo que pode frear a cadeia de produção e do consumo (delinquência, doença, velhice) se faz uma triagem daquilo que pode ser reenviado a superfície do progresso. A morte se tornou impensável e inominável”. (CERTEAU, 1994, p. 295). Esta ideia está muito relacionada com o que Bauman afirma, “numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação”. (BAUMAN, 2008, p. 73).

Como vimos anteriormente, entre as estratégias de vendas está a ocultação de algumas palavras e termos referentes à morte. Para os vendedores isto serve para facilitar o trabalho, uma vez que ainda é muito comum e recorrente encontrar pessoas que não estão dispostas a falar sobre o assunto. De acordo com Luciano:

O vendedor tem que ter sempre aquele cuidado em não tocar no assunto morte. Quando você tá levando o plano até o cliente você não toca no assunto morte, você toca no serviço em si, no produto que você tá vendendo, no caso o plano. Eu acho que de fato, um plano quando pra sendo vendido pro cliente é tratada a questão financeira em si, é visto como uma venda, um serviço. O assunto morte é deixado de lado, é uma negociação de valores. É uma lógica mais comercial. As pessoas sempre fogem do assunto morte, sempre fogem do assunto.¹⁰¹

Na fala do depoente fica explícita a forma como as pessoas (funcionários e clientes) lidam com o tema da morte, tentando a todo instante evitar falar e pensar no assunto, como se este não fosse um evento natural da vida. Refletir sobre o fim da sua própria existência é algo doloroso e impensável para muitos, por mais que seja experimentada por todos, a finitude ainda causa temores.

Pensando nisso, as funerárias particulares adequam suas formas de atuação aos moldes atuais de distanciamento da morte camuflando o referido tema nos seus discursos, uma vez que novas terminologias vão surgindo no léxico funerário. Nesse sentido, muitas palavras se transformam ou deixam de ser citadas, onde novos sentidos vão sendo atribuídos a algumas delas a fim de encobrir o principal assunto a ser abordado. Segundo a autora Helena H. Nagamine:

¹⁰⁰Mirineide Chaves Soares, 37 anos. Gerente Administrativa da agência de Limoeiro do Norte – CE. Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM. Entrevista realizada em 18 de setembro de 2014.

¹⁰¹Luciano de Freitas. 29 anos. Natural de Russas – CE. Atendente funerário, trabalha na empresa a seis anos. Entrevista realizada em 20 de setembro de 2014.

Para Bakhtin, a palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto de interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso, é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes. (BAKHTIN *apud* BRANDÃO, 2012, p. 9).

O jogo de palavras e os discursos utilizados pelas empresas funerárias mostram-se importantes, uma vez que eles estão relacionados a essa nova forma dos indivíduos se relacionarem com o morrer. Para Foucault, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. (FOUCAULT, 2013, p. 8-9). Helena H. Nagamine afirma que o discurso:

É o efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se à concepção de língua como mera transmissão de informação). O discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos. (ORLANDI *apud* BRANDÃO, 2012, p. 106).

Portanto, o discurso não pode ser avaliado somente pelo seu aspecto linguístico, mas sim como uma estratégia de ação e de reação onde existe um jogo de interesses por parte do interlocutor. Para Foucault o discurso deve ser analisado como algo que decorre da formação dos saberes, assim como sua articulação com outras práticas não discursivas. (FOUCAULT, 1979).

Como já foi mencionado nos capítulos anteriores, morrer, para uma sociedade contemporânea como a nossa, “se tornou um ato solitário e impessoal, o corpo do moribundo não está mais presente entre seus entes queridos que o acompanhava até o momento da sua morte, para não deixá-lo na solidão”. (MORAIS, 2009, p. 48). No tempo presente, o corpo do moribundo é levado para o hospital, que passa a ser o lugar privilegiado da morte. Porém, mesmo que nesses lugares morrer seja algo recorrente, ela passa a ser negada e silenciada pelos médicos e profissionais da saúde, que criam mecanismos de negação, a fim de afastar a dor trazida pelo falecimento do ente querido. Para Certeau “Os moribundos são excluídos porque são os desviantes da instituição por

e para a vida. O moribundo significa um luto antecipado, envolve-o de silêncio ou mentiras que protegem os vivos contra a angústia de ouvir o moribundo se desesperar”. (CERTEAU, 1994, p. 293). Para este autor as mentiras que muitas vezes são contadas aos moribundos servem como falsas esperanças já que deve ser evitado o assunto morte, uma vez que ela fosse ouvida trairia a luta que mobiliza o hospital de curar os doentes.

Apreendemos que o agonizante já não morre cercado pelos parentes e amigos, o ideal é que ele morra sem se dar conta que o seu fim se aproxima. Nos hospitais o moribundo é doravante um paciente entre inúmeros outros, estes são destituídos de sua capacidade funcional conforme a lógica do sistema mercantil, capitalista. O moribundo se torna incompatível aos valores da economia industrial, portanto a existência de moribundos e de mortos deve ser negada. Conforme José Luiz de Souza:

A intencionalidade mercantil que habita em todos os setores da sociedade industrial capitalista se revela com vigor na instituição hospitalar, em relação ao moribundo. O doente terminal é marginalizado socialmente, porque deixou de ser funcional. É destituído do seu antigo *status* e, conseqüentemente, de sua dignidade. Só tem o *status* que lhe é atribuído pelo universo hospitalar, ou seja, um *status* negativo, o de um homem que, por não poder retornar à normalidade funcional, encontra-se literalmente depositado. Na sociedade industrial não a lugar para os agonizantes: são indivíduos que não produzem, não consomem, não acumulam, não respondem aos seus apelos, não competem, não se incomodam com o progresso, com o tempo e nem com o dinheiro. (MARANHÃO, 1987, p. 14-15).

No texto de Isabela Andrade Morais (2009, p. 56) encontramos questões pertinentes no que diz respeito à utilização de jargões que atuam na finalidade de negar a morte:

Entre os médicos e as enfermeiras o paciente não morre, mas a morte é trazida através de eufemismo: “vai a óbito” ou teve uma “parada cardíaca”; se estiver para morrer: é “paciente fora das possibilidades terapêutica”; preparar o morto é “fazer o pacote”. (SANTOS, 1983. In: MARTINS, 1983). Essas condutas de evitação indicam o temor da morte e a preocupação em se proteger dela. (THOMAS, 1991, p. 117).

Além disso, os vivos evitam uma maior aproximação com os moribundos também pelo fato de que esses “quase mortos” carregam consigo os signos da morte, tal como “máscara da morte” expressão que toma conta do rosto do moribundo no momento em que a energia vital está se extinguindo do corpo, indicando que o paciente terminal está na iminência de falecer. (MORAIS, 2009). Lidar com a morte e com o moribundo

tem se tornado uma tarefa difícil, uma vez que as convenções sociais têm fornecido poucas expressões ou formas padronizadas de comportamento que possam facilitar o enfrentamento das demandas emocionais diante da morte. De acordo com Elias:

Na presença de pessoas que estão para morrer- e dos que a pranteiam - vemos, portanto, com particular clareza um dilema característico do presente estágio do processo civilizador. Uma mudança em direção à informalidade fez com que uma série de padrões tradicionais de comportamento nas grandes situações de crise da vida humana, incluindo o uso de frases rituais, se tornasse suspeita e embaraçosa para muitas pessoas. A tarefa de encontrar a palavra e o gesto certos, portanto, sobra para o indivíduo. A preocupação de evitar rituais e frases socialmente prescritos aumenta as demandas sobre a capacidade de invenção e expressão individual. Essa tarefa, porém, está muitas vezes fora do alcance das pessoas no estágio corrente da civilização. A maneira como as pessoas vivem em conjunto, que é fundamental nesse estágio, exige e produz um grau relativamente alto de reserva na expressão dos afetos fortes e espontâneos. Muitas vezes, só sob pressão excepcional elas são capazes de superar a barreira que bloqueia as ações resultantes de fortes emoções, e também sua verbalização. Assim, a falta espontânea com os moribundos, da qual estes têm especial necessidade, torna-se difícil. Apenas as rotinas institucionalizadas dos hospitais dão alguma estruturação social para a situação de morrer. Essas, no entanto, são em sua maioria destituídas de sentimentos e acabam contribuindo para o isolamento do moribundo. (ELIAS, 2001, p. 35-37).

Nesse contexto, o moribundo é interpretado como um indivíduo por quem nada podemos fazer, e como consequência disso, estes indivíduos, são excluídos da vida social. O moribundo se tornou um problema social, que, para Elias, (2001) só pode ser contornado com o processo de “desmitologização da morte”.

As mudanças nos jargões que se referem à morte, também fazem parte de estratégias comerciais utilizadas pelas funerárias. A Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda, por exemplo, tem como estratégia de obter novos adeptos aos planos, a mudança em algumas designações. Compreendemos isso com base no depoimento do funcionário da empresa o senhor Ricardo Alves:

A gente foi mudando termos para tornar a coisa mais natural para as pessoas, a gente não trata mais como caixão a gente fala urna, a gente não trata mortalha, a gente fala vestimenta, a gente não chama câmara ardente a gente diz...agora me fugiu o nome na mente. Existe todo o nome...os conceitos que eram dados que a gente mudou, por exemplo, a gente não chama mais o morto, o defunto, a gente fala o ente querido que faleceu. O tratamento personalizado fez com que a família visse

que esse preconceito era fruto de uma mentalidade fechada e foi acabando¹⁰².

Percebemos como o léxico funerário está associado às estratégias da empresa em ampliar os seus negócios. Ela só viria a ter aceitação se o tema da morte fosse incorporado pelas pessoas como algo natural, e não revestido de preconceito. A morte passa a ser camuflada nas atitudes e nos discursos sociais quando novas terminologias vão surgindo no vocabulário fúnebre, a fim de ocultar e banir o sentimento de horror e medo causado por ela e pelos corpos mortos e decompostos. De acordo com Isabela Andrade:

Evita-se dizer que alguém morreu, preferindo dizer que “descansou”; evita-se falar em “morto” ou “cadáver”, referindo-se a eles (os mortos) como um “corpo” ou um “óbito”; não se fala mais de “centros funerários” ou “pompas fúnebres”, mas de “serviços tanatológicos”; os cemitérios se toraram “campos verdes” ou “campos-santos” (MORAIS, 2009, p. 56).

Para Isabela Morais o processo de interdição, ocultação e banimento da morte e dos mortos está aliado ao sentimento de horror e medo que a sociedade contemporânea criou dos corpos mortos e decompostos. “A censura às funções naturais do corpo foi se impondo aos padrões de comportamento da vida moderna”. (MORAIS, 2009, p. 57). Para Norbert Elias (1994) os sentimentos de repugnância, desagrado e nojo foram despertados no curso do processo civilizador. Para este autor o pudor em relação ao corpo aparece já no século XVI, com o desejo de obter um grau de controle dos impulsos e das emoções na finalidade de cultivar sentimentos de vergonha em relação às funções do corpo. No século XIX os argumentos de natureza médica também serviram como instrumentos para impelir ao controle e a renúncia de uma satisfação instintiva. Entretanto, o movimento de reformulação das necessidades humanas ocorreu devido à transformação das relações entre os homens e o desenvolvimento da aparelhagem técnica, e serviu somente para a reprodução e disseminação desses padrões. (ELIAS, 1994). Conforme Isabela Morais:

As coisas ou pessoas só são impuras/perigosas porque a sociedade assume em relação a elas uma atitude ritual. Dessa forma, um cadáver passa a ser impuro também pela imagem que assume: a palidez do corpo (decorrente da desidratação do cadáver, que faz surgir o processo de

¹⁰²Ricardo Alves, 38 anos na época, gerente da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

pergaminho da pele, já que a pele desseca e o corpo assume uma tonalidade pardacenta); o cheiro; o enrijecimento (resultante do processo de desidratação); a frieza (devido à tendência do corpo morto em equilibrar sua temperatura com o meio ambiente); e as secreções que passam a ser expelidas quando a pessoa morre (sobretudo porque, no momento da morte, o esfíncter anal se relaxa, dando saída, em alguns casos, a substâncias fecais), secreções que, mesmo sendo de origem natural, ocupam um espaço exterior, aquele reservado a cultura, fazendo com que um cadáver passe a ser inaceitável, repudiado, nojento, repulsivo e repugnado. (MORAIS, 2009, p. 61).

Com isso, apreendemos que as pessoas mudam seu comportamento diante da morte no que diz respeito ao conjunto de rituais e providências materiais que cercam o evento. Dessa maneira, percebemos que, de certa forma, os indivíduos, ainda em vida, se preocupam e se planejam para o momento final da vida. A apreensão em pagar um plano funerário, para que no momento da morte as pessoas não tenham preocupações com relação à organização do velório, fica evidente no depoimento da Dona Maria José quando lhe pergunto o motivo que a levou a pagar um plano:

É porque é muito bom né, acho que todo mundo deveria ter um plano desse, aliás, eu acho que todo mundo tá fazendo, é pra fazer porque é um momento muito difícil e numa hora como essa ninguém sabe nem resolver as coisas, aí já chega já tudo pronto né, é só ir lá, liga ou vai alguém lá e quando der fé ele já chega prepara tudo é muito bom.¹⁰³

Portanto, sabemos que existe uma intencionalidade mercantil na apropriação desse novo léxico utilizado pelas funerárias, já que não existem interesses por parte dos clientes em conversar sobre a morte. Nesse sentido, a necessidade de comunicação torna-se indispensável ao trabalho dos executivos de venda, que precisam de uma aproximação para efetivar o convencimento da necessidade de se comprar um plano. Sobre isso, Helena H. Nagamine coloca que:

Como, através de cada ato de enunciação, se realiza a intersubjetividade humana, o processo de interação verbal passa a construir, no bojo de sua teoria, realidade fundamental da língua. O interlocutor não é um elemento passivo na constituição do significado. Da concepção de signo linguístico como um ‘sinal’ inerte que advém da análise da língua como

¹⁰³Maria José Rodrigues Pinto Almeida, 52 anos. Aposentada. Natural da cidade de Potiretama – CE. Atualmente reside na cidade de Limoeiro do Norte – CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

sistema sincrônico abstrato, passa-se a uma outra compreensão do fenômeno: à do signo dialético, vivo, dinâmico. (BRANDÃO, 2012, p. 8).

Compreendemos que a linguagem se coloca como uma interação social onde o *outro* cumpre o papel essencial na composição do significado, pois “todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revela as relações intrínsecas entre o linguístico e o social”. (BRANDÃO, 2012, p. 8).

Na linguagem, enquanto discurso, existe uma influência mútua e um modo de produção social onde evidencia-se que ela não é neutra nem natural, que é a linguagem o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Sendo assim, ela serve como artifício de intermédio “[...] necessário entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-la na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais”. (BRANDÃO, 2012, p. 11).

Ainda no que se refere à ocultação do tema da morte, o que também nos chama a atenção é o termo *Assistência Familiar* usado por todas as funerárias de Limoeiro do Norte¹⁰⁴ em seus nomes. Essa terminologia aparece na Anjo da Guarda como uma proposta de que essas empresas estão oferecendo um serviço que assiste à família enlutada no momento da perda de um ente querido. Quando acompanhamos o trabalho dos vendedores¹⁰⁵ de planos, a primeira pergunta feita pelos funcionários era: “A senhor(a) já adquiriu uma assistência familiar?”. Observando a reação dos possíveis clientes com a abordagem feita, vimos que eles não entendiam o significado desse termo, somente quando era explicado que se tratava de um plano funerário é que se compreendia qual o tipo produto estava sendo oferecido.

É nesse sentido que percebemos o poder do uso da linguagem para aqueles que precisam convencer o outro de que o que está sendo comercializado é algo indispensável à manutenção da tranquilidade. O discurso torna-se o principal instrumento de trabalho dos executivos de vendas de planos, que tentam passar para a sociedade as vantagens em aderir aos serviços da empresa a qual trabalham. Acordamos com Foucault quando ele destaca:

Desta vez, não se trata dominar os poderes que eles têm (os discursos), nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as

¹⁰⁴Os nomes das três funerárias que atuam na cidade são: Assistência Familiar Funerária Eternidade, Funerária Vida Master Assistência Familiar e por fim Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda.

¹⁰⁵Os vendedores em serviço: Francisco Bruno Oliveira Silva, Raimunda Elisângela da Silva, Cassiano Pedroso Bizarria Neto, Francisca Lucina da Silva e Raimunda Geralda Dias de Paiva.

condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e ainda assim não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões dos discursos são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os eventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 2013, p. 35).

O emprego das palavras: comodidade, tranquilidade, assistência, cuidar, etc., está muito relacionado ao fato de que as pessoas não querem mais ter que providenciar e organizar o velório e o sepultamento do outro. Consideramos que esta nova forma de pensar o funeral faz parte do processo de individualização do homem na sociedade contemporânea, onde cada vez mais os indivíduos mostram-se individualistas. O autor Daniel Miller, em seu estudo sobre a cultura material, afirma que:

Indivíduos crescem para se tornar, em graus variáveis de tipicidade, membros de determinada sociedade. Na maioria dos casos isso não acontece pela educação formal, mas porque os hábitos e disposições gerais da sociedade lhes são inculcados pelo modo como interagem em suas práticas cotidianas com a ordem já prefigurada nos objetos que encontram entorno de si. (MILLER, 2013, p. 200).

Se analisarmos a forma como o luto é vivenciado, no tempo presente, também veremos que houve significativas transformações, uma vez que muitos hábitos já não são mais praticados. Como afirma Dona Maria Iraci de Lima:

Naquele tempo quando alguém morria a gente vestia preto, não tinha esse negócio de vestir qualquer coisa não. Vestia preto e ainda tinha que passar sete dias dentro de casa, nem ligar o rádio mamãe deixava, quando minha avó morreu. E quando era uma mulher ou um homem que ficava viúvo a pessoas usava os dois anéis no dedo, tinha isso do outro usar a aliança do falecido. Hoje em dia ninguém vê mais isso não. Não tem mais esse negócio de usar preto ou ficar em casa não.¹⁰⁶

A principal reflexão que podemos fazer acerca desta fala diz respeito às transformações ocorridas e percebidas pela depoente naquilo que se refere à forma como o luto era vivenciado. Além disso, apreendemos que transformações ocorridas nas condições materiais da sociedade interferem na forma de ver e organizar a vida.

Como já foi visto anteriormente, o luto expresso publicamente era visto como uma manifestação social que traduzia o pesar da perda de um parente. Na fala da depoente

¹⁰⁶Maria Iraci Lima de Assis, 58 anos. Aposentada. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de setembro de 2014.

conseguimos observar que vestir-se de preto era uma prática direcionada ao luto, assim como se resguardar por sete dias na própria residência, essa forma era uma maneira de expressar a dor sentida pela morte do ente querido.

Mas para Elias (2001) as mudanças relacionadas ao luto traduziram as transformações sociais como consequência do processo civilizador, que apontou para uma crescente individualização. De acordo com o autor, os indivíduos passaram a sentir um certo desconforto em expressar socialmente o estado de luto que se está vivenciando e, ao mesmo tempo, existiu um desinteresse dos outros em acompanhar esse processo. Para Juliana Luiza:

A partir do século XIX, o homem, cada vez, mais podado das possibilidades de expressar seus sofrimentos – encerrados na intimidade dos lugares burgueses – e, ao mesmo tempo, exposto à esfera pública da urbanidade moderna, dependia de um conjunto de códigos sociais que lhes indicava o que era prudente ou não de ser mostrado. Aprendia a aniquilar seus instintos, deixando de pensar e agir espontaneamente. Esse corpo vitoriano, docilizado e contido, foi submetido a rígida racionalização em prol de um autocontrole baseado em uma moral ascética e pudica. (SCHMITT, 2008, p. 237).

Portanto, evitar a demonstração dos sentimentos relacionados à morte e ao luto é uma característica marcante desse novo homem que foi sendo moldado pelo processo civilizador. Nesse sentido, apreendemos que as atitudes diante da morte e do morrer são cada vez mais modificadas nesta sociedade onde o individualismo se tornou marca registrada.

Em seu estudo Gilles Lipovetsky (2005) analisa a sociedade dita pós-moderna e faz reflexões sobre as novas atitudes do indivíduo manifestadas no mundo ocidental. Segundo o autor essas atitudes exprimem uma perda de importância da esfera pública, bem como das suas instituições coletivas (sociais e políticas), que vai se alargando diante da emergência do individualismo de tipo narcísico e hedonista, naquilo que seria uma segunda revolução individualista.

O referido autor disserta sobre o enfraquecimento da sociedade, dos costumes, do indivíduo contemporâneo da era do consumo de massa, a emergência de um modo de socialização e de individualização inéditos, numa ruptura com o que foi construído a partir dos séculos XVII e XVIII. Para Gilles:

[...] Essa mutação histórica que ainda está se processando, considerando que, de fato, o universo dos objetos, das imagens e da informação, bem como os valores hedonistas, permissivos e psicológicos que ligados a ele, geralmente, simultaneamente a uma nova forma de controle dos comportamentos, uma diversificação incomparável dos modos de vida,

uma flutuação sistemática da esfera privada, das crenças, e dos modos de agir; em outras palavras, uma nova fase na história do individualismo ocidental. (LIPOVETSKY, 2005, p. XV).

Podemos relacionar esse individualismo ocidental com a maneira como os indivíduos vêm tratando a morte e tudo que está relacionado ao tema, sobretudo no que se refere aos cuidados referentes ao funeral de um familiar. Sem dúvidas os modos de agir diante do morrer têm passado por um processo rápido de transformação, diferente do que Philippe Ariès acreditava, os comportamentos diante da morte vêm acontecendo de forma acelerada nos últimos anos.

Organizar o velório, mandar confeccionar a mortalha, o caixão, realizar as inselências, fazer a vigília, providenciar o sepultamento, tudo isso eram atividades exclusivamente domésticas e familiar que hoje passa a ser uma responsabilidade das empresas funerárias. Acreditamos que tais transformações estão correlacionadas, sobretudo, ao consumo em massa proposto pelo sistema capitalista. Sobre o conceito de consumo Bauman destaca que:

Se reduzido à forma arquetípica do ciclo metabólico de ingestão, digestão e excreção, o consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos – e com toda certeza é parte permanente e integral de todas as formas de vida conhecidas a partir de narrativas históricas e relatos etnográficos”. (BAUMAN, 2008, p. 37).

Porém, o consumismo aparece quando o consumo admite o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho. Em outras palavras, de “maneira distinta do *consumo*, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o *consumismo* é um atributo da *sociedade*”. (BAUMAN, 2008, p.41). Ou seja, o consumo pertence ao domínio da natureza, e o consumismo ao domínio da cultura, este último se tornou “uma forma específica de convívio humano”. (BAUMAN, 2008).

Não é por acaso que os serviços funerários também passaram a ser artigos de consumo em uma sociedade projetada para consumir, adquirir, comprar. Para Zygmunt, os próprios indivíduos se transformaram em mercadorias no intuito de serem aceitas no espaço social por meio das relações humanas para, assim, garantirem sua visibilidade numa sociedade onde, cada vez mais, tudo se torna efêmero. O consumidor somente se torna sujeito após se transformar em mercadoria e, se na sociedade de trabalhadores a

força de trabalho tornou-se mercadoria, na sociedade de consumo as próprias pessoas se transformam como tal. (BAUMAN, 2008).

Ainda no que se refere à ocultação e interdição da morte e dos mortos, as técnicas de conservação do corpo e necromaquiagem mostram-se como estratégias de afastar os signos da morte do cadáver. Como citado anteriormente, a tanatopraxia está inclusa entre os serviços da funerária Anjo da Guarda, que garante ao cliente descontos especificados na tabela de preços dos planos, já que a empresa contrata um serviço terceirizado para realizar este procedimento.

A diferença entre a tanatopraxia e a formolização é que esta deixa o corpo enrijecido fazendo, muitas vezes, com que rache ou estufe, já aquela deixa o corpo morto com uma aparência mais natural, atrasando a decomposição do defunto. Sobre esta técnica Isabela Moraes explica que:

A técnica consiste numa incisão na parte inferior do pescoço na região onde se encontra as veias circulatórias (a artéria carótida e a veia jugular). Com o auxílio de uma bomba injetora, insere-se na artéria carótida (que conduz o sangue arterial do coração para o cérebro) de três a seis galões de fluído (esses fluídos são compostos por soluções de formaldeído, glicerina, bórax, fenol e álcool, que são misturados à água) para desinfecção e preservação do cadáver. Na veia jugular (que transporta o sangue venoso para o cérebro) um dreno tubo é colocado para sugar o sangue do corpo. Depois é feita uma pequena incisão acima do umbigo e com ajuda da bomba aspiradora insere-se uma longa agulha no interior da cavidade abdominal e torácica para aspirar o sangue e outros líquidos, em seguida insere-se uma quantidade de fluídos de preservação com a finalidade de fixar os tecidos e as vísceras, impedindo o inchaço e o extravasamento. (MORAIS, 2009, p. 195).

Com a utilização dessa técnica, assim como a necromaquiagem, algumas deformações causadas por alguns tipos de causa-morte (assassinato, acidentes) que chegam a desfigurar a imagem do defunto são afastadas do corpo. Além disso, esse serviço é optado por algumas famílias para que no momento do velório não haja desconforto ou estranheza por parte dos que irão prestar as últimas homenagens ao falecido(a). De acordo com Mirineide¹⁰⁷, “[...] essa técnica do tanato dá aquela ideia do

¹⁰⁷Mirineide Chaves Soares, 37 anos. Gerente Administrativa da agência de Limoeiro do Norte – CE. Graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM. Entrevista realizada em 18 de setembro de 2014.

“estar dormindo”, deixa o corpo mais natural possível, deixa aquela imagem mais natural”.

A reparação facial também é uma técnica que está relacionada a essa manobra de preservar a imagem da vida num corpo desfalecido, já que ela prepara ou reconstrói a face com o objetivo de estabelecer uma aparência mais próxima da que a pessoa morta possuía enquanto estava viva. Durante esse procedimento as partes do corpo que estão faltando (olhos, nariz, lábios, mãos, orelhas) podem ser substituídas por ceras reparadoras.

Dessa forma, a lógica de dissimular a morte é percebida, uma vez que todo procedimento feito com o corpo morto está voltado para a ocultação daquilo que acontece naturalmente com todo e qualquer cadáver. Oferecer esses tipos de serviços está muito voltado para as questões que levantamos ao longo do capítulo com relação aos serviços funerários, as estratégias comerciais nesse ramo de negócios e, por conseguinte, a forma como as pessoas na contemporaneidade lidam com o fim da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da escrita deste trabalho iniciou-se a partir de uma inquietação e curiosidade em analisar a atuação das casas funerárias e as principais mudanças ocorridas nos rituais fúnebres em Limoeiro do Norte – CE, no tempo presente. O anseio em entender minimamente a morte e como esta é pensada na sociedade cristã católica ao longo do tempo nos impulsionou a realizar esta prazerosa pesquisa. Já que o dinamismo que a própria história carrega não permite conclusões acerca das questões propostas, este não é um trabalho concluído. Sendo assim, muitas análises ainda podem e devem ser feitas a respeito do tema, que em sua infinidade de problemáticas pode instigar muitos pesquisadores.

Percebemos, ao longo da pesquisa, que o velório e todos os rituais e práticas que seguem as manifestações sociais vinculadas a fé e a religiosidade dos católicos cristãos sofreram transformações bastante expressivas. Os cuidados referentes ao morrer, ao corpo morto e ao moribundo já não são os mesmos das décadas de 1970 e 1980, o velar e o sepultar já não acontecem da mesma forma. Vimos que muitos rituais e práticas deixaram de existir ou simplesmente passaram por um processo de transformação.

A preparação para o momento final da vida também está vinculada às atitudes tomadas pelo ser humano em vida, que depositando sua fé no sagrado sente-se mais tranquilos com relação à vida após a morte. Compreendemos que os rituais praticados em vida são manifestações culturais e sociais que variam conforme o tempo histórico, a sociedade e a construção simbólica dos indivíduos.

É importante lembrar que as análises feitas revelam que uma nova cultura funerária está surgindo na contemporaneidade, embora ela ainda esteja passando por um processo de transformação e desenvolvimento. As mudanças ocorridas nas práticas de morte demonstram um novo tipo de experiência vivido pelos indivíduos na forma como os vivos e falecidos se relacionam.

Utilizamos como referencial teórico autores que discutem histórica e metodologicamente o tema dentro de uma abordagem dada pela Nova História Cultural. Nesse sentido, buscamos fazer uma análise sobre a morte e os rituais e práticas que a cercam a partir da percepção de cultura como um conjunto de significados partilhados e constantemente construídos, observando esse conjunto de características humanas como uma forma de expressão e tradução da realidade, mediante sua instituição simbólica.

Durante o trabalho de pesquisa apreendemos que providenciar o velório, confeccionar a urna, encomendar o caixão, vestir e limpar o corpo do morto, realizar o cortejo fúnebre e o sepultamento, todos esses cuidados eram de responsabilidade da própria família do falecido(a), que tinha como encargo cuidar de tudo que se referia ao falecimento do ente querido. Porém, o que se buscou analisar na presente pesquisa foi perceber em que medida a atuação das atuais casas funerárias e os seus respectivos serviços interferiram nas mudanças relativas às práticas mortuárias.

Temos a concepção de que as práticas e os rituais fúnebres na sociedade ocidental sofreram, com o tempo, mudanças no que diz respeito a sua elaboração e seus significados. Percebemos que as relações entre vivos e mortos se transformaram em Limoeiro do Norte – CE, principalmente após o ano de 1989, ano em que a Funerária Anjo da Guarda passa a atuar nesta cidade, deixando evidente a influência das casas funerárias nesses processos de modificações.

Percebemos que a aquisição de um plano funerário permite que as pessoas possam gerenciar a morte, passando a consumir produtos e serviços fúnebres que se tornaram indispensáveis para se viver de forma tranquila com relação aos preparativos do funeral. Dessa forma, observamos que as estratégias de vendas criadas pelas empresas funerárias, em especial a Anjo da Guarda, foram importantes para o crescimento do consumo desses planos em Limoeiro do Norte.

Dentre essas estratégias destacamos a ocultação e banimento do tema da morte nos discursos funerários, como também no próprio espaço físico de suas agências, já que os caixões não ficam mais expostos no *hall* de entrada. A mudança no léxico fúnebre mostrou-se importante para esse processo de afastamento, uma vez que o fim da vida na terra tornou-se algo impensável e inominável.

Não há dúvidas de que o sistema empresarial vinculado à morte se tornou algo lucrativo e rentável através de uma relação comercial mantida entre a empresa e o consumidor. Com isso, o distanciamento entre vivos e mortos se concretiza na medida em que as pessoas deixam de preparar os rituais que seguem o evento da morte.

Compreendemos que a sociedade de consumo em que vivemos permitiu o desenvolvimento e ascensão dos negócios relacionados à morte, influenciando, dessa maneira, nos comportamentos diante do morrer. Com relação ao consumismo, Bauman afirma que:

A “sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação”. (BAUMAN, 2008, p.70-71).

Concordamos quando este autor diz que consumir está relacionado à integração social de si próprio, o que, numa sociedade de consumidores, “traduz-se em “vendabilidade”: obter qualidade para as quais já existe uma demanda de mercado, ou reciclar as que já se possui, transformando-as em mercadorias para as quais a demanda pode continuar sendo criada”. (BAUMAN, 2008, p. 75).

Convém destacar que os consumidores fúnebres utilizam o consumo dos planos funerários (A, B, C e D) para se diferenciarem socialmente, já que o que se paga com o funeral revela a condição social do morto(a). Esta lógica está muito relacionada à rejeição das pessoas em fazer uso do direito garantido pelo poder público com relação aos gastos com o velório.

Contudo, as empresas privadas do ramo funerário se adequaram às novas demandas e dinâmicas sociais, oferecendo serviços e produtos que atendam a uma sociedade que cada vez mais não detém de tempo para organizar um velório. Vivemos um momento em que a pudicícia moderna não permite que toquemos um corpo morto para fazer sua assepsia, para esse tipo de trabalho as funerárias disponibilizam funcionários devidamente capacitados.

Em todo caso, não podemos deixar de destacar que a forma como nos relacionamos com o velar, o sepultar, com os moribundos e com os corpos mortos nos permite conhecer e entender as dinâmicas socioculturais de uma sociedade. Sem dúvidas, os estudos sobre a morte admitem um entendimento mais complexo sobre a maneira como os vivos pensam e refletem sobre sua própria existência.

Restringir as mudanças nas práticas fúnebres apenas ao comércio vinculado à morte seria uma grande falha. Temos que perceber que os processos socioculturais e a maneira como a sociedade se relaciona com seu cotidiano também passa por transformações, sendo estas refletidas em vários aspectos da vida. Nesse sentido, apreendemos que as mudanças ocorridas na cultura fúnebre estão relacionadas com a modernidade, o individualismo e, sobretudo, com o consumo.

Sabemos que o consumo de serviços fúnebres está em constante desenvolvimento e transformação, dessa forma possibilitando o levantamento de outras discussões. Compreendemos que muitas questões ficarão em aberto para que pesquisas futuras possam respondê-las, possibilitando maiores debates acerca da morte e do comércio vinculado a ela.

FONTES

- Narrativas Orais:

Maria Alves de Lima, 85 anos. Entrevista realizada em julho de 2010.

Maria Augusta da Silva, 72 anos. Entrevista realizada em julho de 2010.

José Lopes Lima, 60 anos. Entrevista realizada em julho de 2010.

Ricardo Alves, 37 anos. Entrevista realizada em julho de 2010.

Maria de Lourdes Maia Pitombeira, 66 anos. Entrevista realizada em maio de 2012.

Luciano de Freitas. 29 anos. Entrevista realizada em setembro de 2014.

Maria das Graças de Lima, 65 anos. Entrevista realizada em julho de 2014.

Maria Iraci Lima de Assis, 58 anos. Entrevista realizada em setembro de 2014.

Cassiano Pedroso Bizarria Neto, 55 anos. Entrevista realizada em setembro de 2014.

Mirineide Chaves Soares, 37 anos. Entrevista realizada em setembro de 2014.

Raimunda Geralda Dias de Paiva. 47 anos. Entrevista realizada em setembro de 2014.

- Fontes Escritas:

Contrato de adesão aos planos funerários.

Cartela de serviços dos planos.

Material de marketing da empresa Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda:

Panfletos, *folders*, guia Afagu.

Diário de Campo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Violar Memória e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil**. In: _____. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. Ritos, sabenças, linguagens, arte e técnicas. Vol. 3. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. **Organização espacial e questão ambiental: o caso da cidade de Limoeiro do Norte (CE)**. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento e Meio Ambiente – Subárea: Ecologia e Organização do Espaço) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2003.

ÀRIES, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro 2003.

_____. **O homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. I. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BARROSO, Gustavo. Memórias. **Coração de menino**. 3°. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar - UFC, 2000.

BAKHTIN, M. **Du discours romanesque**, in *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1978.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BERTMAN, Stephen. **Hipercultura: o preço da pressa**. Tradução Ana André. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

BRAET, Herman & VERBEKE, Werner (eds.). **A Morte na Idade Média**. Tradução de Heitor Megale, Yara Frateschi, Maria Clara Cescato. São Paulo, EDUSP, 1996. (Ensaios de Cultura 8)

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3° ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios**. Bauru, SP: Edusc, 2005. (Coleção História).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. 5ªed. São Paulo: Global, 2002. Contos tradicionais do Brasil.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUVEAU, Agnès e TÈTART, Phillippe. **Questões para a História do Presente**. Tradução de Ilka Stern Chen. – Bauru, SP, 1999.

CHAVES, Elisgardênia de Oliveira. **Viver e morrer: Uma análise sobre a configuração sócio-familiar na freguesia de Limoeiro – CE (1870 a 1880)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, 2009.

CHAVES, Maria Lucenir Jerônimo. **A urbanização e modernização da agricultura em Limoeiro do Norte: impactos socioespaciais**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, 2004.

_____. **O trabalho de formação do MEB - Limoeiro junto às lideranças do sindicato dos trabalhadores rurais de Tabuleiro do Norte: uma construção de novos saberes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Popular) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1997.

COE, Agostinho Júnior de Holanda. **A Morte e os Mortos na Sociedade Ludovicense (1820-1855)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2005.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **História do cotidiano e da vida privada**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). “Domínios da História (Ensaio de teoria e metodologia da história)”. Rio de Janeiro: Ed. Campus 1997.

DIAS, Sérgio Roberto (org.). **Gestão de Marketing**. São Paulo: Saraiva, 2005.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Vol. 1. 1994.

_____. Introdução. In: **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998. p. 07-32.

_____. **A Solidão dos Moribundos, seguido de envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do Tempo Presente: desafios.** Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, nº 3, p. 111- 124, maio/jun., 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos.** São Paulo Humanitas/FFLCH/USP: Ed. Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FREITAS, Maria das Dores Vidal; OLIVEIRA, Maria Lenira de. **Limoeiro em fatos e fotos.** Fortaleza: Edições do Autor, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de setembro de 1970.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Sobre a história da sexualidade,** in *Microfísica do poder.* Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALENO, Cândida. **Ritos Fúnebres no Interior do Ceará.** Fortaleza: Ed. Henriqueta, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Tradução de: The interpretation of cultures. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Representação: a palavra, a idéia, a coisa.** In: _____. *Olhos de madeira:* nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

Hertz, R. **Mélanges de sociologie religieuse et de folklore,** Paris, 1928, pp.1-98. (tr. it., La preminenza della destra e altri saggi, Turim, 1994, pp. 53-136).

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** Fortaleza: Imprensa universitária, 2011.

KOTLER, Phillip e ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing.** 9º Ed., São Paulo: Prentice Hall, 2003.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do rio das onças.** Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

LIMA, Rafaela Moreira de. **Os planos funerários e a ideia de “morrer em paz”: atitudes, comércio e serviço – Limoeiro do Norte - CE, pós 1989.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de História, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE, Limoeiro do Norte – CE, 2012.

LINDLEY, Thomas. **Narrative of a voyage to Bazil**. London, J. Johnson, 1823. 2 v.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri – SP: Editora Manole, 2005.

MALVEIRA, Antônio Nunes. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos**. Rio de Janeiro: Gráfica Peneluc, 1998b.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é a morte**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARQUES, Paula. **Ansiedade Face à Morte: Uma Abordagem Psicológica e Educativa**. Maio, 2000. Disponível em: <<http://pcmarques.páginas.sapo.pt/Ansiedade.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

McCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Tradução de Fernanda Eugénio. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MESTRE, Marilza; PINOTTI, Rita de Cássia. **As representações sociais e o inconsciente coletivo: um diálogo entre duas linhas teóricas**. Revista eletrônica de psicologia, Curitiba, n. 04, jul. 2004. Disponível em: www.utp.br/psico.utp.online. Acesso em: 20 de fev. 2011.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MORAES, Douglas Batista. **Bem Nascer, Bem Viver, Bem Morrer**. Administração dos Sacramentos da Igreja em Pernambuco 1650 à 1790. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte: Estudos sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia no grupo Parque das Flores, em Alagoas**. Recife, 2009. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

_____. **Consumidores fúnebres “verdes”: o consumo consciente na morte ecologicamente correta**. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia: Curitiba – PR, 2011.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Portugal: Ed. Publicações Europa-América, LDA, 1976.

NOGUEIRA, Carlos Eduardo Vasconcelos. **Tempo, progresso, memória: um olhar para o passado na Fortaleza dos anos trinta**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, 2006.

ORLANDI, E. P. **Protagonistas do/no discurso e O linguístico e o social**, in Foco e pressuposição. Uberaba: Fiube, 1978, pp. 11-29 e 75-80.

PESAVENTO, Jatahy Sandra. **Esta história que chamam micro**. In: “Questões de teoria e metodologia da história”. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

_____. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005 (coleção história e reflexões).

_____. **Ritos da Vida Privada**. In: NOVAIS, Fernando A. e Souza, MELLO, Laura (org). “História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa”. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

PINTAUDI, S. M. **O consumo do espaço de consumo**. In: Márcio Pinõn de Oliveira; Maria Célia Nunes Coelho; Aureanice de Mello Corrêa. (Org.). O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas (II). 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, v. II, p. 121-127.

PONTES, Annie Larissa Garcia Neves. **Irmandades do Senhor Bom Jesus dos Passos: Festas e funerais na Natal oitocentista**. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, (2008).

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos. Trad. Monique Augras. Rio de Janeiro, 1992, vol. 5, n.10, p. 200-212.

_____. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. In. Projeto História, N.º 14, São Paulo: PUC, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um Pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In. Projeto História, n.º 15, São Paulo: PUC, abril. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral** [seleção dos textos Alessandro Portelli e Ricardo Santiago: tradução Fernando Luiz e Ricardo Santiago]. – São Paulo: Letras e Voz, 2010 – (Coleção Idéias).

REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Ana Cláudia Aníbal. **Jesus, Maria e José, minha alma vossa é! Velórios e Enterros na Comunidade Jardim São José – Russas – CE (1970-1990)**. 2010. 66p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) — Curso de História Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE, Limoeiro do Norte – Ce, 2010.

_____. **A morte pede passagem: ressuscitando lembranças dos ritos fúnebres em Russas - CE (1930-1962)**. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) - Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento** – Tradução: Alain François [et al]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIEDL, Titus. **Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste Brasileiro**. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secult, 2002.

RODRIGUES, Carlos Moisés Silva. **No tempo das Irmandades: Cultura, identidade, e resistência nas irmandades religiosas do Ceará (1864-1900)**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos**. São Paulo: Ed. Vera Cruz, 2004.

SAHLINS, Marshall D. **Cultura e Razão Prática**. Tradução de Sérgio Tadeu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral**. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) - Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHMITT, Juliana Luiza de Melo. **Mortes Vitorianas: Corpos e Luto no século XIX**. IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo V.1 N. 1 abr./ago. 2008.

SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte Ceará**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

SOUSA, Maria Fátima Pereira Santos de. **História dos comboios em Limoeiro do Norte**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)–Curso de História, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Limoeiro do Norte, 1997.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **A morte e o culto aos mortos nas tradições populares de Rondônia**. Porto Velho, 2009.

VAILATE, Luiz Lima. **A morte menina: Práticas e representações da morte infantil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)**. Tese (Doutorado em História)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2005.

_____. **Os funerais de “anjinchos” na literatura de viagem**. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol.22, nº44, 2002, p.356-392.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**. São Paulo: Campus, 2002.

_____. **O cotidiano da morte no Brasil oitocentista.** In: ALENCASTRO, Luís Felipe de; NOVAIS, Fernando A. (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

ANEXOS

**ANEXO A – Roteiro de entrevistas realizadas com as clientes da Funerária
Assistência Familiar Anjo da Guarda**

Qual o nome completo, idade, naturalidade e profissão?

Há quantos anos é cliente da funerária Anjo da Guarda?

Qual o seu tipo de plano?

Quem é o titular do plano?

Como foi a seleção dos que iriam entrar como associado no seu plano?

Teve algum receio em aderir ao plano fúnebre?

Como foi o primeiro contato com a empresa funerária?

Por meio de quê ficou conhecendo os serviços da Anjo da Guarda?

Por qual motivo aderiu ao plano funerário?

Já perdeu algum ente querido? Quando?

Já precisou acionar os serviços da funerária?

Em que consistia esse serviço?

Quais os materiais que eles forneceram?

O que achou do serviço oferecido pela funerária?

Chegou a frequentar velórios no tempo de menina?

Como eram os velórios de antigamente? No tempo que era adolescente?

Chegou a limpar algum defunto?

Quem confeccionava as mortalhas naquele tempo?

E os caixões?

Quais as orações que faziam durante o velório?

Tinha muita gente nos velórios?

Como eram os enterros?

Vivenciou algum luto? Como?

ANEXO B – Roteiro de entrevista realizada com os executivos de vendas

Qual o nome completo, idade, naturalidade?

Há quanto tempo trabalha na empresa?

Há quanto tempo trabalha na área?

Quantas pessoas compõem sua equipe?

Qual sua rota dentro do município?

Ainda encontra muita rejeição com relação à venda dos planos?

Por qual motivo algumas pessoas alegam não querer o plano?

Existe alguma diferença quanto à resistência entre os moradores da zona rural e urbana?

Qual a faixa etária das pessoas que aderem aos planos?

Consegue bater a meta ao final do mês?

Quais as estratégias de venda?

Como consegue convencer um cliente a aderir ao plano Afagu?

Quais os maiores desafios do seu trabalho

ANEXO C – Roteiro de entrevista realizada com o atendente funerário

Qual o nome completo, idade, naturalidade?

Há quanto tempo trabalha na empresa?

Há quanto tempo trabalha na área?

Quais os maiores desafios do seu trabalho?

Que tipo de treinamento recebe para lidar com os clientes, já que chegam, geralmente, como o emocional abalado?

Quais as orientações que são repassadas para o cliente?

Como funciona todo o processo quanto ao falecimento de alguém que tinha o plano?

Quais equipes são acionadas?

Qual o trabalho desempenhado por essas equipes?

ANEXO D – Roteiro de entrevista realizada com a gerente da agência de Limoeiro do Norte - Ce

Qual o nome completo, idade, naturalidade?

Há quanto tempo trabalha na empresa?

Há quanto tempo trabalha na área?

Me fale da sua experiência enquanto gerente durante esses 18 anos de gerência?

Quantos funcionários a agência de Limoeiro do Norte- CE possui?

Quantos setores existem na empresa?

Quais os serviços oferecidos pela empresa?

Quais os tipos de planos e o que define cada um deles?

Qual pesquisa de mercado a empresa fez para se instalar no município?

Que tipo de treinamento a empresa disponibiliza aos seus funcionários?

O que garante ao cliente que todo o serviço será realizado quando necessário?

Qual o marketing utilizado pela empresa?

Onde são confeccionados os caixões?

Onde se localiza o estoque desses materiais?

Quais empresas fornecem esse apetrecho?

Como são as vestimentas oferecidas pela funerária?

Existe uma procura por produtos personalizados?

Quais documentos a empresa disponibiliza aos seus clientes?

O que é a carta de crédito?

Quais as principais diferenças entre o velório católico e o evangélico?

Como funciona a seleção para os futuros funcionários?

Quais os documentos a funerária emite quando há o falecimento de algum cliente?

Qual a responsabilidade de vocês com relação à abertura de covas?